



**UNIVERSIDADE DO ALGARVE**  
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO

## **ANEXOS**

# **A INCLUSÃO NO 1.º CICLO DO ENSINO BÁSICO**

**Um estudo de caso**

Mestrado em Psicologia da Educação: Necessidades Educativas Especiais

Melânia Maria Salgado Dias

Orientador: Prof. Doutor José Alberto Mendonça Gonçalves

FARO, 2006

## ÍNDICE

Anexo 1	Guião da entrevista ao 1.º Professor do aluno .....	4
Anexo 2	Guião das entrevistas ao 2.º e 3.º Professores do aluno .....	6
Anexo 3	Guião da entrevista à Psicóloga escolar .....	8
Anexo 4	Protocolo da entrevista ao 1.º Professor do aluno .....	10
Anexo 5	Protocolo da entrevista ao 2.º Professor do aluno .....	18
Anexo 6	Protocolo da entrevista à 3.ª Professora do aluno .....	22
Anexo 7	Protocolo da entrevista à Psicóloga escolar .....	26
Anexo 8	Entrevista ao “Aluno-caso” .....	30
Anexo 9	1.º tratamento da entrevista ao 1.º Professor do aluno .....	33
Anexo 10	1.º tratamento da entrevista ao 2.º Professor do aluno .....	40
Anexo 11	1.º tratamento da entrevista à 3.ª Professora do aluno .....	44
Anexo 12	1.º tratamento da entrevista à Psicóloga Escolar .....	48
Anexo 13	Pré-categorização da entrevista ao 1.º Professor do aluno .....	52
Anexo 14	Pré-categorização da entrevista ao 2.º Professor do aluno .....	66
Anexo 15	Pré-categorização da entrevista à 3.ª Professora do aluno .....	71
Anexo 16	Pré-categorização da entrevista à Psicóloga escolar .....	76
Anexo 17	Categorização das unidades de sentido da entrevista ao 1.º Professor do aluno .....	81
Anexo 18	Categorização das unidades de sentido da entrevista ao 2.º Professor do aluno .....	92
Anexo 19	Categorização das unidades de sentido da entrevista à 3.ª Professora do aluno .....	98
Anexo 20	Categorização das unidades de sentido da entrevista à Psicóloga escolar .....	103
Anexo 21	Quadro de comparação de dados .....	108

Anexo 22	Protocolo da 1.ª observação .....	111
Anexo 23	Protocolo da 2.ª observação .....	114
Anexo 24	Protocolo da 3.ª observação .....	117
Anexo 25	Protocolo da 4.ª observação .....	121
Anexo 26	Protocolo da 5.ª observação .....	123
Anexo 27	Protocolo da 6.ª observação .....	130
Anexo 28	Protocolo da 7.ª observação .....	132
Anexo 29	Ficha de síntese da 1.ª observação .....	136
Anexo 30	Ficha de síntese da 2.ª observação .....	138
Anexo 31	Ficha de síntese da 3.ª observação .....	140
Anexo 32	Ficha de síntese da 4.ª observação .....	142
Anexo 33	Ficha de síntese da 5.ª observação .....	143
Anexo 34	Ficha de síntese da 6.ª observação .....	146
Anexo 35	Ficha de síntese da 7.ª observação .....	148
Anexo 36	Grelha de síntese das observações .....	151

## ANEXO 1

<b>Guião da Entrevista ao 1.º Professor do aluno</b>
--

**I - Tema:** A Inclusão no 1.º Ciclo do Ensino Básico

**II - Objectivo Geral:** Conhecer as vantagens e desvantagens da inclusão para os alunos com NEE e para os alunos sem NEE.

**III - Objectivos específicos e estratégias:**

<b>Designação dos Blocos</b>	<b>Objectivos Específicos</b>	<b>Questões a considerar no desenvolvimento da entrevista</b>	<b>Observação</b>
<p style="text-align: center;"><b>A</b></p> <p>Legitimação da entrevista.</p> <p>Motivação do entrevistado.</p> <p>Introdução do tema.</p>	<p>Legitimar a entrevista.</p> <p>Motivar o entrevistado.</p> <p>Conduzir o entrevistado à situação sobre o qual o vamos entrevistar.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Elucidar o entrevistado sobre o tema do trabalho;</li> <li>- Agradecer a sua colaboração e disponibilidade;</li> <li>- Garantir a confidencialidade da informação;</li> <li>- Assegurar o retorno dos resultados;</li> <li>- Esclarecer dúvidas;</li> <li>- Pedir autorização para gravar a entrevista.</li> </ul>	<p>Usar clareza nas respostas às dúvidas do entrevistado.</p>
<p style="text-align: center;"><b>B</b></p> <p>Caracterização o pessoal e profissional do entrevistado.</p>	<p>Conhecer dados pessoais e profissionais do entrevistado.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Situação profissional;</li> <li>- Tempo de serviço;</li> <li>- Habilitações académicas;</li> <li>- Motivação da escolha profissional.</li> </ul>	<p>Criar condições para uma exposição clara e o mais objectiva possível por parte do entrevistado.</p>
<p style="text-align: center;"><b>C</b></p> <p>Caracterização o do protagonista do estudo.</p>	<p>Conhecer os antecedentes do protagonista deste estudo.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Antecedentes familiares e escolares do protagonista deste estudo;</li> <li>- Características pessoais do aluno;</li> <li>- Ambiente familiar.</li> <li>- Ambiente escolar.</li> </ul>	<p>Criar condições para uma exposição clara e o mais objectiva possível por parte do entrevistado.</p>

<b>Designação dos Blocos</b>	<b>Objectivos Específicos</b>	<b>Questões a considerar no desenvolvimento da entrevista</b>	<b>Observação</b>
<b>D</b> Estratégias de resposta às necessidades do aluno	Conhecer o que fez a escola perante as dificuldades do aluno.	- Condições dadas ao aluno para superar as dificuldades. - Dificuldades sentidas.	Criar condições para uma exposição clara e o mais objectiva possível por parte do entrevistado.
<b>E</b> Caracterização da situação de inclusão.	Conhecer aspectos inerentes à sua vida profissional relativos à inclusão de alunos com NEE e/ou portadores de deficiência na sua turma de ensino regular (turma essa onde está incluído o protagonista do nosso estudo).	1. Vantagens da inclusão: - Vantagens da inclusão de alunos com NEE e/ou portadores de deficiência. - Vantagens da inclusão para os alunos ditos “normais”; - Vantagens da inclusão para o protagonista deste estudo.  2. Desvantagens da inclusão: - Desvantagens da inclusão de alunos com NEE e/ou portadores de deficiência. - Desvantagens da inclusão para os alunos ditos “normais”. - Desvantagens da inclusão para o protagonista do nosso estudo.	Os tópicos expressos neste bloco constituem pontos de partida para a elaboração das perguntas, as quais dependerão, em última instância, das características da entrevista e do entrevistado.

## ANEXO 2

### Guião da Entrevista ao 2.º e 3.º Professor do aluno

**I - Tema:** A Inclusão no 1.º Ciclo do Ensino Básico

**II - Objectivo Geral:** Conhecer as vantagens e desvantagens da inclusão para os alunos com NEE e para os alunos sem NEE.

**III - Objectivos específicos e estratégias:**

<b>Designação dos Blocos</b>	<b>Objectivos Específicos</b>	<b>Questões a considerar no desenvolvimento da entrevista</b>	<b>Observação</b>
<p style="text-align: center;"><b>A</b></p> <p>Legitimação da entrevista.</p> <p>Motivação do entrevistado.</p> <p>Introdução do tema.</p>	<p>Legitimar a entrevista.</p> <p>Motivar o entrevistado.</p> <p>Conduzir o entrevistado à situação sobre o qual o/a vamos entrevistar.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Elucidar o entrevistado/a sobre o tema do trabalho;</li> <li>- Agradecer a sua colaboração e a disponibilidade;</li> <li>- Garantir a confidencialidade da informação;</li> <li>- Assegurar o retorno dos resultados;</li> <li>- Esclarecer dúvidas;</li> <li>- Pedir autorização para gravar a entrevista.</li> </ul>	<p>Clareza nas respostas às dúvidas do entrevistado.</p>
<p style="text-align: center;"><b>B</b></p> <p>Caracterização pessoal e profissional do/a entrevistado.</p>	<p>Conhecer dados pessoais e profissionais do entrevistado/a.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Situação profissional;</li> <li>- Tempo de serviço;</li> <li>- Habilitações académicas;</li> <li>- Motivação da escolha profissional.</li> </ul>	<p>Criar condições para uma exposição clara e o mais objectiva possível por parte do entrevistado.</p>
<p style="text-align: center;"><b>C</b></p> <p>Caracterização do protagonista do estudo.</p>	<p>Caracterizar o aluno em termos de adaptação à nova situação escolar.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Adaptação à nova escola;</li> <li>- Características pessoais do aluno;</li> <li>- Traços educativo/escolares evidenciados pelo aluno.</li> <li>- Ambiente familiar.</li> <li>- Ambiente escolar.</li> </ul>	<p>Criar condições para uma exposição clara e o mais objectiva possível por parte do entrevistado.</p>

<b>Designação dos Blocos</b>	<b>Objectivos Específicos</b>	<b>Questões a considerar no desenvolvimento da entrevista</b>	<b>Observação</b>
<p><b>D</b></p> <p>Estratégias de resposta às necessidades do aluno</p>	<p>Conhecer o que fez a escola perante as dificuldades do aluno</p>	<p>Condições dadas ao aluno para superar as dificuldades.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Dificuldades sentidas.</li> </ul>	<p>Criar condições para uma exposição clara e o mais objectiva possível por parte do entrevistado.</p>
<p><b>E</b></p> <p>Caracterização da situação de inclusão</p>	<p>Conhecer aspectos inerentes à sua vida profissional relativos à inclusão de alunos com NEE e/ou portadores de deficiência na sua turma de ensino regular (turma essa onde está incluído o protagonista do nosso estudo).</p>	<p>1. Vantagens da inclusão:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Vantagens da inclusão de alunos com NEE e/ou portadores de deficiência.</li> <li>- Vantagens da inclusão para os alunos ditos “normais”;</li> <li>- Vantagens da inclusão para o protagonista deste estudo.</li> </ul> <p>2. Desvantagens da inclusão:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Desvantagens da inclusão de alunos com NEE e/ou portadores de deficiência.</li> <li>- Desvantagens da inclusão para os alunos ditos “normais”.</li> <li>- Desvantagens da inclusão para o protagonista do nosso estudo</li> </ul>	<p>Os tópicos expressos neste bloco constituem pontos de partida para a elaboração das perguntas, as quais dependerão, em última instância, das características da entrevista e do/a entrevistado.</p>

### ANEXO 3

**Guião da Entrevista à Psicóloga escolar**

**I - Tema:** A Inclusão no 1.º Ciclo do Ensino Básico

**II - Objectivo Geral:** Conhecer as vantagens e desvantagens da inclusão para os alunos com NEE e para os alunos sem NEE.

**III - Objectivos específicos e estratégias:**

<b>Designação dos Blocos</b>	<b>Objectivos Específicos</b>	<b>Questões a considerar no desenvolvimento da entrevista</b>	<b>Observação</b>
<p><b>A</b></p> <p>Legitimação da entrevista.</p> <p>Motivação da entrevistada.</p> <p>Introdução do tema.</p>	<p>Legitimar a entrevista.</p> <p>Motivar a entrevistada.</p> <p>Conduzir a entrevistada à situação sobre o qual a vamos entrevistar.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Elucidar a entrevistada sobre o tema do trabalho;</li> <li>- Agradecer a sua colaboração e a disponibilidade;</li> <li>- Garantir a confidencialidade das informações;</li> <li>- Assegurar o retorno dos resultados;</li> <li>- Esclarecer dúvidas;</li> <li>- Pedir autorização para gravar a entrevista.</li> </ul>	<p>Clareza nas respostas às dúvidas da entrevistada.</p>
<p><b>B</b></p> <p>Caracterização pessoal e profissional da entrevistada.</p>	<p>Conhecer dados pessoais e profissionais da entrevistada.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Ocupação profissional;</li> <li>- Tempo de serviço;</li> <li>- Habilitações académicas;</li> <li>- Motivação da escolha profissional.</li> </ul>	<p>Criar condições para uma exposição clara e o mais objectiva possível por parte do/a entrevistado/a</p>
<p><b>C</b></p> <p>Caracterização do protagonista do estudo.</p>	<p>Conhecer os antecedentes do protagonista deste estudo a nível psicológico.</p> <p>Conhecer as características pessoais do protagonista do estudo.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Características pessoais do aluno;</li> <li>- Influência do ambiente familiar; nos comportamentos do protagonista do estudo;</li> <li>- Influência do ambiente familiar na concentração do protagonista do estudo;</li> <li>- Condições de desenvolvimento e aprendizagem do aluno.</li> </ul>	<p>Criar condições para uma exposição clara e o mais objectiva possível por parte da entrevistada.</p>

<b>Designação dos Blocos</b>	<b>Objectivos Específicos</b>	<b>Questões a considerar no desenvolvimento da entrevista</b>	<b>Observação</b>
<p><b>D</b></p> <p>Caracterização da situação de inclusão.</p>	<p>Conhecer opiniões profissionais acerca da inclusão de alunos com NEE e/ou portadores de deficiência.</p>	<p>1. Vantagens da inclusão:                      - Vantagens da inclusão de alunos com NEE e/ou portadores de deficiência;                      - Vantagens da inclusão para os alunos ditos “normais”;                      - Vantagens da inclusão para o protagonista deste estudo.</p> <p>2. Desvantagens da inclusão:                      - Desvantagens da inclusão de alunos com NEE e/ou portadores de deficiência;                      - Desvantagens da inclusão para os alunos ditos “normais”;                      - Desvantagens da inclusão para o protagonista do nosso estudo.</p>	<p>Os tópicos expressos neste bloco constituem pontos de partida para a elaboração das perguntas, as quais dependerão, em última instância, das características da entrevista e da entrevistada.</p>

## ANEXO 4

### Protocolo da entrevista ao 1.º Professor do aluno

**P:** Posso gravar a entrevista?

**R:** Claro.

**P:** Quais são as suas habilitações académicas?

**R:** Tenho a licenciatura, a ... professor de ... de... do 1.º ciclo e 2.º ciclo, variante de Educação Física, a designação do curso.

**P:** Há quanto tempo exerce?

**R:** Há 8 anos.

**P:** E agora está a trabalhar no 1.º ciclo?

**R:** Estou a trabalhar no 1.º ciclo, por opção.

**P:** E o que é que o fez optar por isso?

**R:** A ... várias coisas, mas dentro delas destaca-se a colocação mais rápida do que no 2.º ciclo, a ... a colocação mais perto de casa e isto tudo coincidiu com o nascimento do 1.º filho e assim juntou-se o útil ao agradável. Estou mais perto de casa, estou colocado com garantia, o horário completo e todas as regalias que daí advêm e estou melhor, estou perto de casa. Estou numa escola aqui, estou numa escola aqui perto da minha residência.

**P:** O que pensa da inclusão de alunos com NEE, numa turma de ensino regular?

**R:** Isso é ... enfim ... por um lado pode ser bom ... e por outro lado pode ser mau. Há alunos que têm muito a ganhar com a sua inclusão numa turma regular, numa escola regular a ... nem tanto porque são alunos que precisam de uma pedagogia e de um trabalho muito diferenciado com especialização em determinados casos, que nós, professores do ensino regular não tivemos isso nos currículos académicos e mesmo que à posteriori se tenha feito alguma especialização, não consegue colmatar e não consegue fazer face às necessidades que esses alunos têm, que são muitas. Posso dar-lhe alguns exemplos mas ... (pausa) por um lado sim, por outro lado não.

**P:** Fale-me um pouco do protagonista deste estudo. Os antecedentes escolares...

**R:** Portanto... o protagonista deste estudo, era um miúdo que vivia numa cidade grande, Lisboa ... a ... foi um miúdo que nasceu prematuro, a...é um quinto filho, é o quinto filho, o pai que não é o pai também de todos os irmãos, mas o pai dele era... e pelas últimas informações que tenho é toxicodependente, muito violento, tratava mal a mãe, os outros irmãos, o próprio. Vivia numa situação muito, muito complicada, era sujeito a agressões, via agressões, via uma série de condicionantes que o perturbava bastante, a ... era um miúdo que não estava bem integrado na escola, que dava problemas, tanto na escola como nos ATLS onde estava. Era um miúdo com muito, muito ... todo o meio onde ele estava inserido era complicado para ele e tudo o mais. Agora, que o conheço há já três anos, é um miúdo muito sensível e que ele absorve tudo o que o rodeia. Para além disto, ele é um miúdo assinalado e era um miúdo com alínea i) e o diagnóstico dele é que era, era e é um aluno com um défice cognitivo acentuado, embora na minha opinião este seja agravado pelo ambiente que tem. Portanto se o ambiente está muito instável, ele começa a ficar instável e depois reage às vezes negativamente. É impulsivo. Porque ... prontos essa imagem está nele e prontos.

**P:** Como é que ele reagiu perante a mudança de escola e de cidade?

**R:** À partida, pois eu ... ele veio para ... (pausa) com a mudança e tudo, optou-se por matriculá-lo no 1.º ano. Foi uma turma que eu peguei no 1.º ano. A ... era tudo novo para toda a gente, prós alunos, para mim, para ele. Agora há que dar os parabéns à mãe de ter tido coragem talvez, de ter fugido do meio onde estava, à procura de melhores condições de vida. Se calhar necessariamente para ela, inicialmente pensou se calhar nela, mas também nos filhos e ela veio à procura de melhores condições de vida.

Ele ao chegar à escola vinha receoso, vinha ansioso porque não sabia se vinha para uma coisa melhor ou para uma coisa pior. Eu acho que ele viu que estava num grupo de amigos, viu que o professor se calhar era alguém que o aceitava e o podia ajudar, em quem podia confiar e neste momento, com este miúdo basta dar um assobio, basta dar um olhar, basta fazer uma sinalética e ele corresponde, e ele reage impecavelmente. Aliás, a mãe às vezes pede-me ajuda para o controlar quando as coisas estão a ficar um bocadinho mais tensas em casa, ela pede a minha ajuda e, ele é um miúdo que se sente bem na minha presença, na presença de todos os colegas da turma, que o aceitaram na

perfeição, é um colega a ... como qualquer outro, não tem, não fazem distinção nenhuma dentro da sala de aula, nas actividades curriculares e extra curriculares, não há minimamente nada. É sempre um miúdo mais difícil do que os outros, é sempre um miúdo que às vezes tem as suas teimosias. Às vezes não compreende porque não pode fazer aquilo e os outros podem, ou ... regras de de ... deles, regras de jogo deles, regras que eles próprios fazem, às vezes ... ele custa a aceitar um bocadinho, mas ... vai aceitando e está perfeitamente integrado.

**P:** Este aluno tem professor de apoio?

**R:** Tem sim senhora.

**P:** O apoio é ministrado dentro ou fora da sala de aula?

**R:** Dentro da sala de aula, como para já deveria ser sempre.

**P:** Acha que o aluno tem melhorado o seu desempenho escolar por ser apoiado?

**R:** Se este aluno não fosse apoiado não tinha os êxitos que está a ter. Uma pessoa que não conheça este miúdo, ou que não leia um pouco do processo dele, que é bastante, ... tem um volume bastante acentuado, até, ... se ninguém ler isto e à primeira vista, toda a gente diz que este aluno é um aluno que não tem alínea nenhuma e que até nem precisa de alínea, mas porque está completamente integrado, está com um apoio formidável e a professora de apoio tem sido fundamental, fundamental para o estado em que ele ainda está, o estado em que está, que ele tem. Portanto, ele tem vindo a superar todas as competências, ultrapassar até as competências que por vezes nós planificámos, nós planificámos tudo o mais e depois temos que as competências que nós planificámos são superadas muito mais cedo do que nós estamos a esperar, o que nos felicita muito.

**P:** Qual a reacção dos colegas perante um professor de apoio na turma?

**R:** Reagem bem. Eles também estão habituados desde o primeiro dia de aulas que tiveram, sempre tiveram a presença da professora na sala de aula e ... é mais uma professora deles, é mais uma professora deles, inclusivé, às vezes vão pedir-lhe ajuda (risos), quando o professor está ocupado com outros alunos e tudo o mais, há alunos que se dirigem à professora, pedem ajuda e tudo o mais e esta por vezes também, a maior parte das vezes nunca se nega e sempre ajuda em tudo.

**P:** No caso deste aluno acha que a inclusão tem sido benéfica?

**R:** Muito benéfica, muito benéfica, isto é daqueles alunos que como ainda há pouco atrás referi, que têm tudo a ganhar e que faz sentido uma, um ensino ... a inclusão destes alunos assim. Estes miúdos assim é perfeitamente viável, dá para trabalhar, eles desenvolvem, dá para trabalhar e eles, amanhã, no futuro vão ser pessoas mais autónomas e pessoas mais capazes, porque, nós potenciamos as capacidades destes miúdos com a inclusão numa turma regular. Isto faz todo o sentido.

**P:** Que progressos ou retrocessos acha que ele fez ou tem feito?

**R:** Ele tem feito mais progressos do que retrocessos. É um facto. Também estamos a falar de um miúdo que tem uma diferença de idade cronológica em relação aos outros, mas dado o défice cognitivo dele, se calhar está ainda a baixo ou igual àquilo que tem. Não sou eu a autoridade para dizer isso, mas ele tem feito muitos progressos. Os retrocessos que há, por vezes não será tanto retrocessos, será mais ... encaro mais como uma pausa. Isto é quando o ambiente em casa está mais tenso, ele ... a mãe agora vive com um companheiro, que ele gosta muito, que o companheiro também gosta muito do miúdo. Ele trata-o por pai, identifica-o como a imagem paternal a ... embora, claro, em todas as casas entra o sol, como se diz em senso comum e às vezes o ambiente torna-se um bocadinho mais tenso. A ... e ele aí vem mais perturbado. Assim que há qualquer coisa em casa, nós na sala de aula sentimos logo, sentimos logo, sentimos logo, logo, logo, logo. Aí há aquela pausa. Há aquela ... digamos assim que o pai e a mãe estão chateados durante uma semana, ele faz uma pausa durante uma semana. Na semana seguinte os pais resolveram o seu desacato, o seu desentendimento e ele vem outra vez todo satisfeito e todo bem e todo tranquilo e tudo muito bem. Daí a quinze dias, um mês há mais uma chatice lá em casa, dois dias estão chateados, um dia que estão chateados é uma pausa de um dia, uma pausa de dois dias.

**P:** Penso que já respondeu a esta pergunta, mas vou insistir. Para si qual é a principal razão para deste aluno estar integrado no regime educativo especial?

**R:** Para já é um aluno com défice cognitivo que foi diagnosticado por psicóloga e tudo o mais e este é ... daquele leque, o grupo de alunos que eu considero que têm tudo a ganhar, porque são alunos que ainda se consegue trabalhar, consegue-se fazer um currículo adaptado e tudo o mais e ele consegue ir potencializando as suas capacidades e ele vai, ao potencializar as suas capacidades, vai também adquirindo outras e desenvolver essas que vai adquirindo também. É um miúdo que dá para trabalhar,

porque temos um feedback, temos um output das aprendizagens, do nosso trabalho com ele. Porque há miúdos que se trabalham ou que se tentam trabalhar e não se consegue trabalhar com eles. Eles não dão resposta. A gente não consegue aferir se estamos a fazer bem, se estamos a fazer mal, porque pura e simplesmente, não obtemos resposta. Não sabemos se ele aprendeu. Ele hoje sabe contar até cinco, amanhã não sabe os números. Se calhar sou eu que não tenho conhecimentos para isto. E quando me surgir a oportunidade de adquirir esses conhecimentos, irei adquiri-los, certamente.

**P:** Este aluno é bem aceite pelos colegas?

**R:** É, já ainda há pouco tinha referido isso numa outra questão.

**P:** Como define o seu comportamento?

**R:** É ... como disse também ainda há pouco, ele dentro da sala de aula comigo e até com os funcionários, com todos os agentes do meio escolar não tem tido problemas nenhuns. Sei que ele esteve a frequentar um ATL, a ... que ele não se integrou e ele foi violento, e foi mal educado e tudo o mais e foi convidado depois a sair e a mãe também achou por bem mudá-lo de ATL. Isto ao mesmo tempo; isto na parte da tarde havia estes distúrbios todos, na parte da manhã tinha estado na sala, tranquilo, normal. Como disse ainda há pouco, as coisas tremem em casa e ele treme aqui. Mas ele aqui sente amizade, sente carinho, ele aqui sente apoio dos colegas, do professor do regular, da professora de apoio, de toda a comunidade escolar e sente-se bem, sente-se seguro dentro daquelas portas, chamada escola.

**P:** Que conclusões devemos tirar acerca da inclusão?

**R:** Vou bater outra vez na mesma tecla também. Temos que avaliar muito bem. Tem que haver uma seriedade muito grande, tem que haver uma seriedade muito grande. Tem que haver todas as pessoas, desde a pessoa que começa a diagnosticar, desde a pessoa que dá aulas no ensino regular, no ensino de apoio, tem que haver uma especialização para que realmente e efectivamente se diga: “- Este miúdo tem a ganhar com a inclusão. Aquele miúdo precisa de mais qualquer coisa do que a inclusão”. E aí é que tem que haver a diferença, porque nós se estamos, ... se não balizamos as coisas ...bem e estamos a ... a tentar, desculpem expressão, meter no mesmo saco todos os miúdos. A inclusão é boa, então vamos lá pôr todos os miúdos. Atenção: É boa, mas a quem ... a quem ... quem é que vai ser incluído e onde é que vai ser incluído, porque às

vezes há a incapacidade técnicas, físicas, psicológicas para conseguir fazer face às dificuldades que um determinado aluno tem e esse aluno precisa de qualquer coisa mais específica, mais localizada, mais circunscrita. Esse aluno não pode estar no meio de uma turma com vinte alunos, com dezoito alunos, com vinte e cinco alunos e com algumas barbaridades que também nós sabemos, de turmas extremamente grandes com alunos às vezes dois, três alunos com casos, com casos problemáticos. Isto não é inclusão, isto é qualquer coisa, podem-lhe chamar qualquer coisa terminada em ão também, mas não é inclusão. Portanto temos que fazer uma boa avaliação para saber quem é que vamos incluir para termos bons resultados e os bons resultados acho eu, que é, que é fazer com que o indivíduo seja mais capaz e seja mais autónomo no seu futuro, que seja capaz de viver a sua vida sem precisar de tanto, ajuda de terceiros.

**P:** O que acha mais decisivo para o sucesso escolar dos alunos com NEE?

**R:** Mais decisivo? Talvez, ... isto são sempre miúdos que vêm de ambientes muito deteriorados, desfavorecidos. Estes miúdos precisam de carinho, de muito apoio, apoio, não é o apoio, apoio, é o apoio em todos os aspectos. Se ele às vezes está com vontade de chorar, nós oferecemos o nosso ombro para ele chorar, às vezes temos que ralar, às vezes temos que dizer: - Meu amor, a ... isto acho que é a grande chave, a grande chave destes miúdos, é eles sentirem-se apoiados. Se eles se sentirem seguros, se eles se sentirem tranquilos, se eles sentirem um ambiente calmo, eles vão começando a aprender e aí, claro, todo e qualquer professor tem por obrigação planificar, orientar, organizar a sua pedagogia e a sua didáctica de forma a potencializar e a aumentar as capacidades destes alunos. Claro, que para isto, tem que haver uma confiança, tem que haver um ambiente sereno. Se um professor faz um grande plano de apoio, muito bem formalizado, mas não tem uma palavra de afecto, uma palavra de carinho para estes miúdos, que normalmente vêm de ambientes desfavorecidos, julgo eu que ele vai entrar em choque. Vem em choque de casa, entra na escola em choque e sai da escola em choque. Não vale a pena. É primeiro o carinho e depois a nossa função como professores.

**P:** Acha que a inclusão é sempre benéfica para todos os alunos?

**R:** Depende dos casos. Neste caso é muito benéfica, muito benéfica. Porque este miúdo vai ser mais capaz, de certeza absoluta. Este miúdo não sabia ler, não sabia as letras, não sabia nada, nem estava motivado tão pouco para actividades de sala de aula. Ele neste

momento pede para lhe passar mais coisas, ou a mim, ou à professora de apoio. Este miúdo, presentemente, só temos que fazer alguns ajustes para conseguir corresponder. É um aluno que já interpreta, se bem que mais oralmente. Na escrita depois começa com algumas dificuldades, mas já ... já ... ele ... pomos-lhe um texto na frente com meia dúzia de perguntas e ele responde, por iniciativa própria.

**P:** Acha que deve haver sempre inclusão?

**R:** Deve haver sempre inclusão. Deve haver sempre inclusão, agora claro está, depende dos alunos. Não sei se estou a ser muito contra, muito polémico, mas é assim mesmo. Eu tive um caso de um aluno que tinha paralisia cerebral profunda, uma paralisia cerebral profunda, que única e exclusivamente estava na escola, no espaço. Não dava nem recebia, ou pelo menos nós tentávamos pelos mais diversos esquemas, estratégias e tudo o mais e não obtínhamos uma resposta. A ... eu tenho em querer que este aluno numa outra escola, num outro local com outro tipo de ... de ... atitude, de ..., com outro tipo de ensino, com outro tipo de trabalho, este aluno, se calhar, podia ganhar mais. Porque este miúdo era um miúdo com muitas dificuldades motoras. Se calhar precisava de trabalhar a nível motor, digo eu, digo eu. Se calhar vai pertencer a outras pessoas a análise disso. Enquanto que estes miúdos como este que nós estamos aqui a analisar têm tudo a ganhar, têm tudo a ganhar, têm pequenas dificuldades que conseguem superar, agora aqueles miúdos com dificuldades profundas precisam de muito mais do que o saber de um professor, do que o saber de um professor de apoio, do que uma escola pode oferecer, principalmente as escolas do 1.º ciclo, que estão altamente desfavorecidas, altamente desfavorecidas.

**P:** Para concluir, diga-me quais são as vantagens da inclusão para os alunos com NEE?

**R:** É... estão mais apoiados directamente ... não estão tão diferenciados dos outros e conseguem ... estar no ... ouvir a mesma coisa que os outros estão a ouvir, na minha opinião será as grandes vantagens, é essa, o estar a par, não haver distinção, o estar constantemente apoiados e não sentir diferente.

**P:** E, as desvantagens dos alunos com NEE, ao estarem incluídos numa turma regular?

**R:** Eu não vejo desvantagens, só vejo vantagens. A única desvantagem é o saber onde podemos incluir estes alunos. É a única desvantagem.

**P:** As vantagens da inclusão para os alunos sem NEE.

**R:** As vantagens é que começam, têm que respeitar uma pessoa, a ... que amanhã, depois na sociedade, eles vão ter na sociedade eles vão ter inúmeras pessoas que por algum motivo são ligeiramente diferentes e tem que haver ali um pouco da cidadania, o respeitar o outro para se respeitarem a eles próprios também. Também têm tudo a ganhar porque há sempre estratégias e sempre actividades diversificadas que os alunos sem NEE também podem assimilar. Tal qual como ainda há pouco os outros ganhavam, estes também ganham.

**P:** E será que têm desvantagens estes alunos?

**R:** Eu não vejo por quê, não vejo se terão desvantagens. Acho que têm mais vantagens do que desvantagens. Na minha opinião só se houver incompatibilidade entre os dois docentes, o docente titular e o docente de apoio, aí poderá haver interferências e isso seja transmitido aos alunos, tanto aos alunos com necessidades como sem necessidades. Na minha opinião é a única desvantagem.

**P:** Obrigada. Muito obrigada pela sua colaboração e pelo tempo dispendido.

**R:** Não tem de quê e disponha sempre.

## ANEXO 5

### Protocolo da entrevista ao 2.º Professor do aluno

**P:** Quais são as suas habilitações académicas?

**R:** Tenho o magistério e tenho uma licenciatura em administração escolar.

**P:** Há quanto tempo exerce?

**R:** Há 19 anos.

**P:** Qual a motivação para a escolha da profissão?

**R:** É ... Foi um bocado, porque gosto desta área e porque ... decorrente das opções que fiz no, no secundário. Escolhi humanísticos. Tinha uma prima na direcção regional que era professora que, pronto me aconselhou, não é? A tentar o magistério que na altura tinha muitas saídas profissionais. Havia muita falta de professores. A ... e pronto e depois como não tinha uma saída em termos de universidade, não porque não tivesse notas, mas porque não gostava da área, tentei esta área, não é, e foi fácil entrar e de fazer o curso.

**P:** O que pensa da inclusão de alunos com necessidades educativas especiais numa turma regular?

**R:** Penso que ... penso que é extremamente importante porque eles ... é a única forma deles se sentirem mais iguais aos outros talvez. Pronto, donde não podem ser, ser postos num gueto.

**P:** Num mundo à parte ...

**R:** Num mundo à parte. Portanto, eles têm necessidades educativas especiais, mas são alunos como os outros, não é?

**P:** Fale-me da adaptação deste aluno à sua nova escola.

**R:** Este aluno em termos de adaptação, penso que não teve grandes problemas como, como a turma é um pouco homogénea é fácil de aceitar os outros, aliás eu já tenho cinco inclusões na turma este ano e nenhuma teve problemas. Nos tempos livres foi um bocado mais complicado, porque ele tentava afirmar-se em relação aos outros pela negativa.

**P:** Quais as características mais relevantes deste aluno?

**R:** Penso que é um aluno carenciado, um aluno com uma família instável, que lhe dá pouco apoio. Penso que de um meio sócio-económico muito baixo, com vivências um bocado limitadas, com muitas dificuldades a vários níveis, nomeadamente na escrita, na ortografia, mais ... penso que é um aluno que sempre que tem que ser transferido de escola, que é um bocado vítima das mudanças, de um lado para o outro ... não é? Não sei mais ...

**P:** E nesta escola, ele tinha professor de apoio?

**R:** Não, não tinha. Era para ter, mas não teve. Arranjaram uma solução que não achei bem. Queriam transferi-lo para outra escola para ter apoio. Entretanto ele morava perto da escola, a situação seria muito mais complicada se ele fosse transferido, do que se ficasse. Ficaram de equacionar uma solução durante as férias do Natal, para o segundo período, mas entretanto voltou a ser transferido.

**P:** Quais as vantagens da inclusão de alunos com necessidades educativas especiais numa turma regular?

**R:** Vantagens? Bom há uma vantagem em termos numéricos que é a que está no decreto-lei 319, que prevê tenha que ter só 20 alunos para o professor, em vez de ter o máximo 24, actualmente passa a ter 20. Pronto isso será uma vantagem, outra, depende do tipo de trabalho que o professor faça. No meu caso concreto, eu acho que esses alunos têm sempre algo a ensinar aos outros. Quando nós trabalhamos certos tipos de valores como a multiculturalidade, a inclusão da pessoa diferente, a inclusão das pessoas inclusivé de outras raças, etc, quando se fala são, são uma mais valia porque têm outras vivências, neste caso concreto deste aluno. Noutros casos, isto agora varia de caso para caso, não é?

**P:** E quais serão as desvantagens da inclusão para os alunos sem necessidades educativas especiais?

**R:** Quais serão as desvantagens? Eu penso que não terão grandes desvantagens, mas poderão, poderão ... depende do tipo, das características do aluno. Se é um aluno conflituoso, se é um aluno que seja muito perturbador, ele vai no fundo estragar, entre aspas.

**P:** O bom ambiente?

**R:** O bom ambiente da sala. Se for um aluno que exija demasiado a atenção do professor, ele vai fazer com que o professor esteja menos disponível para os outros, porque tem que dar a esse. Se for um aluno que ... pronto, penso que não será mais do que isto, no fundo, não é, no fundo é captar mais a atenção do professor e no fundo, possíveis questões comportamentais quando está associado a elas, não é, de um modo geral.

**P:** E para o protagonista deste estudo, acha que há vantagens ou desvantagens com a inclusão?

**R:** Penso que sim. Porque, pronto, ele para já, para já aconteceu nesta escola, não com a turma mas com outros alunos, a questão da cor, da raça, não é, chamavam-lhe preto, chamavam-lhe não sei quê, e ele não gostava e isso é uma razão de conflito. Mas desculpe, perdi um bocado o fio à meada.

**P:** Para o protagonista do estudo haverá desvantagens com a inclusão?

**R:** Não, eu penso que não, é precisamente o que acabei de dizer, porque ele tem que sentir, no fundo, no fundo que é igual aos outros, não é? Tem que ter uma turma que o receba de uma forma amistosa, de uma forma em que ele se sinta bem, não é? E eu não estou aqui a vender a minha água, nem o meu peixe, mas como à bocado na conversa informal já disse, tive turmas muito difíceis em termos comportamentais, esta não o é. Tinha aqui uma aluna brasileira que a mãe, extremamente exigente, em termos de ... , que ela andou à procura por aí e achou que esta turma era a turma ideal para a filha estar e ela vem deslocar a filha não sei de quantos quilómetros para a colocar aqui, precisamente para ela ser bem integrada, não é? Porque, pronto, os alunos são todos conhecidos, amigos uns dos outros, há bom ambiente até para os colegas que cá estiveram antes, da turma, que facilitaram isso e pronto, o João, aqui, penso que tinha toda a vantagem em ser incluído, que motivos demais em relação à família tem ele para ser excluído, não sei se respondi.

**P:** Acho que sim. Acha que deve haver sempre inclusão dos alunos em qualquer situação?

**R:** Sim, não faz sentido, em qualquer situação, não faz sentido haver duas escolas, porque senão entramos ..., temos sempre duas vias. Se a escola regular tem que os receber ou então todos esses alunos seriam mandados para instituições próprias, os tais *ghetto* que há bocado falei. Isto, penso que não vai valorizar a auto-estima do aluno que

tem que ser feita sempre pela positiva e não pela negativa. Se vamos a uma escola com dificuldades, necessidades, com problemas, quer dizer não vai trazer nada de positivo, não é? Na escola onde eu estive antes, havia uma sala que era a UIE, unidade de intervenção especializada, que tem lá dois alunos extremamente difíceis, que é uma sala que foi apetrechada para alunos com graves deficiências motoras e psicológicas, mas tenta-se a pouco e pouco puxar esses alunos para fora da sala. A sala foi feita para deixar de existir, mas o que aconteceu na prática é que essa inclusão é extremamente difícil, porque os alunos têm um grau de deficiência tal que ao fim de vários anos, eles ainda não conseguiram tirar-se para uma turma regular, quer dizer, também há casos extremos em que a inclusão é muito, muito, muito difícil, mas pronto, num modo geral, quando os alunos têm apenas algumas dificuldades têm sempre todas as vantagens. Aqui neste caso estou a falar de deficiências profundas, que não falam, que não andam, que pronto é muito complicado, mas toda a escola deve estar preparada para os receber, não é? Não faz sentido deslocar essas crianças só para um sítio longe ou para longe da família ou fora do contexto familiar, etc.

**P:** Ok, obrigada pela sua colaboração.

**R:** É só isto?

## ANEXO 6

### Protocolo da entrevista à 3.ª Professora do aluno

**P:** Quais são as suas habilitações académicas?

**R:** Tenho o magistério primário e um curso de pedagogia feitos no Brasil.

**P:** Há quanto tempo exerce?

**R:** Eu fiz o magistério primário e tive a equiparação em Coimbra quando eu vim para cá. Dei aulas no Brasil durante 7 anos e depois estive algum tempo sem leccionar. Devido a problemas familiares depois tive que recomeçar a leccionar. Aqui em Portugal comecei a trabalhar no ano de 2000/01.

**P:** Qual a sua motivação para a escolha desta profissão?

**R:** Sempre quis ser professora, desde menina que eu queria isso.

**P:** Que pensa da inclusão de alunos com Necessidades educativas especiais numa turma regular?

**R:** É muito, muito difícil.

**P:** Fale-me da adaptação deste aluno à sua nova escola.

**R:** Foi um pouco difícil porque já na primeira semana o acusaram de ter feito o roubo de uma bicicleta quando ele ainda estava noutra escola. E então ele entrou aqui em desvantagem e isso serviu de desmotivação. Os alunos são vizinhos, então o João roubou a bicicleta do aluno A, e depois o João disse que o padrasto a pôs no lixo, deitou no lixo, eu não sei se foi mesmo isso, mas talvez isso lhe tenha baixado a auto-estima, porque ele já se via aí como um ladrão, todos o chamavam por isso. Todos cobravam isso dele. E nós na escola deixamos isso, deixamos, pois foi uma coisa passada extra escola. E a coordenadora também achou melhor deixar assim. O menino nunca se interessou muito e sempre foi muito agressivo, complicado nos intervalos batia nos colegas, a idade da puberdade veio ajudar, mas eu acho que este problema que ele tem em pegar as coisas dos outros, acaba por contribuir, e esta escola tem muitos meninos que também são problemáticos e veio-se juntar mais este. Ele não conseguiu se adaptar como queria.

**P:** Diga-me o que pensa do comportamento geral dos alunos da turma?

**R:** Muito, muito complicado. Eu no início ia para casa e chorava todos os dias. Eu até queria desistir da turma, mas depois uma colega falou-me do MEM, movimento da escola moderna. E então este método veio tornar a turma diferente, muito diferente principalmente na disciplina. Se antes eles se recusavam em escrever e ouvir a professora e não se interessavam, agora é o contrário, com este método eles são obrigados a planificar, a fazer projectos, descer para pesquisar na biblioteca, passar os seus trabalhos no computador. Eu acho que ajudou muito. O conselho de classe também ajudou muito. Aí dá para resolver problemas que há entre eles e não é tudo na hora em que tudo está quente. Eles anotam lá no diário de turma e é discutido na sexta-feira. Há tempo para resfriar e ver o problema com mais tranquilidade. Eles estão sempre a se bater, sempre a se agredir fisicamente e verbalmente, eles, são uma loucura estes meninos e depois que eles viram que tinham que prestar contas para os colegas no conselho de turma daquilo que tinham feito, eles começaram a entender a realidade. Um menino que apalpa, que levanta o vestido, apalpa a menina e depois no público tem que explicar prós meninos, colegas porque é que apalpou a sua colega. Ele já vai pensar duas vezes antes de fazer.

**P:** Quais as características mais relevantes deste aluno?

**R:** Agora ele melhorou um pouco mas quase todos os dias ele estava a bater-se com uma colega, era correr na sala de aula, pontapé, chapada, quase todos os dias E isto não é normal para um bom menino. Eu não acredito que o João algum dia estivesse bem. O João nunca foi forte. Nem sei como ele chegou no 4.º ano, porque tem coisas que ele não sabe. E são coisas simples. Eu acho que ele sempre teve muito apoio e precisa de um apoio muito grande. O João é um menino que não depende só do apoio, ele não quer trabalhar, ele é muito preguiçoso, ele enfim ...

O João aqui não tem apoio directo porque ele veio transferido no segundo período.

**P:** Sem apoio não faz nada ...

**R:** Sim, sim. Sem apoio não faz nada. Eu com esta turma não posso dar apoio a um ou outro aluno. Eu tenho que ver a turma toda.

**P:** A mãe do João trabalha ou está em casa?

**R:** Ela, trabalha sim, trabalha, mas mesmo quando estava em casa ela nunca veio cá, não atende o telefone, não se interessa por nada. Quando ele esteve doente, fiz mais eu por ele do que a própria mãe. Quer dizer que são pessoas que não se interessam pelo filho. Eu nem sei o que dizer. Quando nós a chamamos também não ela não vem e não somos nós que devemos andar de casa em casa a visitar aquela mãe e saber porquê ela não vem. Ela me parece uma mulher civilizada.

**P:** Acha que se esta turma fosse uma turma “normal” o João estaria bem incluído?

**R:** Talvez, talvez.

**P:** E assim, acha que ele está bem incluído?

**R:** De maneira nenhuma. Esta turma é muito complicada e aqui ele não tem sucesso. Neste ano ele não vai passar o ano. Ele não atingiu as competências do 4.º ano. Só para ver, esta turma tem dezasseis alunos, dez são filhos de pais separados e isto é um problema social, não é? Porque eles precisam de um pai. Eles sentem falta de uma presença masculina. É, os pais não vivem com os filhos, geralmente têm mais irmãos em casa e a mãe se sobrecarrega com o trabalho e o pai não ajuda, automaticamente os meninos se tornam meninos de rua como o aluno B e o aluno C, coitado e as mães, principalmente a do aluno B eram sempre opositoras a tudo da escola e o menino sente isso e ninguém o consegue fazer parar.

**P:** Quais as vantagens da inclusão de alunos com NEE numa turma regular?

**R:** Com a inclusão todos têm a ganhar, mas é preciso que a turma ajude. Não se deveria juntar muitos alunos difíceis na mesma turma. Assim é muito difícil trabalhar e o sucesso escolar dos alunos com NEE é quase impossível. Se a turma for “normal” os alunos sem NEE ajudam os alunos com NEE, e assim estes superam melhor as suas dificuldades.

**P:** E quais as vantagens da inclusão para os alunos sem NEE?

**R:** Como disse atrás têm todos a ganhar com a inclusão, mas temos que ter em conta as condições gerais da turma. A inclusão vai fazer com que os alunos sem NEE cooperem com os alunos com NEE. O conceito de cidadania está muito presente na inclusão.

**P:** Quais as desvantagens da inclusão para os alunos com NEE?

**R:** Neste caso a inclusão tem desvantagens porque foi mal feita. Este aluno não deveria ser incluído nesta turma.

**P:** Quais as desvantagens da inclusão para os alunos sem NEE?

**R:** Os alunos sem NEE nesta turma estão em desvantagem devido ao comportamento de todos os alunos no geral.

**P:** Obrigada pela sua colaboração

**R:** De nada.

## ANEXO 7

### Protocolo da entrevista à Psicóloga escolar (SPO)

**P:** Boa tarde.

Quais são as suas habilitações académicas?

**R:** Licenciatura em psicologia.

**P:** Há quanto tempo exerce?

**R:** Doze anos aproximadamente.

**P:** O que a motivou a ser psicóloga escolar?

**R:** Sempre pensei nesta área, não foi assim ... Não sei, há muitos anos, eu era miúda, quando, quando ...

**P:** Um sonho de criança, digamos assim...

**R:** Sim, sim.

**P:** O que pensa da inclusão de alunos com NEE, numa turma regular?

**R:** Eu penso que sim, creio que devem ser incluídos. Os alunos com NEEs, não é ... (tossiu) ... perdão. Para já, há vários graus de ... de ... dentro dos NEEs há vários perfis de alunos, com maior ou menor grau de integração, digamos assim. E em princípio é benéfico tanto para os NEEs (tossiu, novamente) esta constipação ... como para os outros.

**P:** O que poderá dizer do protagonista deste estudo:

Antecedentes deste aluno, a nível psicológico, influência do ambiente familiar sobre o aluno.

**R:** Pronto, daquilo que eu conheço do aluno. A questão é o que eu posso dizer sobre ele? É um aluno com problemas ao nível de ... intelectual, ele segundo os testes apresenta um défice de ... um défice cognitivo (tossiu, de novo), perdão. Com a agravante de estar inserido numa família, de pertencer a uma família bastante, bastante, bastante problemática, mesmo. Não ajuda nada, a tentar ultrapassar as suas limitações, as suas capacidades.

**P:** Então acha que a família, o ambiente familiar influencia demasiado o aluno?

**R:** Ai neste caso (sorrisos) acho que só influencia.

**P:** Este aluno consegue concentrar-se durante muito tempo?

**R:** Daquilo que conheço, não. Os seus momentos de concentração são curtos.

**P:** Fale-me das suas condições de desenvolvimento e aprendizagem.

**R:** Como assim?

**P:** A ... se ele aprende bem? Não aprende?

**R:** Eu falo sempre segundo, segundo a avaliação psicológica, porque por vezes, e aquilo que conheço de alguns alunos, podem ter algumas limitações ao nível de conhecimentos escolares, mas no dia a dia, no ambiente familiar, noutras tarefas até são bem desenvolvidos, não é? Neste caso, aqui, a nível académico, e a questão era ... para não me perder ...

**P:** Condições de desenvolvimento e aprendizagem.

**R:** Segundo o historial do aluno em causa, não é, ele começa por ter já desde a gravidez, já havia problemas. Ao nível da anamnese também se nota que ele fez as aquisições normais tardias, tardiamente. Isto já revela alguma ... o indício de alguns problemas que se vêm confirmar com o desempenho académico. E isto para dizer .. em termos de ... as condições de desenvolvimento e aprendizagem, não é?

**P:** Sim, sim.

**R:** Parece-me que aqui, tanto o factor genético, como o factor ambiental estão ambos a convergir para o fraco desenvolvimento dele, não é?

**P:** Sim. Como define o seu comportamento?

**R:** É complicado, acho que é complicado. Conhecendo os problemas familiares que ele tem, eu acho que é complicado. Se fosse uma criança com uma família estruturada, mais ou menos dita normal, mais ou menos ... em que apresenta um pai, um padrasto, seja o que for, mas apresenta uma figura masculina que fosse ... aí há ... pronto ... ele não vive com o pai, vive com o padrasto, onde existem várias separações turbulentas. Uma mãe que também desconhecemos, não sabemos até que ponto esta mãe (pausa e risos) é uma mãe normal, não é. Tudo isto vai influenciar negativamente o comportamento dele, daí que não possamos fazer uma avaliação dita normal, porque os parâmetros não são os mesmos.

**P:** No caso deste aluno, acha que a inclusão é benéfica?

**R:** Sim. Que respostas é que daríamos a ele? Se calhar ... a inclusão é benéfica, agora há toda uma falta de apoio da estrutura social, o apoio familiar. É isso que faz falta, que esta mãe se calhar também precisava de uma orientação.

**P:** Para si, qual a principal razão para este aluno ter que beneficiar do regime educativo especial?

**R:** Todas, todas aquelas as que nós temos aqui vindo a dizer. Digamos que é daqueles infelizes entre aspas que têm o azar de já ter alguns problemas inerentes à sua estrutura e depois o ambiente familiar também, que também ainda agrava mais essas limitações.

**P:** O défice cognitivo dele tem muita influência na sua aprendizagem?

**R:** Sim, ele está ainda no básico, nos pré-requisitos e não os tendo e sendo tão difícil conseguir tê-los, não é, por aquilo que nós temos estado a falar ...

**P:** Acha que os colegas têm algum benefício com este aluno na turma?

**R:** (Pausa) Nem benefícios, nem (risos) o contrário. Ele é um aluno, pronto apesar de ter um défice cognitivo não é, não é daquelas, daquelas, hum ..., não é daqueles alunos que como outros casos conhecidos ...

**P:** Que causam problemas ...

**R:** Casos que causem problemas, não é, mesmo aqueles que causam problemas temos que resolver esses problemas. Há, pronto vantagens e desvantagens, mas também não o veria noutra ensino senão neste.

**P:** Que conclusões devemos tirar acerca da inclusão de alunos com NEE?

**R:** Eu penso, que tirando ... salvo raras exceções, a inclusão, penso que é uma boa política, desde que sejam criadas condições para podermos tanto trabalhar com esses alunos NEEs como também com os outros, não é? Não interessa que os outros fiquem prejudicados pelos NEEs, nem vice versa. Agora, as condições é que nem sempre existem.

**P:** Quais são as vantagens da inclusão para os alunos com NEE?

**R:** Portanto, sendo estes cidadãos como qualquer outros têm que estar integrados num ambiente o mais normal possível, não é, desde que haja condições eles só têm vantagens.

**P:** E para os alunos sem NEE, haverá vantagens com a inclusão?

**R:** Em termos de socialização, de educação cívica, o saber estar com pessoas diferentes, o saber ajudar. Pronto, ao fim e ao cabo, tanto para uns como para outros, o saber lidar com pessoas diferentes, não é? E teriam, e teriam vantagens se efectivamente houvesse uma boa integração por parte dos NEEs, porque aí ..., os outros alunos teriam desvantagem, acontece que não havendo boas condições, alguns casos poderão ficar em desvantagem, principalmente aqueles casos de alunos um pouco mais avançados do que os outros, não é? Uma pessoa raramente dá conta de todos os casos em si e estes são um pouco esquecidos, não é?

**P:** E acha que há desvantagem da inclusão para os alunos com NEE?

**R:** Há, na medida em que não há condições.

**P:** E desvantagens da inclusão para os alunos sem NEE?

**R:** É exactamente a mesma resposta das perguntas anteriores.

**P:** Para o protagonista deste estudo, há vantagens na inclusão?

**R:** Há, neste caso, sem dúvidas que há, porque é um caso de ... quanto a mim apesar de haver aí alguns problemas de ... para o protagonista há vantagens na medida em que as suas necessidades não são assim tão profundas e portanto tem toda a vantagem em estar integrado num ambiente o mais normal possível.

**P:** Acha que a inclusão promove a auto-estima deste aluno?

**R:** Sem dúvida que sim, principalmente se for uma boa inclusão. Tudo depende também de quem trabalhar com ele, da sensibilidade, ou não, da pessoa que estiver a trabalhar com ele.

**P:** E acha que este aluno tem desvantagens na inclusão?

**R:** Não, não tem.

**P:** Muito obrigada pela sua colaboração.

**R:** De nada.

## ANEXO 8

### Entrevista ao “Aluno-caso”

**P:** Olá, estás bom?

**R:** Sim, estou.

**P:** Olha, vamos conversar um bocadinho acerca das tuas escolas. Diz-me lá, das escolas onde andaste de qual gostaste mais?

**R:** Da escola A.

**P:** E dos colegas, de quais gostavas mais?

**R:** Dos colegas da escola A.

**P:** Porquê?

**R:** Porque lá eles ajudavam...

**P:** E aqui? Eles não ajudam?

**R:** Aqui não ajudam. Aqui gozam comigo.

**P:** E do professor, qual gostaste mais até agora? Tiveste três, não foi?

**R:** Sim, do professor da escola A. Na escola B estive pouco tempo.

**P:** Porque gostaste mas desse professor?

**R:** (Silêncio)

**P:** Diz lá, porque é que gostavas mais dele?

**R:** Sei lá.

**P:** Não sabes? Alguma coisa te leva a dizer que gostavas mais do professor da escola A, da escola A, dos colegas dessa escola ...

**R:** Lá todos eram meus amigos. O Professor A brincava comigo e ensinava-me também.

**P:** Na escola A tinhas apoio. Gostavas de ter apoio?

**R:** Sim, gostava.

**P:** Porquê, achas que o apoio é importante?

**R:** É, ajuda as pessoas.

**P:** E tu achas que com apoio conseguias ser melhor aluno?

**R:** Sim, a professora de apoio ajudava e ensinava as coisas.

**P:** Nesta escola tens apoio?

**R:** Não. Eu vim para aqui só no segundo período. Assim, eu não tenho professora de apoio e eu não sei fazer as coisas sozinho.

**P:** Porque é que achas que neste ano andaste sempre a mudar de escola?

**R:** Porque andava a mudar sempre de casa.

**P:** Andavas a mudar sempre de casa? E achas que isso é mau?

**R:** Sim, é.

**P:** A tua mãe agora vive com o E (designação dada ao padrasto)?

**R:** Sim.

**P:** E tu, ainda gostas do E?

**R:** Sim.

**P:** Ele trabalha de dia ou de noite?

**R:** Ele trabalha de manhã e de noite.

**P:** Então, ele apoia-te nos trabalhos de casa?

**R:** Agora não.

**P:** Mas antes ele ajudava, não era?

**R:** Sim, antes ele tinha mais tempo para mim, agora não.

**P:** E a tua mãe não te ajuda a fazer os trabalhos de casa?

**R:** Não.

**P:** Tu quando estavas na escola A levavas sempre os trabalhos de casa feitos?

**R:** Eu estava no ATL. Agora não estou.

**P:** A tua mãe e o teu padrasto dão-se bem, ou discutem muito?

**R:** Agora discutem muito. Eu fui para a segunda escola porque o E bateu na minha mãe e pôs-nos na rua às 2 horas da manhã, e nós fomos para casa da minha irmã. Depois eles fizeram as pazes e nós viemos outra vez para casa dele.

**P:** O que fazes nos tempos livres? Quando vais para casa o que fazes?

**R:** Quando vou para casa faço os trabalhos.

**P:** Mas a tua professora disse-me que tu não fazias os trabalhos...

**R:** Eu não trago os trabalhos feitos, porque eu não sei fazer.

**P:** E ninguém te ajuda?

**R:** Não.

**P:** E, só não fazes porque não sabes?

**R:** É.

**P:** Achas que vais passar de ano, este ano?

**R:** Não.

**P:** Porquê?

**R:** Não sei.

**P:** Não sabes? Achas que não vais passar porque não sabes ou por causa do teu comportamento?

**R:** Não sei.

**P:** Porque é que tu às vezes és mauzinho para os teus colegas?

**R:** Eles também são para mim.

**P:** E os da escola A, não eram mauzinhos?

**R:** Não. Eles gostavam de mim. E eu também gostava deles.

**P:** Obrigada pela conversa e boa sorte para ti.

**R:** Sim. Obrigado.

## ANEXO 9

### 1.º Tratamento da entrevista ao 1.º Professor do aluno

[*Habilitações académicas*] Tenho a licenciatura (...) do 1.º ciclo e 2.º ciclo, variante de educação física, (...).

[*Tempo de serviço*] Há 8 anos.

[*Ciclo em que trabalha*] Estou a trabalhar no 1.º ciclo, por opção.

[*Causas dessa opção*] (...) a colocação mais rápida do que no 2.º ciclo, (...) a colocação mais perto de casa (...). Estou mais perto de casa, estou colocado com garantia, o horário completo (...) e estou melhor, estou perto de casa. (...) perto da minha residência.

[*Sobre a inclusão de alunos com NEE numa turma regular*] (...) por um lado pode ser bom ... e por outro lado pode ser mau. Há alunos que têm muito a ganhar com a sua inclusão (...) são alunos que precisam de uma pedagogia e de um trabalho muito diferenciado com especialização em determinados casos (...) não se consegue colmatar e não se consegue fazer face às necessidades que esses alunos têm, que são muitas. (...) por um lado sim, por outro não.

[*Protagonista deste estudo*] (...) era um miúdo que vivia numa cidade grande, Lisboa (...) foi um miúdo que nasceu prematuro (...) é um quinto filho, é o quinto filho, o pai que não é o pai também de todos os irmãos, mas o pai dele era (...) é toxicodependente, muito violento, tratava mal a mãe, os outros irmãos, o próprio. Vivia numa situação muito, muito complicada, era sujeito a agressões, via agressões, via uma série de condicionantes que o perturbava bastante (...) era um miúdo que não estava bem integrado na escola, que dava problemas, tanto na escola como nos ATLS onde estava. (...) todo o meio onde ele estava inserido era complicado. Agora, que o conheço há já

três anos, é um miúdo muito sensível e que ele absorve tudo o que o rodeia. (...) ele é um miúdo assinalado e era um miúdo com alínea i) e o diagnóstico dele é que (...) era e é um aluno com um défice cognitivo acentuado, (...) agravado pelo ambiente que tem. (...) se o ambiente está muito instável, ele começa a ficar instável e (...) reage às vezes negativamente. É impulsivo. (...).

[*Reacção do aluno à mudança de escola e de cidade*] (...) optou-se por matriculá-lo no 1.º ano. (...) era tudo novo para toda a gente, prós alunos, para mim, para ele. (...) dar os parabéns à mãe de ter tido coragem (...), de ter fugido do meio onde estava, à procura de melhores condições de vida. (...).

Ele ao chegar à escola vinha receoso, (...) ansioso porque não sabia se vinha para uma coisa melhor ou para uma coisa pior. Eu acho que ele viu que estava num grupo de amigos, viu que o professor se calhar era alguém que o aceitava e o podia ajudar, em quem podia confiar e neste momento, com este miúdo basta dar um assobio, basta dar um olhar, basta fazer uma sinalética e ele corresponde, e ele reage impecavelmente. (...) a mãe às vezes pede-me ajuda para o controlar quando as coisas estão a ficar um bocadinho mais tensas em casa, (...) ele é um miúdo que se sente bem na minha presença, na presença de todos os colegas da turma, que o aceitaram na perfeição, é um colega (...) como qualquer outro (...) não fazem distinção nenhuma dentro da sala de aula, nas actividades curriculares e extra curriculares, (...). É sempre um miúdo mais difícil do que os outros, (...) às vezes tem as suas teimosias. Às vezes não compreende porque não pode fazer aquilo e os outros podem (...) regras de jogo deles, regras que eles próprios fazem, às vezes ... ele custa a aceitar um bocadinho, (...) vai aceitando e está perfeitamente integrado.

[*Quanto a ter professora de apoio*] Tem sim senhora.

[*Tipo de apoio ministrado*] Dentro da sala de aula, como (...) deveria ser sempre.

[*Nota melhoria no seu desempenho*] Se este aluno não fosse apoiado não tinha os êxitos que está a ter. Uma pessoa que não conheça este miúdo, ou que não leia um pouco do

processo dele, (...) diz que este aluno é um aluno que não tem alínea nenhuma e que até nem precisa de alínea, mas porque está completamente integrado, está com um apoio formidável e a professora de apoio tem sido (...) fundamental para o estado em que ele ainda está (...) ele tem vindo a superar todas as competências, ultrapassar até as competências que por vezes nós planificámos (...).

[*Reacção dos colegas perante um professor de apoio na turma*] Reagem bem. (...) estão habituados desde o primeiro dia de aulas (...) é mais uma professora deles, (...), às vezes vão pedir-lhe ajuda (risos), quando o professor está ocupado com outros alunos (...), há alunos que se dirigem à professora, pedem ajuda e esta (...) nunca se nega e sempre ajuda em tudo.

[*Se a inclusão para este aluno é benéfica*] Muito benéfica (...), isto é daqueles alunos (...) que têm tudo a ganhar e que faz sentido (...) a inclusão destes alunos assim. Estes miúdos assim é perfeitamente viável, dá para trabalhar, eles desenvolvem, dá para trabalhar e (...) no futuro vão ser pessoas mais autónomas e pessoas mais capazes, porque, nós potenciamos as capacidades destes miúdos com a inclusão numa turma regular. (...).

[*Progressos ou retrocessos do aluno*] Ele tem feito mais progressos do que retrocessos. (...), estamos a falar de um miúdo que tem uma diferença de idade cronológica em relação aos outros, mas dado o défice cognitivo dele, se calhar está ainda a baixo ou igual àquilo que tem. (...) ele tem feito muitos progressos. Os retrocessos que há, por vezes não será tanto retrocessos, será mais (...) uma pausa. Isto é quando o ambiente em casa está mais tenso, (...) a mãe agora vive com um companheiro, que ele gosta muito, que o companheiro também gosta muito do miúdo. Ele trata-o por pai, identifica-o como a imagem paternal (...) e às vezes o ambiente torna-se um bocadinho mais tenso. (...) e ele aí vem mais perturbado. Assim que há qualquer coisa em casa, nós na sala de aula sentimos logo, sentimos logo, sentimos logo (...). Aí há aquela pausa. (...) assim que o pai e a mãe estão chateados durante uma semana, ele faz uma pausa durante uma semana. Na semana seguinte os pais resolveram o seu desacato, o seu desentendimento e ele vem outra vez todo satisfeito e todo bem e todo tranquilo e tudo muito bem. Daí a

quinze dias, um mês há mais uma chatice lá em casa, dois dias estão chateados, um dia que estão chateados é uma pausa de um dia, uma pausa de dois dias.

[*Razão para este aluno estar integrado no REE*] (...) é um aluno com défice cognitivo que foi diagnosticado por psicóloga (...) e este é ... daquele leque, o grupo de alunos que eu considero que têm tudo a ganhar, porque são alunos que ainda se consegue trabalhar, consegue-se fazer um currículo adaptado (...) e ele consegue ir potencializando as suas capacidades e ele vai (...) também adquirindo outras e desenvolver essas que vai adquirindo também. É um miúdo que dá para trabalhar, porque temos um feedback, temos um output das aprendizagens, do nosso trabalho com ele. Porque há miúdos que se trabalham ou que se tentam trabalhar e não se consegue trabalhar com eles. Eles não dão resposta. A gente não consegue aferir se estamos a fazer bem, se estamos a fazer mal, porque pura e simplesmente, não obtemos resposta. Não sabemos se ele aprendeu. Ele hoje sabe contar até cinco, amanhã não sabe os números (...).

[*Comportamento do aluno*] (...) ele dentro da sala de aula comigo e até com os funcionários, com todos os agentes do meio escolar não tem tido problemas nenhuns. Sei que ele esteve a frequentar um ATL (...) que ele não se integrou e ele foi violento, e foi mal-educado e tudo o mais e foi convidado depois a sair e a mãe também achou por bem mudá-lo de ATL. Isto ao mesmo tempo; isto na parte da tarde havia estes distúrbios todos, na parte da manhã tinha estado na sala, tranquilo, normal. Como disse ainda há pouco, as coisas tremem em casa e ele treme aqui. Mas ele aqui sente amizade, sente carinho, ele aqui sente apoio dos colegas, do professor do regular, da professora de apoio, de toda a comunidade escolar e sente-se bem, sente-se seguro dentro daquelas portas, chamada escola.

[*Conclusões acerca da inclusão*] (...) Temos que avaliar muito bem. Tem que haver uma seriedade muito grande (...). Tem que haver todas as pessoas, desde a pessoa que começa a diagnosticar, desde a pessoa que dá aulas no ensino regular, no ensino de apoio, tem que haver uma especialização para que realmente e efectivamente se diga: “ - Este miúdo tem a ganhar com a inclusão. Aquele miúdo precisa de mais qualquer coisa

do que a inclusão” (...). A inclusão é boa, então vamos lá pôr todos os miúdos. Atenção: É boa, mas (...) quem é que vai ser incluído e onde é que vai ser incluído, porque às vezes há a incapacidade técnicas, físicas, psicológicas para conseguir fazer face às dificuldades que um determinado aluno tem e esse aluno precisa de qualquer coisa mais específica, mais localizada, mais circunscrita. Esse aluno não pode estar no meio de uma turma com vinte alunos, com dezoito alunos, com vinte e cinco alunos e com algumas barbaridades que também nós sabemos, de turmas extremamente grandes com alunos às vezes dois, três alunos (...), com casos problemáticos. Isto não é inclusão (...), podem-lhe chamar qualquer coisa terminada em ão também, mas não é inclusão. Portanto temos que fazer uma boa avaliação para saber quem é que vamos incluir para termos bons resultados e os bons resultados (...) é fazer com que o indivíduo seja mais capaz e seja mais autónomo no seu futuro, que seja capaz de viver a sua vida sem precisar de (...), ajuda de terceiros.

[*Dicas para o sucesso escolar de alunos com NEE*] (...) são sempre miúdos que vêm de ambientes muito deteriorados, desfavorecidos. Estes miúdos precisam de carinho, de muito apoio, (...) é o apoio em todos os aspectos. Se ele às vezes está com vontade de chorar, nós oferecemos o nosso ombro para ele chorar, às vezes temos que ralar, às vezes temos que dizer: - Meu amor, (...) isto acho que é a grande chave, (...), é eles sentirem-se apoiados. Se eles se sentirem seguros, (...) se sentirem tranquilos, se eles sentirem um ambiente calmo, eles vão começando a aprender e aí, claro, todo e qualquer professor tem por obrigação planificar, orientar, organizar a sua pedagogia e a sua didáctica de forma a potencializar e a aumentar as capacidades destes alunos. (...), tem que haver uma confiança, tem que haver um ambiente sereno. Se um professor faz um grande plano de apoio, muito bem formalizado, mas não tem uma palavra de afecto, uma palavra de carinho para estes miúdos, que normalmente vêm de ambientes desfavorecidos, (...) ele vai entrar em choque. Vem em choque de casa, entra na escola em choque e sai da escola em choque. Não vale a pena. É primeiro o carinho e depois a nossa função como professores.

[*Acerca da inclusão ser ou não benéfica para todos os alunos*] Depende dos casos. Neste caso é muito benéfica, (...). Porque este miúdo vai ser mais capaz, de certeza

absoluta. Este miúdo não sabia ler, não sabia as letras, não sabia nada, nem estava motivado tão pouco para actividades de sala de aula. Ele neste momento pede para lhe passar mais coisas, ou a mim, ou à professora de apoio. Este miúdo, presentemente, só temos que fazer alguns ajustes para conseguir corresponder. É um aluno que já interpreta, se bem que mais oralmente. Na escrita depois começa com algumas dificuldades, mas (...) ... pomos-lhe um texto na frente com meia dúzia de perguntas e ele responde, por iniciativa própria.

[*Se deve haver sempre inclusão*] Deve haver sempre inclusão. Deve haver sempre inclusão, (...) claro está, depende dos alunos. (...). Eu tive um caso de um aluno que tinha paralisia cerebral profunda, (...), que única e exclusivamente estava na escola, no espaço. Não dava nem recebia, ou pelo menos nós tentávamos pelos mais diversos esquemas, estratagemas (...) e não obtínhamos uma resposta. (...) este aluno numa outra escola, num outro local com outro tipo (...) atitude, (...), com outro tipo de ensino, com outro tipo de trabalho, este aluno, se calhar, podia ganhar mais. Porque este miúdo era um miúdo com muitas dificuldades motoras. Se calhar precisava de trabalhar a nível motor, (...). Enquanto que estes miúdos como este que nós estamos aqui a analisar têm tudo a ganhar, (...), têm pequenas dificuldades que conseguem superar, agora aqueles miúdos com dificuldades profundas precisam de muito mais do que o saber de um professor, do que o saber de um professor de apoio, do que uma escola pode oferecer, principalmente as escolas do 1.º ciclo, que estão altamente desfavorecidas, (...).

[*Vantagens da inclusão para os alunos com NEE*] (...) estão mais apoiados directamente ... não estão tão diferenciados dos outros e conseguem ... (...) ... ouvir a mesma coisa que os outros estão a ouvir, (...) o estar a par, não haver distinção, o estar constantemente apoiados e não sentir diferente.

[*Desvantagens da inclusão para os alunos com NEE*] Eu não vejo desvantagens, só vejo vantagens. A única desvantagem é o saber onde podemos incluir estes alunos. (...).

[*Vantagens da inclusão para os alunos sem NEE*] (...), têm que respeitar uma pessoa, (...) que amanhã, (...), eles vão ter na sociedade (...) inúmeras pessoas que por algum motivo são ligeiramente diferentes e tem que haver ali um pouco da cidadania, o respeitar o outro para se respeitarem a eles próprios também. Também têm tudo a ganhar porque há sempre estratégias e sempre actividades diversificadas que os alunos sem NEE também podem assimilar. Tal qual como ainda há pouco os outros ganhavam, estes também ganham.

[*Desvantagens da inclusão para os alunos sem NEE*]

(...), não vejo se terão desvantagens. Acho que têm mais vantagens do que desvantagens. (...) só se houver incompatibilidade entre os dois docentes, o docente titular e o docente de apoio, aí poderá haver interferências e isso seja transmitido aos alunos, tanto aos alunos com necessidades como sem necessidades. Na minha opinião é a única desvantagem.

## ANEXO 10

### 1.º Tratamento da entrevista ao 2.º Professor do aluno

[*Habilitações académicas*] Tenho o magistério e tenho uma licenciatura em administração escolar.

[*Tempo de serviço*] Há 19 anos.

[*Motivação para a escolha da profissão*] (...) Foi um bocado, porque gosto desta área e porque ... decorrente das opções que fiz no, no secundário. Escolhi humanísticos. (...). Havia muita falta de professores. (...) como não tinha uma saída em termos de universidade, não porque não tivesse notas, mas porque não gostava da área, tentei esta área (...) e foi fácil entrar e de fazer o curso.

[*Inclusão de alunos com necessidades educativas especiais numa turma regular*] (...) é extremamente importante porque (...) é a única forma deles se sentirem mais iguais aos outros talvez. Pronto, donde não podem ser, ser postos num gueto.

[*Num mundo à parte*] Num mundo à parte. (...) eles têm necessidades educativas especiais, mas são alunos como os outros, (...).

[*Adaptação do aluno à nova escola*] Este aluno em termos de adaptação, penso que não teve grandes problemas (...), como a turma é um pouco homogénea é fácil de aceitar os outros, aliás eu já tenho cinco inclusões na turma este ano e nenhuma teve problemas. Nos tempos livres foi um bocado mais complicado, porque ele tentava afirmar-se em relação aos outros pela negativa.

[*Características mais relevantes deste aluno*] Penso que é um aluno carenciado, um aluno com uma família instável, que lhe dá pouco apoio. (...) de um meio sócio-económico muito baixo, com vivências um bocado limitadas, com muitas dificuldades a

vários níveis, nomeadamente na escrita, na ortografia, (...) penso que é um aluno que sempre que tem que ser transferido de escola, que é um bocado vítima das mudanças, de um lado para o outro (...).

[*Professor de apoio educativo*] Não, não tinha. Era para ter, mas não teve. Arranjaram uma solução que não achei bem. Queriam transferi-lo para outra escola para ter apoio. Entretanto ele morava perto da escola, a situação seria muito mais complicada se ele fosse transferido, do que se ficasse. Ficaram de equacionar uma solução durante as férias do Natal, para o segundo período, mas entretanto voltou a ser transferido.

[*Vantagens da inclusão de alunos com necessidades educativas especiais numa turma regular*] (...) Bom há uma vantagem em termos numéricos que é a que está no decreto-lei 319, que prevê tenha que ter só 20 alunos para o professor, em vez de ter o máximo 24, actualmente passa a ter 20. (...), outra, depende do tipo de trabalho que o professor faça. (...), eu acho que esses alunos têm sempre algo a ensinar aos outros. Quando nós trabalhamos certos tipos de valores como a multiculturalidade, a inclusão da pessoa diferente, a inclusão das pessoas inclusivé de outras raças, etc, quando se fala são, são uma mais-valia porque têm outras vivências, neste caso concreto deste aluno. (...).

[*Desvantagens da inclusão para os alunos sem necessidades educativas especiais*] (...) Eu penso que não terão grandes desvantagens, mas poderão, (...) depende do tipo, das características do aluno. Se é um aluno conflituoso, se é um aluno que seja muito perturbador, ele vai no fundo estragar, entre aspas.

[*O bom ambiente*] O bom ambiente da sala. Se for um aluno que exija demasiado a atenção do professor, ele vai fazer com que o professor esteja menos disponível para os outros, porque tem que dar a esse. Se for um aluno que (...) no fundo é captar mais a atenção do professor e no fundo, possíveis questões comportamentais (...).

[*Para o protagonista deste estudo há vantagens ou desvantagens com a inclusão*] Penso que sim. Porque (...) ele para já, para já aconteceu nesta escola, não com a turma mas

com outros alunos, a questão da cor, da raça (...), chamavam-lhe preto, chamavam-lhe não sei quê, e ele não gostava e isso é uma razão de conflito. (...).

[*Desvantagens da inclusão para o protagonista deste estudo*] Não, eu penso que não (...), porque ele tem que sentir, (...), no fundo que é igual aos outros, (...). Tem que ter uma turma que o receba de uma forma amistosa, de uma forma em que ele se sinta bem, (...). Tinha aqui uma aluna brasileira que a mãe, extremamente exigente (...), que (...) andou à procura por aí e achou que esta turma era a turma ideal para a filha estar e ela vem deslocar a filha não sei de quantos quilómetros para a colocar aqui, precisamente para ela ser bem integrada, (...). Porque (...) os alunos são todos conhecidos, amigos uns dos outros, há bom ambiente até para os colegas que cá estiveram antes, (...) o João, aqui, penso que tinha toda a vantagem em ser incluído, que motivos demais em relação à família tem ele para ser excluído, (...).

[*Deve haver sempre inclusão dos alunos em qualquer situação*] Sim, não faz sentido, em qualquer situação, não faz sentido haver duas escolas, (...) temos sempre duas vias. Se a escola regular tem que os receber ou então todos esses alunos seriam mandados para instituições próprias, os tais guetos (...). Isto, penso que não vai valorizar a autoestima do aluno que tem que ser feita sempre pela positiva e não pela negativa. Se vamos a uma escola com dificuldades, necessidades, com problemas, quer dizer não vai trazer nada de positivo, (...). Na escola onde eu estive antes, havia uma sala que era a UIE, unidade de intervenção especializada, que tem lá dois alunos extremamente difíceis, que é uma sala que foi apetrechada para alunos com graves deficiências motoras e psicológicas, mas tenta-se a pouco e pouco puxar esses alunos para fora da sala. A sala foi feita para deixar de existir, mas o que aconteceu na prática é que essa inclusão é extremamente difícil, porque os alunos têm um grau de deficiência tal que ao fim de vários anos, eles ainda não conseguiram tirar-se para uma turma regular, quer dizer, também há casos extremos em que a inclusão é muito, muito, muito difícil, mas pronto, num modo geral, quando os alunos têm apenas algumas dificuldades têm sempre todas as vantagens. Aqui neste caso estou a falar de deficiências profundas, que não falam, que não andam, que pronto é muito complicado, mas toda a escola deve estar

preparada para os receber, (...). Não faz sentido deslocar essas crianças só para um sítio longe ou para longe da família ou fora do contexto familiar, etc.

## ANEXO 11

### 1.º Tratamento à entrevista à 3.ª Professora do aluno

[*Habilitações académicas*] Licenciatura em psicologia.

[*Tempo de serviço*] Doze anos aproximadamente.

[*Motivação a ser psicóloga escolar*] Sempre pensei nesta área (...). Não sei, há muitos anos, eu era miúda, quando (...).

[*Um sonho de criança*] Sim, sim.

[*Inclusão de alunos com NEE, numa turma regular*] Eu penso que sim, creio que devem ser incluídos. Os alunos com NEEs, (...) (tossiu) (...). Para já, há vários graus de (...) dentro dos NEEs há vários perfis de alunos, com maior ou menor grau de integração, digamos assim. E em princípio é benéfico tanto para os NEEs (tossiu, novamente) (...) como para os outros.

[*Protagonista deste estudo*] (...). É um aluno com problemas ao nível (...) ... intelectual, ele segundo os testes apresenta (...) um défice cognitivo (tossiu, de novo) (...). Com a agravante de estar inserido numa família, (...) uma família bastante, (...) problemática, mesmo. Não ajuda nada, a tentar ultrapassar as suas limitações, as suas capacidades.

[*Ambiente familiar influencia o aluno*] Ai neste caso (sorrisos) acho que só influencia.

[*Nível de concentração do aluno*] (...) Os seus momentos de concentração são curtos.

[*Condições de desenvolvimento e aprendizagem*] Eu falo sempre segundo (...) a avaliação psicológica, porque por vezes, e aquilo que conheço de alguns alunos, podem ter algumas limitações ao nível de conhecimentos escolares, mas no dia-a-dia, no ambiente familiar, noutras tarefas até são bem desenvolvidos, não é? (...)

Segundo o historial do aluno em causa, (...), ele começa por ter já desde a gravidez, (...) havia problemas. Ao nível da anamnese também se nota que ele fez as aquisições normais tardias, (...). Isto já revela (...) o indício de alguns problemas que se vêm confirmar com o desempenho académico. (...). Parece-me que aqui, tanto o factor genético, como o factor ambiental estão ambos a convergir para o fraco desenvolvimento dele, (...).

[*Comportamento do aluno*] É complicado, acho que é complicado. Conhecendo os problemas familiares que ele tem, (...) é complicado. Se fosse uma criança com uma família estruturada, mais ou menos dita normal, (...) em que apresenta um pai, um padrasto, seja o que for, mas apresenta uma figura masculina que fosse (...) ele não vive com o pai, vive com o padrasto, onde existem várias separações turbulentas. Uma mãe que também desconhecemos, não sabemos até que ponto esta mãe (pausa e risos) é uma mãe normal, (...). Tudo isto vai influenciar negativamente o comportamento dele, daí que não possamos fazer uma avaliação dita normal, porque os parâmetros não são os mesmos.

[*A inclusão é benéfica para este aluno*] Sim. Que respostas é que daríamos a ele? (...) a inclusão é benéfica, agora há toda uma falta de apoio da estrutura social, o apoio familiar. É isso que faz falta, que esta mãe se calhar também precisava de uma orientação.

[*Razão para o aluno beneficiar do REE*] Todas, todas aquelas as que nós temos aqui vindo a dizer. (...) é daqueles infelizes entre aspas que têm o azar de já ter alguns problemas inerentes à sua estrutura e depois o ambiente familiar também, (...) ainda agrava mais essas limitações.

[*Défice cognitivo*] Sim, ele está ainda no básico, nos pré-requisitos e não os tendo e sendo tão difícil conseguir tê-los, não é, por aquilo que nós temos estado a falar ...

[*Benefícios da inclusão para os colegas da turma*] (Pausa) Nem benefícios, nem (risos) o contrário. Ele é um aluno, (...) apesar de ter um défice cognitivo não é, (...) daqueles alunos que como outros casos conhecidos... Casos que causem problemas, (...), mesmo aqueles que causam problemas temos que resolver esses problemas. Há, (...) vantagens e desvantagens, mas também não o veria noutra ensino senão neste.

[*Conclusões acerca da inclusão*] (...) tirando ... salvo raras excepções, a inclusão, penso que é uma boa política, desde que sejam criadas condições para podermos tanto trabalhar com esses alunos NEEs como também com os outros, (...). Não interessa que os outros fiquem prejudicados pelos NEEs, nem vice-versa. Agora, as condições é que nem sempre existem.

[*Vantagens da inclusão para os alunos com NEE*] (...), sendo estes cidadãos como qualquer outros têm que estar integrados num ambiente o mais normal possível, (...), desde que haja condições eles só têm vantagens.

[*Vantagens da inclusão para os alunos sem NEE*] Em termos de socialização, de educação cívica, o saber estar com pessoas diferentes, o saber ajudar. (...) o saber lidar com pessoas diferentes, (...). E teriam, (...) vantagens se efectivamente houvesse uma boa integração por parte dos NEEs, porque aí, os outros alunos teriam desvantagem, acontece que não havendo boas condições, alguns casos poderão ficar em desvantagem, principalmente aqueles casos de alunos um pouco mais avançados do que os outros, (...). Uma pessoa raramente dá conta de todos os casos em si e estes são um pouco esquecidos, (...).

[*Desvantagens da inclusão para os alunos com NEE*] Há, na medida em que não há condições.

[*Desvantagens da inclusão para os alunos sem NEE*] É exactamente a mesma resposta das perguntas anteriores.

[*Vantagens da inclusão para o protagonista deste estudo*] Há, neste caso, sem dúvidas que há, (...) para o protagonista há vantagens na medida em que as suas necessidades não são assim tão profundas e portanto tem toda a vantagem em estar integrado num ambiente o mais normal possível.

[*Inclusão promotora de auto-estima*] Sem dúvida que sim, principalmente se for uma boa inclusão. Tudo depende também de quem trabalhar com ele, da sensibilidade, ou não, da pessoa que estiver a trabalhar com ele.

[*Desvantagens da inclusão para o protagonista deste estudo*] Não, não tem.

## ANEXO 12

### 1.º Tratamento da entrevista à Psicóloga escolar

[*Habilitações académicas*] Licenciatura em psicologia.

[*Tempo de serviço*] Doze anos aproximadamente.

[*Motivação a ser psicóloga escolar*] Sempre pensei nesta área (...). Não sei, há muitos anos, eu era miúda, quando (...).

[*Um sonho de criança*] Sim, sim.

[*Inclusão de alunos com NEE, numa turma regular*] Eu penso que sim, creio que devem ser incluídos. Os alunos com NEEs, (...) (tossiu) (...). Para já, há vários graus de (...) dentro dos NEEs há vários perfis de alunos, com maior ou menor grau de integração, digamos assim. E em princípio é benéfico tanto para os NEEs (tossiu, novamente) (...) como para os outros.

[*Protagonista deste estudo*] (...). É um aluno com problemas ao nível (...) ... intelectual, ele segundo os testes apresenta (...) um défice cognitivo (tossiu, de novo) (...). Com a agravante de estar inserido numa família, (...) uma família bastante, (...) problemática, mesmo. Não ajuda nada, a tentar ultrapassar as suas limitações, as suas capacidades.

[*Ambiente familiar influencia o aluno*] Ai neste caso (sorrisos) acho que só influencia.

[*Nível de concentração do aluno*] (...) Os seus momentos de concentração são curtos.

[*Condições de desenvolvimento e aprendizagem*] Eu falo sempre segundo (...) a avaliação psicológica, porque por vezes, e aquilo que conheço de alguns alunos, podem

ter algumas limitações ao nível de conhecimentos escolares, mas no dia-a-dia, no ambiente familiar, noutras tarefas até são bem desenvolvidos, não é? (...)

Segundo o historial do aluno em causa, (...), ele começa por ter já desde a gravidez, (...) havia problemas. Ao nível da anamnese também se nota que ele fez as aquisições normais tardias, (...). Isto já revela (...) o indício de alguns problemas que se vêm confirmar com o desempenho académico. (...). Parece-me que aqui, tanto o factor genético, como o factor ambiental estão ambos a convergir para o fraco desenvolvimento dele, (...).

[*Comportamento do aluno*] É complicado, acho que é complicado. Conhecendo os problemas familiares que ele tem, (...) é complicado. Se fosse uma criança com uma família estruturada, mais ou menos dita normal, (...) em que apresenta um pai, um padrasto, seja o que for, mas apresenta uma figura masculina que fosse (...) ele não vive com o pai, vive com o padrasto, onde existem várias separações turbulentas. Uma mãe que também desconhecemos, não sabemos até que ponto esta mãe (pausa e risos) é uma mãe normal, (...). Tudo isto vai influenciar negativamente o comportamento dele, daí que não possamos fazer uma avaliação dita normal, porque os parâmetros não são os mesmos.

[*A inclusão é benéfica para este aluno*] Sim. Que respostas é que daríamos a ele? (...) a inclusão é benéfica, agora há toda uma falta de apoio da estrutura social, o apoio familiar. É isso que faz falta, que esta mãe se calhar também precisava de uma orientação.

[*Razão para o aluno beneficiar do REE*] Todas, todas aquelas as que nós temos aqui vindo a dizer. (...) é daqueles infelizes entre aspas que têm o azar de já ter alguns problemas inerentes à sua estrutura e depois o ambiente familiar também, (...) ainda agrava mais essas limitações.

[*Défice cognitivo*] Sim, ele está ainda no básico, nos pré-requisitos e não os tendo e sendo tão difícil conseguir tê-los, não é, por aquilo que nós temos estado a falar ...

[*Benefícios da inclusão para os colegas da turma*] (Pausa) Nem benefícios, nem (risos) o contrário. Ele é um aluno, (...) apesar de ter um défice cognitivo não é, (...) daqueles alunos que como outros casos conhecidos... Casos que causem problemas, (...), mesmo aqueles que causam problemas temos que resolver esses problemas. Há, (...) vantagens e desvantagens, mas também não o veria noutra ensino senão neste.

[*Conclusões acerca da inclusão*] (...) tirando ... salvo raras excepções, a inclusão, penso que é uma boa política, desde que sejam criadas condições para podermos tanto trabalhar com esses alunos NEEs como também com os outros, (...). Não interessa que os outros fiquem prejudicados pelos NEEs, nem vice-versa. Agora, as condições é que nem sempre existem.

[*Vantagens da inclusão para os alunos com NEE*] (...), sendo estes cidadãos como qualquer outros têm que estar integrados num ambiente o mais normal possível, (...), desde que haja condições eles só têm vantagens.

[*Vantagens da inclusão para os alunos sem NEE*] Em termos de socialização, de educação cívica, o saber estar com pessoas diferentes, o saber ajudar. (...) o saber lidar com pessoas diferentes, (...). E teriam, (...) vantagens se efectivamente houvesse uma boa integração por parte dos NEEs, porque aí, os outros alunos teriam desvantagem, acontece que não havendo boas condições, alguns casos poderão ficar em desvantagem, principalmente aqueles casos de alunos um pouco mais avançados do que os outros, (...). Uma pessoa raramente dá conta de todos os casos em si e estes são um pouco esquecidos, (...).

[*Desvantagens da inclusão para os alunos com NEE*] Há, na medida em que não há condições.

[*Desvantagens da inclusão para os alunos sem NEE*] É exactamente a mesma resposta das perguntas anteriores.

[*Vantagens da inclusão para o protagonista deste estudo*] Há, neste caso, sem dúvidas que há, (...) para o protagonista há vantagens na medida em que as suas necessidades não são assim tão profundas e portanto tem toda a vantagem em estar integrado num ambiente o mais normal possível.

[*Inclusão promotora de auto-estima*] Sem dúvida que sim, principalmente se for uma boa inclusão. Tudo depende também de quem trabalhar com ele, da sensibilidade, ou não, da pessoa que estiver a trabalhar com ele.

[*Desvantagens da inclusão para o protagonista deste estudo*] Não, não tem.

## ANEXO 13

### Pré-categorização da entrevista ao 1.º Professor do aluno

1. [*Habilitações académicas*] Tenho a licenciatura (...) do 1.º ciclo e 2.º ciclo, variante de educação física (...).
2. [*Tempo de serviço*] Há 8 anos. (...)
3. [*Ciclo em que trabalha*] Estou a trabalhar no 1.º ciclo, por opção. (...)
4. [*Causas dessa opção*] (...) a colocação mais rápida do que no 2.º ciclo (...)
5. (...) a colocação mais perto de casa (...). Estou mais perto de casa (...)
6. (...) estou colocado com garantia, o horário completo (...) e estou melhor (...)
7. (...) estou perto de casa. (...) perto da minha residência (...)
8. [*Sobre a inclusão de alunos com NEE numa turma regular*] (...) por um lado pode ser bom ... e por outro lado pode ser mau (...)
9. (...) Há alunos que têm muito a ganhar com a sua inclusão (...)
10. (...) são alunos que precisam de uma pedagogia e de um trabalho muito diferenciado com especialização em determinados casos (...)
11. (...) não se consegue colmatar e não se consegue fazer face às necessidades que esses alunos têm, que são muitas. (...)
12. (...) por um lado sim, por outro não. (...)

13. [*Protagonista deste estudo*] (...) era um miúdo que vivia numa cidade grande, Lisboa (...)
14. (...) foi um miúdo que nasceu prematuro (...)
15. (...) é um quinto filho, é o quinto filho (...)
16. (...) o pai que não é o pai também de todos os irmãos (...)
17. (...) mas o pai dele era (...) é toxicodependente (...)
18. (...) muito violento, tratava mal a mãe, os outros irmãos, o próprio. (...)
19. (...) Vivia numa situação muito, muito complicada
20. (...) era sujeito a agressões, via agressões, via uma série de condicionantes que o perturbava bastante (...)
21. (...) era um miúdo que não estava bem integrado na escola (...)
22. (...) que dava problemas, tanto na escola como nos ATLs onde estava. (...)
23. (...) todo o meio onde ele estava inserido era complicado. (...)
24. (...) Agora, que o conheço há já três anos, é um miúdo muito sensível e que ele absorve tudo o que o rodeia. (...)
25. (...) ele é um miúdo assinalado e era um miúdo com alínea i) (...)

26. (...) o diagnóstico dele é que (...) era e é um aluno com um défice cognitivo acentuado (...)
27. (...) agravado pelo ambiente que tem. (...)
28. (...) se o ambiente está muito instável, ele começa a ficar instável (...)
29. (...) reage às vezes negativamente. (...)
30. (...) É impulsivo. (...)
31. [*Reacção do aluno à mudança de escola e de cidade*] (...) optou-se por matriculá-lo no 1.º ano. (...)
32. (...) era tudo novo para toda a gente, prós alunos, para mim, para ele. (...)
33. (...) dar os parabéns à mãe de ter tido coragem (...), de ter fugido do meio onde estava, à procura de melhores condições de vida. (...)
34. (...) Ele ao chegar à escola vinha receoso (...)
35. (...) ansioso porque não sabia se vinha para uma coisa melhor ou para uma coisa pior. (...)
36. (...) Eu acho que ele viu que estava num grupo de amigos (...)

**37.** (...) viu que o professor se calhar era alguém que o aceitava e o podia ajudar, em quem podia confiar (...)

**38.** (...) neste momento, com este miúdo basta dar um assobio, basta dar um olhar, basta fazer uma sinalética e ele corresponde, e ele reage impecavelmente. (...)

**39.** (...) a mãe às vezes pede-me ajuda para o controlar quando as coisas estão a ficar um bocadinho mais tensas em casa (...)

**40.** (...) ele é um miúdo que se sente bem na minha presença, na presença de todos os colegas da turma (...)

**41.** (...) que o aceitaram na perfeição (...)

**42.** (...) é um colega (...) como qualquer outro (...)

**43.** (...) não fazem distinção nenhuma dentro da sala de aula, nas actividades curriculares e extra curriculares (...)

**44.** (...) É sempre um miúdo mais difícil do que os outros (...)

**45.** (...) às vezes tem as suas teimosias. (...)

**46.** (...) Às vezes não compreende porque não pode fazer aquilo e os outros podem (...) regras de jogo deles, regras que eles próprios fazem, às vezes... ele custa a aceitar um bocadinho (...)

47. (...) vai aceitando e está perfeitamente integrado. (...)
48. [*Quanto a ter professora de apoio*] Tem sim senhora. (...)
49. [*Tipo de apoio ministrado*] Dentro da sala de aula, como (...) deveria ser sempre. (...)
50. [*Nota melhoria no seu desempenho*] Se este aluno não fosse apoiado não tinha os êxitos que está a ter.
51. (...) Uma pessoa que não conheça este miúdo, ou que não leia um pouco do processo dele, (...) diz que este aluno é um aluno que não tem alínea nenhuma e que até nem precisa de alínea (...)
52. (...) mas porque está completamente integrado (...)
53. (...) está com um apoio formidável (...)
54. (...) a professora de apoio tem sido (...) fundamental para o estado em que ele ainda está (...)
55. (...) ele tem vindo a superar todas as competências (...)
56. (...) ultrapassar até as competências que por vezes nós planificámos (...).
57. [*Reacção dos colegas perante um professor de apoio na turma*] Reagem bem. (...)
58. (...) estão habituados desde o primeiro dia de aulas (...)
59. (...) é mais uma professora deles (...)

60. (...), às vezes vão pedir-lhe ajuda (risos) (...)
61. (...) quando o professor está ocupado com outros alunos (...), há alunos que se dirigem à professora, pedem ajuda (...)
62. (...) e esta (...) nunca se nega e sempre ajuda em tudo. (...)
63. [*Se a inclusão para este aluno é benéfica*] Muito benéfica (...)
64. (...), isto é daqueles alunos (...) que têm tudo a ganhar e que faz sentido (...) a inclusão destes alunos assim. (...)
65. Estes miúdos assim é perfeitamente viável, dá para trabalhar, eles desenvolvem (...)
66. (...) dá para trabalhar (...)
67. (...) no futuro vão ser pessoas mais autónomas e pessoas mais capazes (...)
68. (...) nós potenciamos as capacidades destes miúdos com a inclusão numa turma regular. (...)
69. [*Progressos ou retrocessos do aluno*] Ele tem feito mais progressos do que retrocessos. (...)
70. (...), estamos a falar de um miúdo que tem uma diferença de idade cronológica em relação aos outros (...)
71. (...) mas dado o défice cognitivo dele, se calhar está ainda a baixo ou igual àquilo que tem. (...)
72. (...) ele tem feito muitos progressos (...)

**73.** (...) Os retrocessos que há, por vezes não será tanto retrocessos (...)

**74.** (...) será mais (...) uma pausa. (...)

**75.** (...) Isto é quando o ambiente em casa está mais tenso, (...) a mãe agora vive com um companheiro, que ele gosta muito, que o companheiro também gosta muito do miúdo. Ele trata-o por pai, identifica-o como a imagem paternal (...) e às vezes o ambiente torna-se um bocadinho mais tenso. (...)

**76.** (...) e ele aí vem mais perturbado. (...)

**77.** (...) Assim que há qualquer coisa em casa, nós na sala de aula sentimos logo, sentimos logo, sentimos logo (...).

**78.** (...) Aí há aquela pausa. (...) assim que o pai e a mãe estão chateados durante uma semana, ele faz uma pausa durante uma semana. (...)

**79.** Na semana seguinte os pais resolveram o seu desacato, o seu desentendimento e ele vem outra vez todo satisfeito e todo bem e todo tranquilo e tudo muito bem. (...)

**80.** (...) Daí a quinze dias, um mês há mais uma chatice lá em casa, dois dias estão chateados, um dia que estão chateados é uma pausa de um dia, uma pausa de dois dias. (...)

**81.** [*Razão para este aluno estar integrado no REE*] (...) é um aluno com défice cognitivo que foi diagnosticado por psicóloga (...)

**82.** (...) e este é ... daquele leque, o grupo de alunos que eu considero que têm tudo a ganhar (...)

**83.** (...) porque são alunos que ainda se consegue trabalhar (...)

**84.** (...) consegue-se fazer um currículo adaptado (...)

- 85.** (...) e ele consegue ir potencializando as suas capacidades (...)
- 86.** (...) e ele vai (...) também adquirindo outras e desenvolver essas que vai adquirindo também. (...)
- 87.** (...) É um miúdo que dá para trabalhar, porque temos um feedback, temos um output das aprendizagens, do nosso trabalho com ele. (...)
- 88.** (...) Porque há miúdos que se trabalham ou que se tentam trabalhar e não se consegue trabalhar com eles. (...)
- 89.** (...) Eles não dão resposta. A gente não consegue aferir se estamos a fazer bem, se estamos a fazer mal, porque pura e simplesmente, não obtemos resposta (...)
- 90.** (...) Não sabemos se ele aprendeu. Ele hoje sabe contar até cinco, amanhã não sabe os números (...)
- 91.** [*Comportamento do aluno*] (...) ele dentro da sala de aula comigo e até com os funcionários, com todos os agentes do meio escolar não tem tido problemas nenhuns (...)
- 92.** (...) Sei que ele esteve a frequentar um ATL (...) que ele não se integrou e ele foi violento (...)
- 93.** (...) e foi mal-educado e tudo o mais (...)
- 94.** (...) e foi convidado depois a sair (...)
- 95.** (...) e a mãe também achou por bem mudá-lo de ATL (...)
- 96.** (...) Isto ao mesmo tempo; isto na parte da tarde havia estes distúrbios todos, na parte da manhã tinha estado na sala, tranquilo, normal (...)

- 97.** (...) Como disse ainda há pouco, as coisas tremem em casa e ele treme aqui (...)
- 98.** (...) Mas ele aqui sente amizade, sente carinho (...)
- 99.** (...) ele aqui sente apoio dos colegas, do professor do regular, da professora de apoio, de toda a comunidade escolar e sente-se bem (...)
- 100.** (...) sente-se seguro dentro daquelas portas, chamada escola (...)
- 101.** [*Conclusões acerca da inclusão*] (...) Temos que avaliar muito bem. (...)
- 102.** (...) Tem que haver uma seriedade muito grande (...)
- 103.** (...) Tem que haver todas as pessoas, desde a pessoa que começa a diagnosticar, desde a pessoa que dá aulas no ensino regular, no ensino de apoio, tem que haver uma especialização para que realmente e efectivamente se diga: “ - Este miúdo tem a ganhar com a inclusão. (...)
- 104.** (...) Aquele miúdo precisa de mais qualquer coisa do que a inclusão” (...)
- 105.** (...). A inclusão é boa, então vamos lá pôr todos os miúdos. (...)
- 106.** (...) Atenção: É boa, mas (...) quem é que vai ser incluído e onde é que vai ser incluído (...)
- 107.** (...) porque às vezes há a incapacidade técnicas, físicas, psicológicas para conseguir fazer face às dificuldades que um determinado aluno tem (...)
- 108.** (...) e esse aluno precisa de qualquer coisa mais específica, mais localizada, mais circunscrita. (...)

**109.** (...) Esse aluno não pode estar no meio de uma turma com vinte alunos, com dezoito alunos, com vinte e cinco alunos e com algumas barbaridades que também nós sabemos, de turmas extremamente grandes com alunos às vezes dois, três alunos (...), com casos problemáticos. (...)

**110.** (...) Isto não é inclusão (...), podem-lhe chamar qualquer coisa terminada em ão também, mas não é inclusão. (...)

**111.** Portanto temos que fazer uma boa avaliação para saber quem é que vamos incluir para termos bons resultados (...)

**112.** (...) e os bons resultados (...) é fazer com que o indivíduo seja mais capaz e seja mais autónomo no seu futuro (...)

**113.** (...) que seja capaz de viver a sua vida sem precisar de (...), ajuda de terceiros. (...)

**114.** [*Dicas para o sucesso escolar de alunos com NEE*] (...) são sempre miúdos que vêm de ambientes muito deteriorados, desfavorecidos. (...)

**115.** (...) Estes miúdos precisam de carinho, de muito apoio (...)

**116.** (...) é o apoio em todos os aspectos. Se ele às vezes está com vontade de chorar, nós oferecemos o nosso ombro para ele chorar, às vezes temos que ralar, às vezes temos que dizer: - Meu amor, (...) isto acho que é a grande chave (...)

**117.** (...) é eles sentirem-se apoiados. (...)

**118.** (...) Se eles se sentirem seguros, (...) se sentirem tranquilos, se eles sentirem um ambiente calmo, eles vão começando a aprender (...)

**119.** (...) todo e qualquer professor tem por obrigação planificar, orientar, organizar a sua pedagogia e a sua didáctica de forma a potencializar e a aumentar as capacidades destes alunos. (...)

**120.** (...), tem que haver uma confiança (...)

**121.** (...) tem que haver um ambiente sereno. (...)

**122.** (...) Se um professor faz um grande plano de apoio, muito bem formalizado, mas não tem uma palavra de afecto, uma palavra de carinho para estes miúdos, que normalmente vêm de ambientes desfavorecidos, (...) ele vai entrar em choque. (...)

**123.** (...) Vem em choque de casa, entra na escola em choque e sai da escola em choque. (...)

**124.** (...) Não vale a pena. É primeiro o carinho e depois a nossa função como professores. (...)

**125.** [*Acerca da inclusão ser ou não benéfica para todos os alunos*] Depende dos casos. (...)

**126.** (...) Neste caso é muito benéfica (...)

**127.** (...) Porque este miúdo vai ser mais capaz, de certeza absoluta. (...)

**128.** (...) Este miúdo não sabia ler, não sabia as letras, não sabia nada, nem estava motivado tão pouco para actividades de sala de aula. (...)

**129.** (...) Ele neste momento pede para lhe passar mais coisas, ou a mim, ou à professora de apoio. (...)

**130.** (...) Este miúdo, presentemente, só temos que fazer alguns ajustes para conseguir corresponder. (...)

**131.** (...) É um aluno que já interpreta, se bem que mais oralmente. Na escrita depois começa com algumas dificuldades, mas (...) ... pomos-lhe um texto na frente com meia dúzia de perguntas e ele responde, por iniciativa própria. (...)

**132.** [*Se deve haver sempre inclusão*] Deve haver sempre inclusão. (...)

**133.** (...) Deve haver sempre inclusão, (...) claro está, depende dos alunos. (...)

**134.** (...) Eu tive um caso de um aluno que tinha paralisia cerebral profunda, (...), que única e exclusivamente estava na escola, no espaço. (...)

**135.** (...) Não dava nem recebia, ou pelo menos nós tentávamos pelos mais diversos esquemas, estratagemas (...) e não obtínhamos uma resposta. (...)

**136.** (...) este aluno numa outra escola, num outro local com outro tipo (...) atitude (...)

**137.** (...) com outro tipo de ensino, com outro tipo de trabalho, este aluno, se calhar, podia ganhar mais. Porque este miúdo era um miúdo com muitas dificuldades motoras. (...)

**138.** (...) Se calhar precisava de trabalhar a nível motor (...)

**139.** (...) Enquanto que estes miúdos como este que nós estamos aqui a analisar têm tudo a ganhar, (...), têm pequenas dificuldades que conseguem superar (...)

**140.** (...) agora aqueles miúdos com dificuldades profundas precisam de muito mais do que o saber de um professor, do que o saber de um professor de apoio, do que uma escola pode oferecer, principalmente as escolas do 1.º ciclo, que estão altamente desfavorecidas (...)

**141.** [*Vantagens da inclusão para os alunos com NEE*] (...) estão mais apoiados directamente ... (...)

**142.** (...) não estão tão diferenciados dos outros (...)

**143.** (...) e conseguem ... (...) ... ouvir a mesma coisa que os outros estão a ouvir, (...) o estar a par, não haver distinção (...)

**144.** (...) o estar constantemente apoiados e não sentir diferente (...)

**145.** [*Desvantagens da inclusão para os alunos com NEE*] Eu não vejo desvantagens (...)

**146.** (...) só vejo vantagens (...)

**147.** (...) A única desvantagem é o saber onde podemos incluir estes alunos. (...)

**148.** [*Vantagens da inclusão para os alunos sem NEE*] (...), têm que respeitar uma pessoa (...)

**149.** (...) que amanhã, (...) eles vão ter na sociedade (...) inúmeras pessoas que por algum motivo são ligeiramente diferentes e tem que haver ali um pouco da cidadania (...)

**150.** (...) o respeitar o outro para se respeitarem a eles próprios também (...)

**151.** (...) Também têm tudo a ganhar porque há sempre estratégias e sempre actividades diversificadas que os alunos sem NEE também podem assimilar (...)

**152.** (...) Tal qual como ainda há pouco os outros ganhavam, estes também ganham (...)

**153.** [Desvantagens da inclusão para os alunos sem NEE] (...), não vejo se terão desvantagens (...)

**154.** (...) Acho que têm mais vantagens do que desvantagens (...)

**155.** (...) só se houver incompatibilidade entre os dois docentes, o docente titular e o docente de apoio, aí poderá haver interferências e isso seja transmitido aos alunos, tanto aos alunos com necessidades como sem necessidades. Na minha opinião é a única desvantagem (...)

## ANEXO 14

### Pré-categorização da entrevista ao 2.º Professor do aluno

1. [*Habilitações académicas*] Tenho o magistério e tenho uma licenciatura em administração escolar (...)
2. [*Tempo de serviço*] Há 19 anos (...)
3. [*Motivação para a escolha da profissão*] (...) Foi um bocado, porque gosto Humanísticos. (...). Havia muita falta de professores (...)
4. (...) como não tinha uma saída em termos de universidade, não porque não tivesse notas, mas porque não gostava da área, tentei esta área (...) e foi fácil entrar e de fazer o curso (...)
5. [*Inclusão de alunos com necessidades educativas especiais numa turma regular*] (...) é extremamente importante porque (...) é a única forma deles se sentirem mais iguais aos outros talvez. Pronto, donde não podem ser, ser postos num gueto (...)
6. [*Num mundo à parte*] Num mundo à parte. (...) eles têm necessidades educativas especiais, mas são alunos como os outros (...)
7. [*Adaptação do aluno à nova escola*] Este aluno em termos de adaptação, penso que não teve grandes problemas (...)
8. (...) como a turma é um pouco homogénea é fácil de aceitar os outros, aliás eu já tenho cinco inclusões na turma este ano e nenhuma teve problemas (...)
9. Nos tempos livres foi um bocado mais complicado, porque ele tentava afirmar-se em relação aos outros pela negativa (...)

10. [*Características mais relevantes deste aluno*] Penso que é um aluno carenciado (...)
11. (...) um aluno com uma família instável (...)
12. (...) que lhe dá pouco apoio (...)
13. (...) de um meio sócio-económico muito baixo (...)
14. (...) com vivências um bocado limitadas (...)
15. (...) com muitas dificuldades a vários níveis, nomeadamente na escrita, na ortografia (...)
16. (...) penso que é um aluno que sempre que tem que ser transferido de escola, que é um bocado vítima das mudanças, de um lado para o outro (...)
17. [*Professor de apoio educativo*] Não, não tinha (...) Era para ter, mas não teve (...)
18. (...) Arranjaram uma solução que não achei bem. Queriam transferi-lo para outra escola para ter apoio (...)
19. (...) Entretanto ele morava perto da escola, a situação seria muito mais complicada se ele fosse transferido, do que se ficasse. Ficaram de equacionar uma solução durante as férias do Natal, para o segundo período, mas entretanto voltou a ser transferido (...)
20. [*Vantagens da inclusão de alunos com necessidades educativas especiais numa turma regular*] (...) Bom há uma vantagem em termos numéricos que é a que está no decreto-lei 319, que prevê tenha que ter só 20 alunos para o professor, em vez de ter o máximo 24, actualmente passa a ter 20 (...)
21. (...) outra, depende do tipo de trabalho que o professor faça (...)

**22.** (...) eu acho que esses alunos têm sempre algo a ensinar aos outros (...)

**23.** Quando nós trabalhamos certos tipos de valores como a multiculturalidade, a inclusão da pessoa diferente, a inclusão das pessoas inclusivé de outras raças, etc, quando se fala são, são uma mais-valia porque têm outras vivências, neste caso concreto deste aluno (...)

**24.** [*Desvantagens da inclusão para os alunos sem necessidades educativas especiais*] (...) Eu penso que não terão grandes desvantagens, mas poderão, (...) depende do tipo, das características do aluno (...)

**25.** Se é um aluno conflituoso, se é um aluno que seja muito perturbador, ele vai no fundo estragar, entre aspas (...)

**26.** [*O bom ambiente*] O bom ambiente da sala.

**27.** (...) Se for um aluno que exija demasiado a atenção do professor, ele vai fazer com que o professor esteja menos disponível para os outros, porque tem que dar a esse. Se for um aluno que (...) no fundo é captar mais a atenção do professor e no fundo, possíveis questões comportamentais (...)

**28.** [*Para o protagonista deste estudo há vantagens ou desvantagens com a inclusão*] Penso que sim (...)

**29.** (...) Porque (...) ele para já, para já aconteceu nesta escola, não com a turma mas com outros alunos, a questão da cor, da raça (...), chamavam-lhe preto, chamavam-lhe não sei quê, e ele não gostava e isso é uma razão de conflito (...)

**31.** (...) Tem que ter uma turma que o receba de uma forma amistosa, de uma forma em que ele se sinta bem (...)

**30.** Não, eu penso que não (...), porque ele tem que sentir, (...), no fundo que é igual aos outros (...)

**32.** Tinha aqui uma aluna brasileira que a mãe, extremamente exigente (...), que (...) andou à procura por aí e achou que esta turma era a turma ideal para a filha estar e ela vem deslocar a filha não sei de quantos quilómetros para a colocar aqui, precisamente para ela ser bem integrada (...)

**33.** (...) Porque (...) os alunos são todos conhecidos, amigos uns dos outros, há bom ambiente até para os colegas que cá estiveram antes, (...) o [...], aqui, penso que tinha toda a vantagem em ser incluído (...)

**34.** (...) que motivos demais em relação à família tem ele para ser excluído (...)

**35.** *[Deve haver sempre inclusão dos alunos em qualquer situação]* Sim, não faz sentido, em qualquer situação, não faz sentido haver duas escolas, (...) temos sempre duas vias. Se a escola regular tem que os receber ou então todos esses alunos seriam mandados para instituições próprias, os tais guetos (...)

**36.** (...) Isto, penso que não vai valorizar a auto-estima do aluno que tem que ser feita sempre pela positiva e não pela negativa. Se vamos a uma escola com dificuldades, necessidades, com problemas, quer dizer não vai trazer nada de positivo (...)

**37.** Na escola onde eu estive antes, havia uma sala que era a UIE, unidade de intervenção especializada, que tem lá dois alunos extremamente difíceis, que é uma sala que foi apetrechada para alunos com graves deficiências motoras e psicológicas, mas tenta-se a pouco e pouco puxar esses alunos para fora da sala.

**38.** A sala foi feita para deixar de existir, mas o que aconteceu na prática é que essa inclusão é extremamente difícil, porque os alunos têm um grau de deficiência tal que ao fim de vários anos, eles ainda não conseguiram tirar-se para uma turma regular (...)

**39.** (...) quer dizer, também há casos extremos em que a inclusão é muito, muito, muito difícil (...)

**40.** (...) mas pronto, num modo geral, quando os alunos têm apenas algumas dificuldades têm sempre todas as vantagens (...)

**41.** (...) Aqui neste caso estou a falar de deficiências profundas, que não falam, que não andam, que pronto é muito complicado (...)

**42.** (...) mas toda a escola deve estar preparada para os receber, (...). Não faz sentido deslocar essas crianças só para um sítio longe ou para longe da família ou fora do contexto familiar, etc (...)

## ANEXO 15

### Pré-categorização da entrevista à 3.ª Professora do aluno

1. [*Habilitações académicas*] Tenho o magistério primário e um curso de pedagogia feitos no Brasil (...)
2. [*Tempo de serviço*] (...) Dei aulas no Brasil durante 7 anos e depois estive algum tempo sem leccionar (...)
3. (...) Aqui em Portugal comecei a trabalhar no ano de 2000/01 (...)
4. [*Motivação para a escolha desta profissão*] Sempre quis ser professora, desde menina que eu queria isso (...)
5. [*Inclusão de alunos com Necessidades educativas especiais numa turma regular*] É muito, muito difícil (...)
6. [*Adaptação deste aluno à nova escola*] Foi um pouco difícil porque já na primeira semana o acusaram de ter feito o roubo de uma bicicleta quando ele ainda estava noutra escola (...)
7. E então ele entrou aqui em desvantagem e isso serviu de desmotivação. (...) talvez isso lhe tenha baixado a auto-estima, porque ele já se via aí como um ladrão, todos o chamavam por isso. Todos cobravam isso dele. E nós na escola deixamos isso, deixamos, pois foi uma coisa passada extra escola (...)
8. (...) O menino nunca se interessou muito (...)
9. (...) sempre foi muito agressivo (...)

**10.** (...) complicado nos intervalos (...)

**11.** (...) batia nos colegas (...)

**12.** (...) a idade da puberdade veio ajudar (...)

**13.** (...) mas eu acho que este problema que ele tem em pegar as coisas dos outros, acaba por contribuir, e esta escola tem muitos meninos que também são problemáticos e veio-se juntar mais este (...)

**14.** (...) Ele não conseguiu se adaptar como queria (...)

**15.** [*Comportamento geral dos alunos da turma*] Muito, muito complicado (...)

**16.** (...) Eu no início ia para casa e chorava todos os dias. Eu até queria desistir da turma, mas depois uma colega falou-me do MEM, movimento da escola moderna. E então este método veio tornar a turma diferente, muito diferente principalmente na disciplina. Se antes eles se recusavam em escrever e ouvir a professora e não se interessavam (...) com este método eles são obrigados a planificar, a fazer projectos, descer para pesquisar na biblioteca, passar os seus trabalhos no computador. Eu acho que ajudou muito. O conselho de classe também ajudou muito. Aí dá para resolver problemas que há entre eles e não é tudo na hora em que tudo está quente. Eles anotam (...) no diário de turma e é discutido na sexta-feira. Há tempo para resfriar e ver o problema com mais tranquilidade (...)

**17.** (...) Eles estão sempre a se bater, sempre a se agredir fisicamente e verbalmente (...)

**18.** (...), são uma loucura estes meninos e depois que eles viram que tinham que prestar contas para os colegas no conselho de turma daquilo que tinham feito, eles começaram a entender a realidade. (...). Ele já vai pensar duas vezes antes de fazer (...)

19. [*Características mais relevantes deste aluno*] Agora ele melhorou um pouco (...)
20. (...) mas quase todos os dias ele estava a bater-se com uma colega (...)
21. (...) era correr na sala de aula, pontapé, chapada, quase todos os dias E isto não é normal para um bom menino (...)
22. (...) Eu não acredito que o [...] algum dia estivesse bem. O [...] nunca foi forte. Nem sei como ele chegou no 4.º ano, porque tem coisas que ele não sabe. E são coisas simples.
23. (...) Eu acho que ele sempre teve muito apoio e precisa de um apoio muito grande (...)
24. (...) O [...] é um menino que não depende só do apoio, ele não quer trabalhar, ele é muito preguiçoso (...)
25. O [...] aqui não tem apoio directo porque ele veio transferido no segundo período (...)
26. [*Sem apoio não faz nada...*] Sim, sim. Sem apoio não faz nada. Eu com esta turma não posso dar apoio a um ou outro aluno. Eu tenho que ver a turma toda (...)
27. [*A propósito do apoio família, a mãe, o padrasto*] Ela, trabalha sim, (...) mas mesmo quando estava em casa ela nunca veio cá, não atende o telefone, não se interessa por nada. Quando ele esteve doente, fiz mais eu por ele do que a própria mãe. (...) são pessoas que não se interessam pelo filho (...)
28. (...) Quando nós a chamamos também não ela não vem e não somos nós que devemos andar de casa em casa a visitar aquela mãe e saber porquê ela não vem (...)
29. (...) Ela me parece uma mulher civilizada (...)

**30.** [*Se esta turma fosse uma turma “normal” o [...] estaria bem incluído*] Talvez, talvez (...)

**31.** [*Nesta turma ele está bem incluído*] De maneira nenhuma (...)

**32.** (...) Esta turma é muito complicada e aqui ele não tem sucesso. Neste ano ele não vai passar o ano. Ele não atingiu as competências do 4.º ano (...)

**33.** (...) esta turma tem dezasseis alunos, dez são filhos de pais separados e isto é um problema social (...)

**34.** (...) Porque eles precisam de um pai. Eles sentem falta de uma presença masculina. É, os pais não vivem com os filhos, geralmente têm mais irmãos em casa e a mãe se sobrecarrega com o trabalho e o pai não ajuda, automaticamente os meninos se tornam meninos de rua (...) como o aluno B e o aluno C, coitado e as mães, principalmente a do aluno B eram sempre opositoras a tudo da escola e o menino sente isso e ninguém o consegue fazer parar (...)

**35.** [*Vantagens da inclusão de alunos com NEE numa turma regular*] Com a inclusão todos têm a ganhar, mas é preciso que a turma ajude (...)

**36.** Não se deveria juntar muitos alunos difíceis na mesma turma. Assim é muito difícil trabalhar e o sucesso escolar dos alunos com NEE é quase impossível (...)

**37.** (...) Se a turma for “normal” os alunos sem NEE ajudam os alunos com NEE, e assim estes superam melhor as suas dificuldades (...)

**38.** [*Vantagens da inclusão para os alunos sem NEE*] (...) têm todos a ganhar com a inclusão, mas temos que ter em conta as condições gerais da turma (...)

**39.** (...) A inclusão vai fazer com que os alunos sem NEE cooperem com os alunos com NEE (...)

**40.** (...) O conceito de cidadania está muito presente na inclusão (...)

**41.** [*Desvantagens da inclusão para os alunos com NEE*] Neste caso a inclusão tem desvantagens porque foi mal feita (...)

**42.** (...) Este aluno não deveria ser incluído nesta turma (...)

**43.** [*Desvantagens da inclusão para os alunos sem NEE*] Os alunos sem NEE nesta turma estão em desvantagem devido ao comportamento de todos os alunos no geral (...)

## ANEXO 16

### Pré-categorização da entrevista à Psicóloga escolar

1. [*Habilitações académicas*] Licenciatura em psicologia (...)
2. [Tempo de serviço] Doze anos aproximadamente (...)
3. [*Motivação a ser psicóloga escolar*] Sempre pensei nesta área (...). Não sei, há muitos anos, eu era miúda, quando (...)
4. [*Um sonho de criança*] Sim, sim (...)
5. [*Inclusão de alunos com NEE, numa turma regular*] Eu penso que sim, creio que devem ser incluídos (...)
6. (...) Os alunos com NEEs, (...). Para já, há vários graus de (...) dentro dos NEEs há vários perfis de alunos, com maior ou menor grau de integração, digamos assim (...)
7. (...) E em princípio é benéfico tanto para os NEEs (tossiu, novamente) (...) como para os outros (...)
8. [*Protagonista deste estudo*] (...). É um aluno com problemas ao nível (...) ... intelectual (...)
9. (...) segundo os testes apresenta (...) um défice cognitivo (...)
10. (...) Com a agravante de estar inserido numa família, (...) uma família bastante (...) problemática, mesmo (...)
11. (...) Não ajuda nada, a tentar ultrapassar as suas limitações, as suas capacidades (...)

**12.** [*Ambiente familiar influencia o aluno*] Ai neste caso (sorrisos) acho que só influencia (...)

**13.** [*Nível de concentração do aluno*] (...) Os seus momentos de concentração são curtos (...)

**14.** [*Condições de desenvolvimento e aprendizagem*] (...) Segundo o historial do aluno em causa, (...), ele começa por ter já desde a gravidez, (...) havia problemas. Ao nível da anamnese também se nota que ele fez as aquisições normais tardias, (...). Isto já revela (...) o indício de alguns problemas que se vêm confirmar com o desempenho académico (...)

**15.** (...) Parece-me que aqui, tanto o factor genético, como o factor ambiental estão ambos a convergir para o fraco desenvolvimento dele (...)

**16.** [*Comportamento do aluno*] É complicado, acho que é complicado. Conhecendo os problemas familiares que ele tem, (...) é complicado (...)

**17.** (...) Se fosse uma criança com uma família estruturada, mais ou menos dita normal, (...) em que apresenta um pai, um padrasto, seja o que for, mas apresenta uma figura masculina que fosse (...) ele não vive com o pai, vive com o padrasto, onde existem várias separações turbulentas (...)

**18.** (...) Uma mãe que também desconhecemos, não sabemos até que ponto esta mãe (...) é uma mãe normal, (...). Tudo isto vai influenciar negativamente o comportamento dele, daí que não possamos fazer uma avaliação dita normal, porque os parâmetros não são os mesmos (...)

**19.** [*A inclusão é benéfica para este aluno*] Sim. Que respostas é que daríamos a ele? (...) a inclusão é benéfica (...)

20. (...) agora há toda uma falta de apoio da estrutura social, o apoio familiar. É isso que faz falta, que esta mãe se calhar também precisava de uma orientação (...)

21. [Razão para o aluno beneficiar do REE] Todas, todas aquelas as que nós temos aqui vindo a dizer. (...) é daqueles infelizes entre aspas que têm o azar de já ter alguns problemas inerentes à sua estrutura e depois o ambiente familiar também, (...) ainda agrava mais essas limitações (...)

22. [Défice cognitivo] Sim, ele está ainda no básico, nos pré-requisitos e não os tendo e sendo tão difícil conseguir tê-los, não é, por aquilo que nós temos estado a falar (...)

23. [Benefícios da inclusão para os colegas da turma] (Pausa) Nem benefícios, nem (risos) o contrário (...)

24. (...) Ele é um aluno, (...) apesar de ter um défice cognitivo não é, (...) daqueles alunos que como outros casos conhecidos... Casos que causem problemas (...)

25. (...) mesmo aqueles que causam problemas temos que resolver esses problemas (...)

26. (...) Há (...) vantagens e desvantagens, mas também não o veria noutra ensino senão neste (...)

27. [Conclusões acerca da inclusão] (...) salvo raras exceções, a inclusão, penso que é uma boa política, desde que sejam criadas condições para podermos tanto trabalhar com esses alunos NEEs

28. (...) como também com os outros (...)

29. (...) Não interessa que os outros fiquem prejudicados pelos NEEs, nem vice-versa. Agora, as condições é que nem sempre existem (...)

**30.** [*Vantagens da inclusão para os alunos com NEE*] (...), sendo estes cidadãos como qualquer outros têm que estar integrados num ambiente o mais normal possível, (...), desde que haja condições eles só têm vantagens (...)

**31.** [*Vantagens da inclusão para os alunos sem NEE*] Em termos de socialização (...)

**32.** (...) de educação cívica (...)

**33.** (...) o saber estar com pessoas diferentes (...)

**34.** (...) o saber ajudar (...)

**35.** (...) o saber lidar com pessoas diferentes (...)

**36.** (...). E teriam, (...) vantagens se efectivamente houvesse uma boa integração por parte dos NEEs, porque aí, os outros alunos teriam desvantagem, acontece que não havendo boas condições, alguns casos poderão ficar em desvantagem, principalmente aqueles casos de alunos um pouco mais avançados do que os outros, (...). Uma pessoa raramente dá conta de todos os casos em si e estes são um pouco esquecidos (...)

**37.** [*Desvantagens da inclusão para os alunos com NEE*] Há, na medida em que não há condições (...)

**38.** [*Desvantagens da inclusão para os alunos sem NEE*] É exactamente a mesma resposta das perguntas anteriores (...)

**39.** [*Vantagens da inclusão para o protagonista deste estudo*] Há, neste caso, sem dúvidas que há, (...) para o protagonista há vantagens na medida em que as suas necessidades não são assim tão profundas e portanto tem toda a vantagem em estar integrado num ambiente o mais normal possível (...)

**40.** [*Inclusão promotora de auto-estima*] Sem dúvida que sim, principalmente se for uma boa inclusão (...)

**41.** (...) Tudo depende também de quem trabalhar com ele, da sensibilidade, ou não, da pessoa que estiver a trabalhar com ele (...)

**42.** [*Desvantagens da inclusão para o protagonista deste estudo*] Não, não tem (...)

## ANEXO 17

### Categorização das unidades de sentido da entrevista ao 1º Professor do aluno

#### 1. CARACTERIZAÇÃO PESSOAL E PROFISSIONAL DO ENTREVISTADO

##### 1.1. SITUAÇÃO PROFISSIONAL

- [Ciclo em que trabalha] Estou a trabalhar no 1.º ciclo, por opção. (...) (3)
- [*Causas dessa opção*] (...) a colocação mais rápida do que no 2.º ciclo (...) (4)
- (...) a colocação mais perto de casa (...). Estou mais perto de casa (...) (5)
- (...) estou colocado com garantia, o horário completo (...) e estou melhor (...) (6)
- (...) estou perto de casa. (...) perto da minha residência (...) (7)

##### 1.2. TEMPO DE SERVIÇO

- Há 8 anos. (...) (2)

##### 1.3. HABILITAÇÕES ACADÉMICAS

- Tenho a licenciatura (...) do 1.º ciclo e 2.º ciclo, variante de educação física (...) (1)

##### 1.4. MOTIVAÇÃO PROFISSIONAL

- Não verificada

#### 2. CARACTERIZAÇÃO DO PROTAGONISTA DO ESTUDO

##### 2.1. ANTECEDENTES FAMILIARES

- [*Protagonista deste estudo*] (...) era um miúdo que vivia numa cidade grande, Lisboa (...) (13)
- (...) foi um miúdo que nasceu prematuro (...) (14)
- (...) é um quinto filho, é o quinto filho (...) (15)

- (...) o pai que não é o pai também de todos os irmãos (...) (16)
- (...) mas o pai dele era (...) é toxicodependente (...) (17)
- (...) muito violento, tratava mal a mãe, os outros irmãos, o próprio. (...) (18)
- (...) Vivia numa situação muito, muito complicada (19)
- (...) era sujeito a agressões, via agressões, via uma série de condicionantes que o perturbava bastante (...) (20)
- (...) dar os parabéns à mãe de ter tido coragem (...), de ter fugido do meio onde estava, à procura de melhores condições de vida. (...) (33)

## **2.2. ANTECEDENTES ESCOLARES**

- (...) era um miúdo que não estava bem integrado na escola (...) (21)
- (...) que dava problemas, tanto na escola como nos ATLs onde estava. (...) (22)
- (...) todo o meio onde ele estava inserido era complicado. (...) (23)

## **2.3. CARACTERÍSTICAS PESSOAIS DO ALUNO**

- (...) Agora, que o conheço há já três anos, é um miúdo muito sensível e que ele absorve tudo o que o rodeia. (...) (24)
- (...) ele é um miúdo assinalado e era um miúdo com alínea i) (...) (25)
- (...) o diagnóstico dele é que (...) era e é um aluno com um défice cognitivo acentuado (...) (26)
- (...) reage às vezes negativamente. (...) (29)
- (...) É impulsivo. (...) (30)
- (...) É sempre um miúdo mais difícil do que os outros (...) (44)
- (...) às vezes tem as suas teimosias. (...) (45)
- (...) estamos a falar de um miúdo que tem uma diferença de idade cronológica em relação aos outros (...) (70)
- (...) mas dado o défice cognitivo dele, se calhar está ainda a baixo ou igual àquilo que tem. (...) (71)
- [*Razão para este aluno estar integrado no REE*] (...) é um aluno com défice cognitivo que foi diagnosticado por psicóloga (...) (81)

- [*Comportamento do aluno*] (...) ele dentro da sala de aula comigo e até com os funcionários, com todos os agentes do meio escolar não tem tido problemas nenhuns. (...) **(91)**
- (...) Sei que ele esteve a frequentar um ATL (...) que ele não se integrou e ele foi violento (...) **(92)**
- (...) e foi mal-educado e tudo o mais (...) **(93)**
- (...) e foi convidado depois a sair (...) **(94)**
- (...) neste momento, com este miúdo basta dar um assobio, basta dar um olhar, basta fazer uma sinalética e ele corresponde, e ele reage impecavelmente. (...) **(38)**
- (...) Às vezes não compreende porque não pode fazer aquilo e os outros podem (...) regras de jogo deles, regras que eles próprios fazem, às vezes ... ele custa a aceitar um bocadinho (...) **(46)**

#### **2.4. AMBIENTE FAMILIAR**

- (...) agravado pelo ambiente que tem. (...) **(27)**
- (...) se o ambiente está muito instável, ele começa a ficar instável (...) **(28)**
- (...) Isto é quando o ambiente em casa está mais tenso, (...) a mãe agora vive com um companheiro, que ele gosta muito, que o companheiro também gosta muito do miúdo. Ele trata-o por pai, identifica-o como a imagem paternal (...) e às vezes o ambiente torna-se um bocadinho mais tenso (...) **(75)**
- (...) Como disse ainda há pouco, as coisas tremem em casa e ele treme aqui (...) **(97)**
- (...) Daí a quinze dias, um mês há mais uma chatice lá em casa, dois dias estão chateados, um dia que estão chateados é uma pausa de um dia, uma pausa de dois dias. (...) **(80)**
- (...) e ele aí vem mais perturbado. (...) **(76)**
- (...) Assim que há qualquer coisa em casa, nós na sala de aula sentimos logo, sentimos logo, sentimos logo (...) **(77)**
- (...) Aí há aquela pausa. (...) assim que o pai e a mãe estão chateados durante uma semana, ele faz uma pausa durante uma semana (...) **(78)**

- Na semana seguinte os pais resolveram o seu desacato, o seu desentendimento e ele vem outra vez todo satisfeito e todo bem e todo tranquilo e tudo muito bem. (...) (79)
- (...) e a mãe também achou por bem mudá-lo de ATL (...) (95)

## 2.5. AMBIENTE ESCOLAR

- [*Reacção do aluno à mudança de escola e de cidade*] (...) optou-se por matriculá-lo no 1.º ano. (...) (31)
- (...) era tudo novo para toda a gente, prós alunos, para mim, para ele. (...) (32)
- (...) Ele ao chegar à escola vinha receoso (...) (34)
- (...) ansioso porque não sabia se vinha para uma coisa melhor ou para uma coisa pior. (...) (35)
- (...) Eu acho que ele viu que estava num grupo de amigos (...) (36)
- (...) viu que o professor se calhar era alguém que o aceitava e o podia ajudar, em quem podia confiar (...) (37)
- (...) Mas ele aqui sente amizade, sente carinho (...) (98)
- (...) ele aqui sente apoio dos colegas, do professor do regular, da professora de apoio, de toda a comunidade escolar e sente-se bem (...) (99)
- (...) sente-se seguro dentro daquelas portas, chamada escola (...) (100)
- (...) não fazem distinção nenhuma dentro da sala de aula, nas actividades curriculares e extra curriculares (...) (43)
- (...) ele é um miúdo que se sente bem na minha presença, na presença de todos os colegas da turma (...) (40)
- (...) que o aceitaram na perfeição [*os colegas*] (...) (41)
- (...) é um colega (...) como qualquer outro (...) (42)
- (...) Isto ao mesmo tempo; isto na parte da tarde havia estes distúrbios todos, na parte da manhã tinha estado na sala, tranquilo, normal (...) (96)
- (...), tem que haver uma confiança (...) (120)
- (...) tem que haver um ambiente sereno. (...) (121)
- (...) Se um professor faz um grande plano de apoio, muito bem formalizado, mas não tem uma palavra de afecto, uma palavra de carinho para estes miúdos,

que normalmente vêm de ambientes desfavorecidos, (...) ele vai entrar em choque. (...) (122)

- (...) Vem em choque de casa, entra na escola em choque e sai da escola em choque. (...) (123)
- (...) Não vale a pena. É primeiro o carinho e depois a nossa função como professores. (...) (124)

### **3. ACÇÃO DA ESCOLA FACE ÀS DIFICULDADES DO ALUNO**

#### **3.1. CONDIÇÕES DADAS AO ALUNO**

- [*Tipo de apoio ministrado*] Dentro da sala de aula, como (...) deveria ser sempre. (...) (49)
- [*Nota melhoria no seu desempenho*] Se este aluno não fosse apoiado não tinha os êxitos que está a ter. (50)
- (...) Uma pessoa que não conheça este miúdo, ou que não leia um pouco do processo dele, (...) diz que este aluno é um aluno que não tem alínea nenhuma e que até nem precisa de alínea (...) (51)
- [*Quanto a ter professora de apoio*] Tem sim senhora. (...) (48)
- (...) está com um apoio formidável (...) (53)
- (...) a professora de apoio tem sido (...) fundamental para o estado em que ele ainda está (...) (54)
- (...) a mãe às vezes pede-me ajuda para o controlar quando as coisas estão a ficar um bocadinho mais tensas em casa (...) (39)
- (...) todo e qualquer professor tem por obrigação planificar, orientar, organizar a sua pedagogia e a sua didáctica de forma a potencializar e a aumentar as capacidades destes alunos. (...) (119)
- [*Reacção dos colegas perante um professor de apoio na turma*] Reagem bem. (...) (57)
- (...) estão habituados desde o primeiro dia de aulas (...) (58)
- (...) é mais uma professora deles (...) (59)
- (...) às vezes vão pedir-lhe ajuda (risos) (...) (60)

- (...) quando o professor está ocupado com outros alunos (...), há alunos que se dirigem à professora, pedem ajuda (...) (61)
- (...) e esta (...) nunca se nega e sempre ajuda em tudo. (...) (62)

### **3.2. DIFICULDADES SENTIDAS**

- Não verificada

## **4. INCLUSÃO DE ALUNOS COM NEE**

### **4.1. DIFICULDADES SENTIDAS**

- (...) não se consegue colmatar e não se consegue fazer face às necessidades que esses alunos têm, que são muitas [*acerca dos alunos com NEE*] (...) (11)
- (...) agora aqueles miúdos com dificuldades profundas precisam de muito mais do que o saber de um professor, do que o saber de um professor de apoio, do que uma escola pode oferecer, principalmente as escolas do 1.º ciclo, que estão altamente desfavorecidas (...) (140)
- (...) Aquele miúdo precisa de mais qualquer coisa do que a inclusão” (...) (104)
- (...) Porque há miúdos que se trabalham ou que se tentam trabalhar e não se consegue trabalhar com eles. (...) (88)
- (...) Eles não dão resposta. A gente não consegue aferir se estamos a fazer bem, se estamos a fazer mal, porque pura e simplesmente, não obtemos resposta (...) (89)

### **4.2. VANTAGENS DA INCLUSÃO:**

#### **4.2.1. VANTAGENS DA INCLUSÃO DE ALUNOS COM NEE**

- [*Sobre a inclusão de alunos com NEE numa turma regular*] (...) por um lado pode ser bom ... e por outro lado pode ser mau (...) (8)
- (...) Há alunos que têm muito a ganhar com a sua inclusão (...) (9)
- (...) são alunos que precisam de uma pedagogia e de um trabalho muito diferenciado com especialização em determinados casos (...) (10)

- (...) por um lado sim, por outro não [*inclusão*] (...) (12)
- Estes miúdos assim é perfeitamente viável, dá para trabalhar, eles desenvolvem (...) (65)
- (...) dá para trabalhar (...) (66)
- (...) no futuro vão ser pessoas mais autónomas e pessoas mais capazes (...) (67)
- (...) nós potenciamos as capacidades destes miúdos com a inclusão numa turma regular. (...) (68)
- [*Dicas para o sucesso escolar de alunos com NEE*] (...) são sempre miúdos que vêm de ambientes muito deteriorados, desfavorecidos. (...) (114)
- (...) Estes miúdos precisam de carinho, de muito apoio (...) (115)
- (...) é o apoio em todos os aspectos. Se ele às vezes está com vontade de chorar, nós oferecemos o nosso ombro para ele chorar, às vezes temos que ralar, às vezes temos que dizer: - Meu amor, (...) isto acho que é a grande chave (...) (116)
- é eles sentirem-se apoiados. (...) (117)
- [*Vantagens da inclusão para os alunos com NEE*] (...) estão mais apoiados directamente ... (...) (141)
- (...) não estão tão diferenciados dos outros (...) (142)
- (...) e conseguem ... (...) ... ouvir a mesma coisa que os outros estão a ouvir, (...) o estar a par, não haver distinção (...) (143)
- (...) o estar constantemente apoiados e não sentir diferente (...) (144)
- (...) Acho que têm mais vantagens do que desvantagens (...) (154)
- [*Conclusões acerca da inclusão*] (...) Temos que avaliar muito bem. (...) (101)
- (...) Tem que haver uma seriedade muito grande (...) (102)
- (...) Tem que haver todas as pessoas, desde a pessoa que começa a diagnosticar, desde a pessoa que dá aulas no ensino regular, no ensino de apoio, tem que haver uma especialização para que realmente e efectivamente se diga: “ - Este miúdo tem a ganhar com a inclusão. (...) (103)
- (...). A inclusão é boa, então vamos lá pôr todos os miúdos. (...) (105)

- (...) Atenção: É boa, mas (...) quem é que vai ser incluído e onde é que vai ser incluído (...) **(106)**
- Portanto temos que fazer uma boa avaliação para saber quem é que vamos incluir para termos bons resultados (...) **(111)**
- (...) e os bons resultados (...) é fazer com que o indivíduo seja mais capaz e seja mais autónomo no seu futuro (...) **(112)**
- (...) que seja capaz de viver a sua vida sem precisar de (...), ajuda de terceiros. (...) **(113)**
- (...) Se eles se sentirem seguros, (...) se sentirem tranquilos, se eles sentirem um ambiente calmo, eles vão começando a aprender (...) **(118)**
- [*Acerca da inclusão ser ou não benéfica para todos os alunos*] Depende dos casos. (...) **(125)**
- (...) porque são alunos que ainda se consegue trabalhar (...) **(83)**
- [*Se deve haver sempre inclusão*] Deve haver sempre inclusão. (...) **(132)**
- (...) Deve haver sempre inclusão, (...) claro está, depende dos alunos. (...) **(133)**

#### **4.2.2.VANTAGENS DA INCLUSÃO PARA OS ALUNOS DITOS “NORMAIS”**

- [*Vantagens da inclusão para os alunos sem NEE*] (...) têm que respeitar uma pessoa (...) **(148)**
- (...) que amanhã, (...) eles vão ter na sociedade (...) inúmeras pessoas que por algum motivo são ligeiramente diferentes e tem que haver ali um pouco da cidadania (...) **(149)**
- (...) o respeitar o outro para se respeitarem a eles próprios também (...) **(150)**
- (...) Também têm tudo a ganhar porque há sempre estratégias e sempre actividades diversificadas que os alunos sem NEE também podem assimilar (...) **(151)**
- (...) Tal qual como ainda há pouco os outros ganhavam, estes também ganham (...) **(152)**

#### **4.2.3.VANTAGENS DA INCLUSÃO PARA O PROTAGONISTA DESTE ESTUDO**

- [*Se a inclusão para este aluno é benéfica*] Muito benéfica (...) **(63)**
- (...) Neste caso é muito benéfica (...) **(126)**
- (...) Porque este miúdo vai ser mais capaz, de certeza absoluta. (...) **(127)**
- (...) Este miúdo não sabia ler, não sabia as letras, não sabia nada, nem estava motivado tão pouco para actividades de sala de aula. (...) **(128)**
- (...) Ele neste momento pede para lhe passar mais coisas, ou a mim, ou à professora de apoio. (...) **(129)**
- (...) Este miúdo, presentemente, só temos que fazer alguns ajustes para conseguir corresponder. (...) **(130)**
- (...), isto é daqueles alunos (...) que têm tudo a ganhar e que faz sentido (...) a inclusão destes alunos assim. (...) **(64)**
- (...) É um aluno que já interpreta, se bem que mais oralmente. Na escrita depois começa com algumas dificuldades, mas (...) ... pomos-lhe um texto na frente com meia dúzia de perguntas e ele responde, por iniciativa própria. (...) **(131)**
- (...) vai aceitando e está perfeitamente integrado. (...) **(47)**
- (...) mas porque está completamente integrado (...) **(52)**
- (...) ele tem vindo a superar todas as competências (...) **(55)**
- (...) ultrapassar até as competências que por vezes nós planificámos (...) **(56)**
- (...) consegue-se fazer um currículo adaptado (...) **(84)**
- (...) e ele consegue ir potencializando as suas capacidades (...) **(85)**
- (...) e ele vai (...) também adquirindo outras e desenvolver essas que vai adquirindo também. (...) **(86)**
- (...) É um miúdo que dá para trabalhar, porque temos um feedback, temos um output das aprendizagens, do nosso trabalho com ele. (...) **(87)**
- (...) Enquanto que estes miúdos como este que nós estamos aqui a analisar têm tudo a ganhar, (...) têm pequenas dificuldades que conseguem superar (...) **(139)**

- (...) só vejo vantagens (...) **(146)**
- (...) e este é ... daquele leque, o grupo de alunos que eu considero que têm tudo a ganhar (...) **(82)**
- [*Progressos ou retrocessos do aluno*] Ele tem feito mais progressos do que retrocessos. (...) **(69)**
- (...) ele tem feito muitos progressos. (...) **(72)**
- (...) Os retrocessos que há, por vezes não será tanto retrocessos (...) **(73)**
- (...) será mais (...) uma pausa. (...) **(74)**

### **4.3.DESVANTAGENS DA INCLUSÃO:**

#### **4.3.1.DESVANTAGENS DA INCLUSÃO DE ALUNOS COM NEE**

- [*Desvantagens da inclusão para os alunos com NEE*] Eu não vejo desvantagens (...) **(145)**
- (...) e esse aluno precisa de qualquer coisa mais específica, mais localizada, mais circunscrita. (...) **(108)**
- (...) Esse aluno não pode estar no meio de uma turma com vinte alunos, com dezoito alunos, com vinte e cinco alunos e com algumas barbaridades que também nós sabemos, de turmas extremamente grandes com alunos às vezes dois, três alunos (...), com casos problemáticos. (...) **(109)**
- (...) Isto não é inclusão (...) podem-lhe chamar qualquer coisa terminada em ão também, mas não é inclusão (...) **(110)**
- (...) A única desvantagem é o saber onde podemos incluir estes alunos. (...) **(147)**
- (...) porque às vezes há a incapacidade técnicas, físicas, psicológicas para conseguir fazer face às dificuldades que um determinado aluno tem (...) **(107)**
- (...) Eu tive um caso de um aluno que tinha paralisia cerebral profunda, (...) que única e exclusivamente estava na escola, no espaço. (...) **(134)**

- (...) Não dava nem recebia, ou pelo menos nós tentávamos pelos mais diversos esquemas, estratagemas (...) e não obtínhamos uma resposta. (...) **(135)**
- (...) este aluno numa outra escola, num outro local com outro tipo (...) atitude (...) **(136)**
- (...) com outro tipo de ensino, com outro tipo de trabalho, este aluno, se calhar, podia ganhar mais. Porque este miúdo era um miúdo com muitas dificuldades motoras. (...) **(137)**
- (...) Se calhar precisava de trabalhar a nível motor (...) **(138)**
- (...) Não sabemos se ele aprendeu. Ele hoje sabe contar até cinco, amanhã não sabe os números (...) **(90)**

#### **4.3.2. DESVANTAGENS DA INCLUSÃO PARA OS ALUNOS DITOS “NORMAIS”**

- [Desvantagens da inclusão para os alunos sem NEE] (...), não vejo se terão desvantagens (...) **(153)**
- (...) só se houver incompatibilidade entre os dois docentes, o docente titular e o docente de apoio, aí poderá haver interferências e isso seja transmitido aos alunos, tanto aos alunos com necessidades como sem necessidades. Na minha opinião é a única desvantagem (...) **(155)**

#### **4.3.3. DESVANTAGENS DA INCLUSÃO PARA O PROTAGONISTA DESTE ESTUDO**

- Não verificada

## ANEXO 18

### Categorização das unidades de sentido da entrevista ao 2.º Professor do aluno

#### 1. CARACTERIZAÇÃO PESSOAL E PROFISSIONAL DO ENTREVISTADO

##### 1.1. SITUAÇÃO PROFISSIONAL

- Não verificada.

##### 1.2. TEMPO DE SERVIÇO

- Há 19 anos (...) (2)

##### 1.3. HABILITAÇÕES ACADÉMICAS

- Tenho o magistério e tenho uma licenciatura em administração escolar (...) (1)

##### 1.4. MOTIVAÇÃO PROFISSIONAL

- (...) Foi um bocado, porque gosto desta área e porque ... decorrente das opções que fiz no, no secundário. Escolhi humanísticos. (...). Havia muita falta de professores.
- (...) como não tinha uma saída em termos de universidade, não porque não tivesse notas, mas porque não gostava da área, tentei esta área (...) e foi fácil entrar e de fazer o curso (...) (3)

#### 2. CARACTERIZAÇÃO DO PROTAGONISTA DO ESTUDO

##### 2.1. ANTECEDENTES FAMILIARES

- Não verificada.

## **2.2. ANTECEDENTES ESCOLARES**

- Não verificada.

## **2.3. CARACTERÍSTICAS PESSOAIS DO ALUNO**

- [*Características mais relevantes deste aluno*] Penso que é um aluno carenciado (...) **(9)**
- (...) com vivências um bocado limitadas (...) **(13)**
- (...) com muitas dificuldades a vários níveis, nomeadamente na escrita, na ortografia (...) **(14)**
- (...) penso que é um aluno que sempre que tem que ser transferido de escola, que é um bocado vítima das mudanças, de um lado para o outro (...) **(15)**
- Se é um aluno conflituoso, se é um aluno que seja muito perturbador, ele vai no fundo estragar, entre aspas (...) **(25)**

## **2.4. AMBIENTE FAMILIAR**

- (...) um aluno com uma família instável (...) **(10)**
- (...) que lhe dá pouco apoio (...) **(11)**
- (...) de um meio sócio-económico muito baixo (...) **(12)**
- (...) que motivos demais em relação à família tem ele para ser excluído (...) **(34)**

## **2.5. AMBIENTE ESCOLAR**

- [*Adaptação do aluno à nova escola*] Este aluno em termos de adaptação, penso que não teve grandes problemas (...) **(6)**
- (...) como a turma é um pouco homogénea é fácil de aceitar os outros, aliás eu já tenho cinco inclusões na turma este ano e nenhuma teve problemas (...) **(7)**
- Nos tempos livres foi um bocado mais complicado, porque ele tentava afirmar-se em relação aos outros pela negativa (...) **(8)**
- (...) Tem que ter uma turma que o receba de uma forma amistosa, de uma forma em que ele se sinta bem (...) **(31)**
- Tinha aqui uma aluna brasileira que a mãe, extremamente exigente (...), que (...) andou à procura por aí e achou que esta turma era a turma ideal para a filha estar e

ela vem deslocar a filha não sei de quantos quilómetros para a colocar aqui, precisamente para ela ser bem integrada (...) (32)

- (...) Porque (...) os alunos são todos conhecidos, amigos uns dos outros, há bom ambiente até para os colegas que cá estiveram antes, (...) o [...], aqui, penso que tinha toda a vantagem em ser incluído (...) (33)
- [*O bom ambiente*] O bom ambiente da sala. (26)
- (...) Porque (...) ele para já, para já aconteceu nesta escola, não com a turma mas com outros alunos, a questão da cor, da raça (...), chamavam-lhe preto, chamavam-lhe não sei quê, e ele não gostava e isso é uma razão de conflito (...) (29)

### **3. ACÇÃO DA ESCOLA FACE ÀS DIFICULDADES DO ALUNO**

#### **3.1. CONDIÇÕES DADAS AO ALUNO**

- [*Professor de apoio educativo*] Não, não tinha (...) Era para ter, mas não teve (...) (16)

#### **3.2. DIFICULDADES SENTIDAS**

- (...) Arranjaram uma solução que não achei bem. Queriam transferi-lo para outra escola para ter apoio (...) (17)
- (...) Entretanto ele morava perto da escola, a situação seria muito mais complicada se ele fosse transferido, do que se ficasse. Ficaram de equacionar uma solução durante as férias do Natal, para o segundo período, mas entretanto voltou a ser transferido (...) (18)

### **4. INCLUSÃO DE ALUNOS COM NEE**

#### **4.1. DIFICULDADES SENTIDAS**

- Na escola onde eu estive antes, havia uma sala que era a UIE, unidade de intervenção especializada, que tem lá dois alunos extremamente difíceis, que é uma sala que foi apetrechada para alunos com graves deficiências motoras e
-

- psicológicas, mas tenta-se a pouco e pouco puxar esses alunos para fora da sala (...) (37)
- (...) A sala foi feita para deixar de existir, mas o que aconteceu na prática é que essa inclusão é extremamente difícil, porque os alunos têm um grau de deficiência tal que ao fim de vários anos, eles ainda não conseguiram tirar-se para uma turma regular (...) (38)
- (...) quer dizer, também há casos extremos em que a inclusão é muito, muito, muito difícil (...) (39)
- (...) mas pronto, num modo geral, quando os alunos têm apenas algumas dificuldades têm sempre todas as vantagens (...) (40)
- (...) Aqui neste caso estou a falar de deficiências profundas, que não falam, que não andam, que pronto é muito complicado (...) (41)

## **4.2.VANTAGENS DA INCLUSÃO:**

### **4.2.1. VANTAGENS DA INCLUSÃO DE ALUNOS COM NEE**

- (...) é extremamente importante porque (...) é a única forma deles se sentirem mais iguais aos outros talvez. Pronto, donde não podem ser, ser postos num gueto (...) (4)
- [*Num mundo à parte*] Num mundo à parte. (...) eles têm necessidades educativas especiais, mas são alunos como os outros (...) (5)
- [*Vantagens da inclusão de alunos com necessidades educativas especiais numa turma regular*] (...) Bom há uma vantagem em termos numéricos que é a que está no decreto-lei 319, que prevê tenha que ter só 20 alunos para o professor, em vez de ter o máximo 24, actualmente passa a ter 20 (...) (20)
- (...) outra, depende do tipo de trabalho que o professor faça (...) (21)
- (...) eu acho que esses alunos têm sempre algo a ensinar aos outros (...) (22)
- [*Deve haver sempre inclusão dos alunos em qualquer situação*] Sim, não faz sentido, em qualquer situação, não faz sentido haver duas escolas, (...) temos sempre duas vias. Se a escola regular tem que os receber ou então todos esses alunos seriam mandados para instituições próprias, os tais guetos (...) (35)
-

- (...) Isto, penso que não vai valorizar a auto-estima do aluno que tem que ser feita sempre pela positiva e não pela negativa. Se vamos a uma escola com dificuldades, necessidades, com problemas, quer dizer não vai trazer nada de positivo (...) (36)
- (...) mas toda a escola deve estar preparada para os receber, (...). Não faz sentido deslocar essas crianças só para um sítio longe ou para longe da família ou fora do contexto familiar, etc (...) (42)

#### **4.2.2. VANTAGENS DA INCLUSÃO PARA ALUNOS “DITOS” NORMAIS**

- Quando nós trabalhamos certos tipos de valores como a multiculturalidade, a inclusão da pessoa diferente, a inclusão das pessoas inclusivé de outras raças, etc, quando se fala são, são uma mais-valia porque têm outras vivências, neste caso concreto deste aluno (...) (23)

#### **4.2.3. VANTAGENS DA INCLUSÃO PARA O PROTAGONISTA DESTE ESTUDO**

- [*Para o protagonista deste estudo há vantagens ou desvantagens com a inclusão*] Penso que sim (...) (28)

### **4.3. DESVANTAGENS DA INCLUSÃO:**

#### **4.3.1. DESVANTAGENS DA INCLUSÃO DE ALUNOS COM NEE**

- Não verificada.

#### **4.3.2. DESVANTAGENS DA INCLUSÃO PARA OS ALUNOS “DITOS” NORMAIS**

- [*Desvantagens da inclusão para os alunos sem necessidades educativas especiais*] (...) Eu penso que não terão grandes desvantagens, mas poderão, (...) depende do tipo, das características do aluno (...) (24)
- (...) Se for um aluno que exija demasiado a atenção do professor, ele vai fazer com que o professor esteja menos disponível para os outros, porque tem que dar
-

- a esse. Se for um aluno que (...) no fundo é captar mais a atenção do professor e no fundo, possíveis questões comportamentais (...) (27)

#### **4.3.3. DESVANTAGENS DA INCLUSÃO PARA O PROTAGONISTA DESTE ESTUDO**

- Não, eu penso que não (...), porque ele tem que sentir (...), no fundo que é igual aos outros (...) (30)

## ANEXO 19

### Categorização das unidades de sentido da entrevista à 3.ª Professora do aluno

#### 1. CARCTERIZAÇÃO PESSOAL E PROFISSIONAL DA ENTREVISTADA

##### 1.1. SITUAÇÃO PROFISSIONAL

- Não verificada.

##### 1.2. TEMPO DE SERVIÇO

- (...) Dei aulas no Brasil durante 7 anos e depois estive algum tempo sem leccionar (...) (2)
- (...) Aqui em Portugal comecei a trabalhar no ano de 2000/01 (...) (3)

##### 1.3. HABILITAÇÕES ACADÉMICAS

- Tenho o magistério primário e um curso de pedagogia feitos no Brasil (...) (1)

##### 1.4. MOTIVAÇÃO PROFISSIONAL

- Sempre quis ser professora, desde menina que eu queria isso (...) (4)

#### 2. CARACTERIZAÇÃO DO PROTAGONISTA DESTE ESTUDO

##### 2.1. ADAPTAÇÃO À NOVA ESCOLA

- Foi um pouco difícil porque já na primeira semana o acusaram de ter feito o roubo de uma bicicleta quando ele ainda estava noutra escola (...) (6)
- E então ele entrou aqui em desvantagem e isso serviu de desmotivação. (...) talvez isso lhe tenha baixado a auto-estima, porque ele já se via aí como um ladrão, todos o chamavam por isso. Todos cobravam isso dele. E nós na escola deixamos isso, deixamos, pois foi uma coisa passada extra escola (...) (7)
- (...) Ele não conseguiu se adaptar como queria (...) (14)

## 2.2. CARACTERÍSTICAS PESSOAIS DO ALUNO

- (...) O menino nunca se interessou muito (...) (8)
- (...) sempre foi muito agressivo (...) (9)
- (...) complicado nos intervalos (...) (10)
- (...) batia nos colegas (...) (11)
- (...) a idade da puberdade veio ajudar (...) (12)
- (...) mas eu acho que este problema que ele tem em pegar as coisas dos outros, acaba por contribuir, e esta escola tem muitos meninos que também são problemáticos e veio-se juntar mais este (...) (13)
- [*Características mais relevantes deste aluno*] Agora ele melhorou um pouco (...) (19)
- (...) mas quase todos os dias ele estava a bater-se com uma colega (...) (20)
- (...) era correr na sala de aula, pontapé, chapada, quase todos os dias E isto não é normal para um bom menino (...) (21)
- (...) O [...] é um menino que não depende só do apoio, ele não quer trabalhar, ele é muito preguiçoso (...) (24)

## 2.3. TRAÇOS EDUCATIVO/ESCOLARES EVIDENCIADOS PELO ALUNO

- (...) Eu não acredito que o [...] algum dia estivesse bem. O [...] nunca foi forte. Nem sei como ele chegou no 4.º ano, porque tem coisas que ele não sabe. E são coisas simples (22)
- Eu acho que ele sempre teve muito apoio e precisa de um apoio muito grande (...) (23)
- (...) Esta turma é muito complicada e aqui ele não tem sucesso. Neste ano ele não vai passar o ano. Ele não atingiu as competências do 4.º ano (...) (32)

## 2.4. APOIO DA FAMÍLIA

- [*A propósito do apoio família, a mãe, o padrasto*] Ela, trabalha sim, (...) mas mesmo quando estava em casa ela nunca veio cá, não atende o telefone, não se interessa por nada. Quando ele esteve doente, fiz mais eu por ele do que a própria mãe. (...) são pessoas que não se interessam pelo filho (...) (27)

- (...) Quando nós a chamamos também não ela não vem e não somos nós que devemos andar de casa em casa a visitar aquela mãe e saber porquê ela não vem (...) (28)
- (...) Ela me parece uma mulher civilizada (...) (29)

### **3. ACÇÃO DA ESCOLA FACE ÀS DIFICULDADES DO ALUNO**

#### **3.1. CONDIÇÕES DADAS AO ALUNO**

- O João aqui não tem apoio directo porque ele veio transferido no segundo período (...) (25)

#### **3.2. DIFICULDADES SENTIDAS**

- [*Sem apoio não faz nada...*] Sim, sim. Sem apoio não faz nada. Eu com esta turma não posso dar apoio a um ou outro aluno. Eu tenho que ver a turma toda (...) (26)

### **4. CARACTERIZAÇÃO DA TURMA ONDE O ALUNO FOI INCLUÍDO**

#### **4.1. ELEMENTOS QUE A CONSTITUEM**

- (...) esta turma tem dezasseis alunos, dez são filhos de pais separados e isto é um problema social (...) (33)

#### **4.2. CARACTERÍSTICAS EVIDENCIADAS POR ESTES ALUNOS:**

##### **4.2.1. CARACTERÍSTICAS DE APRENDIZAGEM**

##### *4.2.2. CARACTERÍSTICAS COMPORTAMENTAIS*

- [*Comportamento geral dos alunos da turma*] Muito, muito complicado (...) (15)
- (...), são uma loucura estes meninos e depois que eles viram que tinham que prestar contas para os colegas no conselho de turma daquilo que tinham feito, eles começaram a entender a realidade. (...). Ele já vai pensar duas vezes antes de fazer (...) (18)
- (...) Eles estão sempre a se bater, sempre a se agredir fisicamente e verbalmente (...) (17)

- (...) Porque eles precisam de um pai. Eles sentem falta de uma presença masculina. É, os pais não vivem com os filhos, geralmente têm mais irmãos em casa e a mãe se sobrecarrega com o trabalho e o pai não ajuda, automaticamente os meninos se tornam meninos de rua (...) como o aluno B e o aluno C, coitado e as mães, principalmente a do aluno B eram sempre opositoras a tudo da escola e o menino sente isso e ninguém o consegue fazer parar (...) (34)
- (...) Eu no início ia para casa e chorava todos os dias. Eu até queria desistir da turma, mas depois uma colega falou-me do MEM, Movimento da Escola Moderna. E então este método veio tornar a turma diferente, muito diferente principalmente na disciplina. Se antes eles se recusavam em escrever e ouvir a professora e não se interessavam (...) com este método eles são obrigados a planificar, a fazer projectos, descer para pesquisar na biblioteca, passar os seus trabalhos no computador. Eu acho que ajudou muito. O conselho de classe também ajudou muito. Aí dá para resolver problemas que há entre eles e não é tudo na hora em que tudo está quente. Eles anotam (...) no diário de turma e é discutido na sexta-feira. Há tempo para resfriar e ver o problema com mais tranquilidade (...) (16)

## **5. INCLUSÃO DE ALUNOS COM NEE**

### **5.1. VANTAGENS DA INCLUSÃO**

#### **5.1.1. VANTAGENS DA INCLUSÃO PARA ALUNOS COM NEE**

- [*Vantagens da inclusão de alunos com NEE numa turma regular*] Com a inclusão todos têm a ganhar, mas é preciso que a turma ajude (...) (36)
- (...) Se a turma for “normal” os alunos sem NEE ajudam os alunos com NEE, e assim estes superam melhor as suas dificuldades (...) (37)

#### **5.1.2. VANTAGENS DA INCLUSÃO PARA ALUNOS DITOS “NORMAIS”**

- [*Vantagens da inclusão para os alunos sem NEE*] (...) têm todos a ganhar com a inclusão, mas temos que ter em conta as condições gerais da turma (...) (38)
- (...) A inclusão vai fazer com que os alunos sem NEE cooperem com os alunos com NEE (...) (39)

- (...) O conceito de cidadania está muito presente na inclusão (...) (40)

### **5.1.3. VANTAGENS DA INCLUSÃO PARA O PROTAGONISTA DESTE ESTUDO**

- [Se esta turma fosse uma turma “normal” o [...] estaria bem incluído] Talvez, talvez (...) (30)

## **5.2. DESVANTAGENS DA INCLUSÃO**

### **5.2.1. DESVANTAGENS DA INCLUSÃO PARA ALUNOS COM NEE**

- [Inclusão de alunos com Necessidades educativas especiais numa turma regular] É muito, muito difícil (...) (5)
- Não se deveria juntar muitos alunos difíceis na mesma turma. Assim é muito difícil trabalhar e o sucesso escolar dos alunos com NEE é quase impossível (...) (35)

### **5.2.2. DESVANTAGENS DA INCLUSÃO PARA ALUNOS DITOS “NORMAIS”**

- Os alunos sem NEE nesta turma estão em desvantagem devido ao comportamento de todos os alunos no geral (...) (43)

### **5.2.3. DESVANTAGENS DA INCLUSÃO PARA O PROTAGONISTA DESTE ESTUDO**

- [Nesta turma ele está bem incluído] De maneira nenhuma (...) (31)
- [*Desvantagens da inclusão para os alunos com NEE*] Neste caso a inclusão tem desvantagens porque foi mal feita (...) (41)
- (...) Este aluno não deveria ser incluído nesta turma (...) (42)

## ANEXO 20

### Categorização das unidades de sentido da entrevista à Psicóloga escolar

#### 1. CARACTERIZAÇÃO PESSOAL E PROFISSIONAL DA ENTREVISTADA

##### 3.3. SITUAÇÃO PROFISSIONAL

- Não verificada.

##### 3.4. TEMPO DE SERVIÇO

- Doze anos aproximadamente (...) (2)

##### 3.5. HABILITAÇÕES ACADÉMICAS

- Licenciatura em psicologia (...) (1)

##### 3.6. MOTIVAÇÃO PROFISSIONAL

- [*Motivação a ser psicóloga escolar*] Sempre pensei nesta área (...). Não sei, há muitos anos, eu era miúda, quando (...) (3)
- [*Um sonho de criança*] Sim, sim (...) (4)

#### 4. CARACTERIZAÇÃO DO PROTAGONISTA DESTE ESTUDO:

##### 4.1. CARACTERÍSTICAS PESSOAIS DO ALUNO

- (...) segundo os testes apresenta (...) um défice cognitivo (...) (9)
- (...). É um aluno com problemas ao nível (...) ... intelectual (...) (8)
- [*Razão para o aluno beneficiar do REE*] Todas, todas aquelas as que nós temos aqui vindo a dizer. (...) é daqueles infelizes entre aspas que têm o azar de já ter alguns problemas inerentes à sua estrutura e depois o ambiente familiar também, (...) ainda agrava mais essas limitações (...) (21)
- [*Défice cognitivo*] Sim, ele está ainda no básico, nos pré-requisitos e não os tendo e sendo tão difícil conseguir tê-los, não é, por aquilo que nós temos estado a falar (...) (22)

- (...) Ele é um aluno, (...) apesar de ter um défice cognitivo não é (...) daqueles alunos que como outros casos conhecidos... Casos que causem problemas, (...) (24)

#### **4.2. INFLUÊNCIA DO AMBIENTE FAMILIAR NO COMPORTAMENTO DO ALUNO**

- (...) Com a agravante de estar inserido numa família, (...) uma família bastante (...) problemática, mesmo (...) (10)
- [*Ambiente familiar influencia o aluno*] Ai neste caso (sorrisos) acho que só influencia (...) (12)
- (...) Parece-me que aqui, tanto o factor genético, como o factor ambiental estão ambos a convergir para o fraco desenvolvimento dele (...) (15)
- [*Comportamento do aluno*] É complicado, acho que é complicado. Conhecendo os problemas familiares que ele tem, (...) é complicado (...) (16)
- (...) Se fosse uma criança com uma família estruturada, mais ou menos dita normal, (...) em que apresenta um pai, um padrasto, seja o que for, mas apresenta uma figura masculina que fosse (...) ele não vive com o pai, vive com o padrasto, onde existem várias separações turbulentas (...) (17)
- (...) Uma mãe que também desconhecemos, não sabemos até que ponto esta mãe (...) é uma mãe normal, (...). Tudo isto vai influenciar negativamente o comportamento dele, daí que não possamos fazer uma avaliação dita normal, porque os parâmetros não são os mesmos (...) (18)

#### **4.3. INFLUÊNCIA DO AMBIENTE FAMILIAR NA CONCENTRAÇÃO DO ALUNO**

- [*Nível de concentração do aluno*] (...) Os seus momentos de concentração são curtos (...) (13)

#### **4.4. CONDIÇÕES DE DESNVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM DO ALUNO**

-

- (...) Não ajuda nada, a tentar ultrapassar as suas limitações, as suas capacidades (...) (11)
- [*Condições de desenvolvimento e aprendizagem*] (...) Segundo o historial do aluno em causa, (...), ele começa por ter já desde a gravidez, (...) havia problemas. Ao nível da anamnese também se nota que ele fez as aquisições normais tardias, (...). Isto já revela (...) o indício de alguns problemas que se vêm confirmar com o desempenho académico (...) (14)

### **3. INCLUSÃO DE ALUNOS COM NEE**

#### **3.1. VANTAGENS DA INCLUSÃO**

##### **3.1.1. VANTAGENS DA INCLUSÃO PARA ALUNOS COM NEE**

- Eu penso que sim, creio que devem ser incluídos (...) (5)
- (...) Os alunos com NEEs, (...). Para já, há vários graus de (...) dentro dos NEEs há vários perfis de alunos, com maior ou menor grau de integração, digamos assim (...) (6)
- [*Conclusões acerca da inclusão*] (...) salvo raras exceções, a inclusão, penso que é uma boa política, desde que sejam criadas condições para podermos trabalhar com esses alunos NEEs (27)
- (...) Não interessa que os outros fiquem prejudicados pelos NEEs, nem vice-versa. Agora, as condições é que nem sempre existem (...) (29)
- [*Vantagens da inclusão para os alunos com NEE*] (...), sendo estes cidadãos como qualquer outros têm que estar integrados num ambiente o mais normal possível, (...), desde que haja condições eles só têm vantagens (...) (30)
- (...) mesmo aqueles que causam problemas temos que resolver esses problemas (25)
- Há (...) vantagens e desvantagens, mas também não o veria noutra ensino senão neste (...) (26)

##### **3.1.2. VANTAGENS DA INCLUSÃO PARA ALUNOS “DITOS” NORMAIS**

- [*Vantagens da inclusão para os alunos sem NEE*] Em termos de socialização (...) (31)
- (...) de educação cívica (...) (32)

- (...) o saber estar com pessoas diferentes (...) (33)
- (...) o saber ajudar (...) (34)
- (...) o saber lidar com pessoas diferentes (...) (35)
- [*Benefícios da inclusão para os colegas da turma*] (Pausa) Nem benefícios, nem (risos) o contrário (...) (23)
- (...) E em princípio é benéfico tanto para os NEEs (tossiu, novamente) (...) como para os outros (...) (7)
- como também com os outros (...) (28)

### **3.1.3. VANTAGENS DA INCLUSÃO PARA O PROTAGONISTA DESTE ESTUDO**

- [*A inclusão é benéfica para este aluno*] Sim. Que respostas é que daríamos a ele? (...) a inclusão é benéfica (...) (19)
- [*Vantagens da inclusão para o protagonista deste estudo*] Há, neste caso, sem dúvidas que há, (...) para o protagonista há vantagens na medida em que as suas necessidades não são assim tão profundas e portanto tem toda a vantagem em estar integrado num ambiente o mais normal possível (...) (36)
- [*Inclusão promotora de auto-estima*] Sem dúvida que sim, principalmente se for uma boa inclusão (...) (40)
- (...) Tudo depende também de quem trabalhar com ele, da sensibilidade, ou não, da pessoa que estiver a trabalhar com ele (...) (41)

## **3.2. DESVANTAGENS DA INCLUSÃO**

### **3.2.1. DESVANTAGENS DA INCLUSÃO PARA ALUNOS COM NEE**

- [*Desvantagens da inclusão para os alunos com NEE*] Há, na medida em que não há condições (...) (37)
- (...) agora há toda uma falta de apoio da estrutura social, o apoio familiar. É isso que faz falta, que esta mãe se calhar também precisava de uma orientação (...) (20)

- (...). E teriam, (...) vantagens se efectivamente houvesse uma boa integração por parte dos NEEs, porque aí, os outros alunos teriam desvantagem, acontece que não havendo boas condições, alguns casos poderão ficar em desvantagem, principalmente aqueles casos de alunos um pouco mais avançados do que os outros, (...). Uma pessoa raramente dá conta de todos os casos em si e estes são um pouco esquecidos (...) (39)

### **3.2.2. DESVASNTAGENS DA INCLUSÃO PARA ALUNOS “DITOS” NORMAIS**

- [*Desvantagens da inclusão para os alunos sem NEE*] É exactamente a mesma resposta das perguntas anteriores (...) (39)

### **3.2.3. DESVANTAGENS DA INCLUSÃO PARA O PROTAGONISTA DESTE ESTUDO**

- Não, não tem (...) (42)

## ANEXO 21

Quadro de comparação de dados (Análise de conteúdo)						
TEMA	Enunciação/justificação	1.º PROF	2.º PROF	3.ª PROF	Total 1	Total 2*
I N C L U S Ã O	<b>1. Dificuldades sentidas</b>					
	1.1. “Não se consegue fazer face às necessidades que esses alunos têm”.	1			1	1
	1.2. “Falta de condições na escola”.	1			1	1
	1.3. “Falta de formação para responder a estes casos”.	2			2	1
	1.4. Alunos que não dão resposta	1			1	1
	1.5. Tentativa de retirar os alunos da sala		4	1	5	2
	1.6. Há casos extremos em que a inclusão é muito, muito difícil		1		1	1
	<b>2. Vantagens da inclusão para os alunos com NEE</b>					
	2.1. “Todos ganham; partilha de saberes”.	1	1	2	4	3
	2.2. “Actividades diferenciadas”.	1			1	1
	2.3. Por um lado pode ser bom, por outro pode ser mau	3			3	1
	2.4. Dá para trabalhar com estes alunos (assim como este)	3			3	1
	2.5. “Futuros cidadãos autónomos”.	3			3	1
	2.6. “Nós potenciamos as capacidades destes alunos”	1			1	1
2.7. Terem mais carinho	2			2	1	
2.8. Mais apoiados em todos os aspectos	4			4	1	
2.9. “Sentirem-se mais iguais”.	1	2		3	2	
2.10. Igualdade de oportunidades	2			2	1	
2.11. “Seriiedade profissional”.	5			5	1	
2.12. Ambiente calmo para aprender	1			1	1	
2.13. Depende dos casos	2			2	1	
2.14. Tem mais vantagens que desvantagens	1			1	1	

	2.15. “Redução de alunos por turma”.		1		1	1
	2.16. Tipo de trabalho que o professor faça		1		1	1
	2.17. Evitar a segregação		1		1	1
	2.18. Valorizar a auto-estima do aluno		2		2	1
	2.19. Num modo geral, quando os alunos têm apenas algumas dificuldades têm sempre todas as vantagens		1		1	1
	<b>3. Vantagens da inclusão para os alunos ditos “normais”</b>					
	3.1. “O respeitar o outro para se respeitarem a eles próprios”.	2			2	
	3.2. “Cidadania”.	1		1	2	2
	3.4. “ Também têm tudo a ganhar porque há sempre estratégias e actividades diversificadas”.	1			1	1
	3.5. “Todos ganham”.	1		1	2	2
	3.7. Formação para os valores		1		1	1
	3.8. “Cooperação”.			1	1	1
	<b>4. Vantagens da inclusão para o protagonista do estudo</b>					
	4.1. “Neste caso é muito benéfica”.	2			2	1
	4.2. “Vai ser mais capaz”.	1			1	1
	4.3. Mais motivado.	1			1	1
	4.4. Pede para passar trabalho a mim e à professora de apoio	1			1	1
	4.5. Só é preciso fazer alguns ajustes para conseguir responder	1			1	1
I	4.6. “Tem tudo a ganhar”.	4			4	1
	4.7. “Iniciativa própria”.	1			1	1
N	4.8. Adquirir e potenciar as suas capacidades.	3			3	1
	4.9. “Está perfeitamente integrado”.	2			2	1
C	4.10. Tem vindo a superar todas as suas competências e até ultrapassá-las	2			2	1
	4.11. Aluno com quem se trabalha bem porque temos um feedback positivo	1			1	1
L	4.12. Só vejo vantagens	1			1	1
	4.13. Tem feito progressos	3			3	1
U	4.14. “Sim”(não discriminando).		1	1	2	2
	<b>5. Desvantagens da inclusão para os alunos com NEE</b>					
S	5.1. “Eu não vejo desvantagens”.	1			1	1
	5.2. Não saber como incluir estes alunos	4		2	6	2
Ã	5.3. “É o saber onde podemos incluir estes alunos”.	1			1	1

O	5.4. Caso com paralisia cerebral profunda – o aluno estava apenas no espaço escola	1			1	1
	5.5. Não dava nem recebia (...) não obtínhamos resposta. Não resposta para pessoas deficientes para certos casos “difíceis”	7			7	1
	<b>6. Desvantagens da inclusão para os alunos ditos “normais”</b>					
	6.1. “Não vejo se terão desvantagens”.	1	1		2	2
	6.2. “Só se houver incompatibilidade entre os dois docentes”.	1			1	1
	6.3. “Possíveis perturbações comportamentais”.		1	1	2	2
	<b>7. Desvantagens da inclusão para o protagonista do estudo</b>					
	7.1. “Não, eu penso que não”.		1		1	1
	7.2. “Tem desvantagens porque foi mal feita”.			3	3	1

Total 1 = número de respostas; Total 2 = número de respondentes

## ANEXO 22

### Protocolo da 1.ª observação

**DATA:** 26-01-05: Quarta-feira

**HORA:** 13h15 m

A professora já estava na sala de aula. Alguns alunos também estavam na sala de aula. Entretanto cheguei eu e os outros alunos foram chegando pouco a pouco, descontraidamente. O João também chegou um pouco atrasado. Um aluno dirigiu-se ao quadro e escreveu a data e o plano do dia. Uma aluna, ao mesmo tempo, na outra metade do quadro, foi escrever o dia da semana e descrever como estava o tempo. (1)

Deve salientar-se que para além dos alunos da turma estavam também na sala de aula 5 alunos de uma outra professora que estava a faltar há alguns dias e que tinham sido distribuídos pelas diferentes turmas da escola. Este grupo, pareceu-me bem comportado, trabalhando os alunos sozinhos, sem precisarem da ajuda directa da professora. (2)

- Quem fez os trabalhos de Língua Portuguesa que levante o braço. - Disse a professora. Alguns alunos levantaram. O João, também levantou. (3)

- Quem não fez os trabalhos, vai fazê-los agora. – Disse a professora. (4)

Chegou o fotógrafo, a professora foi atendê-lo. A auxiliar de acção educativa ficou a “tomar conta” da turma. (5)

- Não acham que hoje se deviam portar bem, está aqui uma pessoa nova. Disse ela. (6)

- Nós já conhecemos essa professora. Já cá veio uma vez. Responderam eles. (7)

- Quem fez os trabalhos de casa? Quem não fez fica no intervalo a fazê-los. Disse mais uma vez a professora. (8)

- Aluno A, porque é preciso saber a tabuada? Perguntou a professora. (9)

- Para se fazerem as contas de multiplicar e de dividir. Respondeu ele. (10)

- João, repete o que o teu colega disse. - Pediu a professora, mas como ele estava distraído não respondeu. **(11)**

- O que é necessário para fazer um problema, aluna B? Perguntou a professora. **(12)**

- Saber a tabuada e fazer contas. Respondeu ela. **(13)**

A professora deu uma folha com problemas (situações problemáticas) à aluna B para a ajudar na resposta e alertou para o que via na folha. **(14)**

- É preciso dar a resposta ao problema. Acrescentou ela. **(15)**

O grupo de alunos que não fez os trabalhos de Língua Portuguesa começaram a fazê-los. **(16)**

Havia algum reboiço na sala. Uns alunos falavam com os outros, uma aluna, que veio à escola após vários dias de ausência, por doença, levantou-se e foi falar com o João. A professora chamou-a à atenção, mas ela ainda antes de ir para o lugar foi falar com outra aluna. **(17)**

Entretanto, o João virava-se algumas vezes para trás para falar com os colegas, por isso atrasou-se um pouco, em relação ao ritmo dos outros, na transcrição do plano do dia (actividades iniciais). A professora chamou-o à atenção algumas vezes. **(18)**

A professora estava com tosse, tossia constantemente. **(19)**

- Portem-se bem, não posso falar alto, senão fico doente e tenho que ficar em casa. Pediu a professora. **(20)**

- Então, porque veio, devia ficar em casa. Respondeu agressivamente o aluno D. **(21)**

Houve uma altura em que se fez algum silêncio. **(22)**

Alguns alunos olharam uns para os outros e comentaram:

- Nem parece a nossa turma. Está cá um silêncio. **(23)**

- Lembram-se do que aprenderam ontem? Perguntou a professora.

- O perímetro. Responderam alguns. **(24)**

- O aluno E e o aluno F vão ao quadro para fazer um exercício com o perímetro.

Disse a professora. **(25)**

O quadro foi “dividido” em duas partes e cada aluno fez o seu exercício numa parte do quadro. **(26)**

O barulho continuava e a professora disse:

- Eu vou mandar embora os meninos que se portam mal! Mas mesmo assim continuavam as conversas transversais. **(27)**

Neste momento 5 alunas da escola que estavam a trabalhar na biblioteca, pediram licença para entrar e fazer um convite. Colocaram-se à frente do quadro e pediram aos meninos que estivessem interessados, para irem no dia seguinte à biblioteca para fazerem um presente para a professora. A professora agradeceu a amabilidade e pediu aos alunos que agradecessem também. **(28)**

A professora aconselhou alguns alunos a não causarem os problemas que tinham causado no dia anterior. **(29)**

Esta observação durou até às 14. 15 h.

Comentários:

No princípio da aula, a professora desabafou comigo o péssimo comportamento da turma, inclusivamente do João. **(30)**

No final da primeira parte da aula, antes do intervalo a professora comentou comigo a sua admiração, pelo facto do João ter feito todos os trabalhos, coisa que raramente acontecia. De vez em quando eu dava com o João a lançar rapidamente um olhar para mim e continuava a trabalhar. **(31)**

## ANEXO 23

### Protocolo da 2.ª observação

**DATA:** 25-02-05: Sexta-feira

**HORA:** 13h45m

Na actividade «ler, contar e mostrar», uma aluna foi ler um texto. Quase ninguém ouviu. Estavam todos a fazer barulho. Outra aluna, a moderadora, no fim desta leitura, perguntou:

- Perguntas?

Não houve perguntas.

- Críticas?

Não houve críticas.

A professora disse:

- Pois, não houve porque ninguém ouviu. **(1)**

Outra aluna foi ler outro texto de sua própria autoria. Agora já estavam todos um pouco mais atentos. A aluna moderadora perguntou:

- Perguntas? **(2)**

- Eu não ouvi o que a peixeira disse; retorquiu um aluno.

A professora disse: **(3)**

- É assim que se trata os colegas? **(4)**

Outro aluno foi ler o seu texto. Durante a leitura houve sempre comentários e à partes.

Uma aluna chamou-lhe:

- Cabeçudo.

- Baleiona. Respondeu ele. **(5)**

Um aluno portou-se mal e a professora pô-lo fora da sala. O aluno que estava a ler o texto continuou a sua leitura. No final a professora perguntou:

- Perguntas? **(6)**

- Como se chamava o rei?

- Soraia Cristina. (7)

Houve algum alvoroço. (8)

- O João esteve alguns dias em viagem. Trouxe algum texto? Perguntou a professora.

- Não. Respondeu ele. (9)

Passou-se para a «área de Estudo do Meio», onde os alunos trabalharam na continuação do projecto que tinham começado. Eles dispuseram-se em grupo. Havia muito barulho na sala de aula. (10)

Um aluno estava a brincar com os seus óculos de sol. Um outro tirou-lhos e o dono dos óculos correu pela sala atrás dele. Ninguém estava a trabalhar. (11)

Havia muita confusão na sala. O João estava inserido no grupo a ver o que os outros faziam. (12)

Quase todos têm telemóvel, apesar de serem carenciados, e então divertiam-se a brincar com eles. (13)

- Ó aluna A, guarde esse telemóvel e vá juntar-se ao grupo.

- Foi a minha mãe que mandou uma mensagem, professora. (14)

- Ó João, você não trouxe nada deste tempo que esteve fora? Perguntou a professora.

- Não. Respondeu ele. (15)

No grupo, o João não trabalhava. Só olhava para os colegas que já tinham o trabalho adiantado. O João estava apático, não participou. (16)

Num outro grupo um aluno deu um murro à colega. A professora chamou-o à atenção e ele respondeu:

- Foi ela que disse para eu dar o murro. (17)

Chegou a hora da entrega do leite escolar. A professora mandou dois dos alunos que se estavam a portar pior, buscar o leite e distribuí-lo pelos colegas. A presidente perguntou:

- Porque é que eles foram buscar o leite?

- Porque se estavam a portar mal. Tens que te meter em tudo. Respondeu a professora. (18)

- Pois eu sou a presidente. **(19)**

A observação terminou às 15h 30m.

Notas: No intervalo, a professora conversou comigo acerca do comportamento dos alunos. Disse-me que o João raramente fazia os trabalhos de casa e que a mãe não se preocupava minimamente com isso. Disse também que já a tinha chamado várias vezes á escola, mas que ela não tinha comparecido.

## ANEXO 24

### Protocolo da 3.ª Observação

**DATA:** 09-03-05: Quarta-feira

**HORA:** 16 h.

Antes do intervalo houve trabalho de grupo na sala de aula. Eu estive a apoiar o grupo do João.

Recomeçou a aula, depois do intervalo. Havia muito barulho na sala. Alguns alunos estavam a jogar no computador. O João estava a responder a um questionário. (1)

A professora escreveu no quadro.

“Eu gosto de silêncio.” (2)

Uma aluna veio vender-me um jornal escolar. A professora batia com a mão no quadro e perguntava:

- Podemos continuar? (3)

Um aluno olhou para o quadro e disse:

- Eu não gosto de silêncio. (4)

- Amanhã não venho à escola porque estou doente. Disse um aluno em tom de gozo.

- Ai é? Perguntou a professora. (5)

- E no ano 2012 vou ter uma moto. Acrescentou o mesmo aluno. (6)

A professora pediu uma frase. O barulho era muito. Todos falavam, todos faziam barulho. Era uma confusão. Brincavam com telemóveis, batiam com os lápis nas mesas.

A professora pediu ao João para ir ao quadro escrever uma frase. (7)

- Eu não sei escrever, professora! Respondeu ele. (8)

Ele foi ao quadro e parecia que estava a pensar. (9)

- Aluno C, eu já pedi silêncio. Eu levo tanto tempo só em chamar a atenção. Disse a professora. **(10)**

- A aluna B, a aluna B? - Disse a aluna F. **(11)**

- Aluna F, eu já pedi silêncio. Disse a professora. **(12)**

O João continuava a pensar. **(13)**

O mesmo aluno repetiu: - Eu não gosto de silêncio. **(14)**

- É o João que está no quadro, é ele que vai escrever! Disse a professora. **(15)**

O João escreveu:

“Eu gosto” **(16)**

- Não vais escrever gosto, escreve outro verbo. Disse a professora. **(17)**

O João apagou o que tinha escrito e escreveu:

“Eu corro” **(18)**

- Só isso? Perguntou a professora. Ele pensou novamente... **(19)**

- Eu corro de manhã. Disse o aluno A. **(20)**

- Escreve uma ideia tua, de manhã, não foi tua. Disse a professora. **(21)**

“Eu corro de tarde.” – Escreveu ele. **(22)**

A professora corrigiu e ajudou: **(23)**

Eu corro bem. Escreveu ele. **(24)**

- Alguém tem dificuldade em escolher o tempo? Perguntou a professora. Os alunos não responderam. A professora começou a passar os trabalhos para casa no quadro. O João começou a transcrever os trabalhos de casa. Chegou a D. S., que é uma auxiliar de acção educativa. **(25)**

A professora disse:

- A D. Susana tem que levar alguns meninos para a sala da D. R. (que é a coordenadora da escola). Depois de passar os TPC a professora perguntou:

- Alguém tem alguma dúvida? **(26)**

- Amanhã vamos à piscina? - Perguntou uma aluna. **(27)**
  - Ó Tânia, eu disse dúvidas sobre o que eu estou a fazer. Disse a professora. **(28)**
  - Aquilo é para fazer em casa, professora? Perguntou um aluno. **(29)**
  - Eu não estou compreendendo nada (estava a falar com vários alunos ao mesmo tempo e a ser bombardeada por perguntas por todo o lado). - Disse a professora. **(30)**
  - Qual é a diferença de cópia ou texto, aluno W? Perguntou a professora.
  - Cópia é quando se copia e um texto não. **(31)**
  - Um texto livre é um texto que nós formamos com as nossas palavras. Disse a professora. A professora explicou várias vezes a diferença entre texto livre e cópia. **(32)**
  - Eu fiz um texto com 12 linhas. Disse um aluno. **(33)**
- A professora queixou-se que o João não fazia os trabalhos de casa com a desculpa “Não trouxe os trabalhos, deixei-os em casa”. **(34)**
- Amanhã, aula normal até ao intervalo, depois piscina. Disse a professora.
  - Eu já sabia isso. Respondeu um aluno. **(35)**
  - Pois, mas alguém me pediu para dizer isto. Disse a professora. **(36)**
- A professora apagou o quadro e passou mais trabalhos para casa. **(37)**
- Na próxima semana vamos ter avaliação, por isso têm que estudar a tabuada. Disse a professora. **(38)**
  - Para fazer as contas de multiplicar e dividir têm que saber a tabuada. Disse a professora. **(39)**
  - Mas, eu não estudo. Disse um aluno. **(40)**
  - É muito chato, isso. Disse outro aluno. **(41)**
- A professora irritou-se com ele e disse: - Já te disse para desligares isso. Disse a professora, referindo-se ao telemóvel. O aluno continuou. Outro aluno estava a brincar. **(43)**

A professora disse: - Vais para a sala da D. R. **(44)**

- Não vou, não vou e não vou; disse ele, a chorar e irritado, batendo com a mão na mesa. **(45)**

A professora pediu a uma aluna para ir buscar um rolo de papel higiénico. Havia cadeiras no chão, papel higiénico no chão. **(46)**

- Não se estraga papel higiénico, o papel higiénico custa dinheiro; disse uma aluna com ar de troça. **(47)**

- Ó professora o aluno W está a dar-me com o lápis no cú. Disse uma aluna. **(48)**

- Ó professora. - Gritou outro. **(49)**

- Dá-me vontade de te rebentar a cabeça. Disse o mesmo aluno. **(50)**

Observação até às 17h45m

Notas: Uma auxiliar de acção educativa, quando se apercebe que os alunos estão mais agitados, vai para a sala de aula ajudar a professora a manter uma certa ordem. Quando mesmo assim os alunos se comportam mal, são convidados a irem para a sala da coordenadora da escola, que mantém um certo respeito. Caso eles não se comportem normalmente, são levados para a sala da coordenadora pela auxiliar de acção educativa. Lá, eles geralmente portam-se bem, pois têm-lhe um certo respeito ou talvez “medo”.

## ANEXO 25

### Protocolo da 4.ª Observação

**DATA:** 16-03-05: Quarta-feira

**HORA:** 13h30m

Depois de terminarem a ficha de avaliação, com muito barulho e sem respeito nenhum pela professora, foram fazer um trabalho de expressão plástica, a partir das 14.30h. Cada aluno foi buscar um pedaço de cartolina e um texto para pintar, recortar e colar.

(1)

O João foi buscar o material. (2)

- Ó André nunca te ensinaram em casa o que é certo e o que é errado? Perguntou a professora. (3)

O João recusou-se a terminar as fichas de avaliação. Teve um comportamento irreverente e mal-educado.

- Não quero fazer. Já disse que não faço. Não quero saber desta porcaria. – Disse o João. (4)

- Assim tu não passas de ano. Disse a professora. (5)

- Não importa. Quero lá saber disto... - Respondeu o João. (6)

- Quem não terminar não sai ao intervalo. Disse a professora. (7)

- Ó professora, professora!, chamou o João. E foi a pé-coxinho até à professora, para mostrar o trabalho. Os alunos continuam a falar entre si, fazendo barulho. (8)

Um telemóvel tocou.

- Então, eu não proibi o telemóvel na escola, ontem? Perguntou a professora.

O telemóvel tocou novamente. A auxiliar de acção educativa foi tirar o telemóvel ao aluno. A auxiliar estava a ajudar alguns alunos no trabalho de expressão plástica. O João levantou-se várias vezes para pedir material emprestado ao colega. O aluno A levantou-se várias vezes. Implicava com os colegas. Chegou o enfermeiro à sala. Houve reboliço novamente na sala. **(9)**

- Olhe, se faz favor eu é que tenho 12 anos. Disse o aluno A com um tom irreverente. **(10)**

O enfermeiro falou com os alunos acerca de uma consulta com o médico. **(11)**

- Tu não bates bem, tenho que dizer à tua mãe para te levar ao médico. Disse um aluno. **(12)**

O João correu atrás da Sara pela sala de aula. **(13)**

A professora agarrou no braço do João e levou-o até ao lugar. **(14)**

- Aleijaste-me, sabias? Disse o João. **(15)**

- Eu queria mesmo aleijar, isso são modos de estar na sala? Perguntou a professora. **(16)**

Observação feita até às 15h30m

Notas: A professora comentou comigo que já tinha proibido o uso do telemóvel na sala de aula, mas eles continuavam a usá-lo, na mesma. Disse também que os alunos eram quase todos filhos de pais separados e que cada um deles, davam aos filhos coisas do género para os aliciarem, daí terem até telemóveis com máquina fotográfica, usando-os na sala de aula e fotografando também.

## ANEXO 26

### Protocolo da 5.ª Observação

**DATA:** 29-04-05: Sexta-feira

**HORA:** 13h35 m

Diário de turma

No diário de turma todos os alunos vão escrevendo ao longo da semana o que gostaram e o que não gostaram. No fim da semana, às sextas-feiras fazem o diário de turma. A aluna que nessa semana desempenha o papel de presidente, lê em voz alta o que todos escreveram. **(1)**

“Eu não gostei que o aluno A me chamasse baleia. Assinado aluna B” **(2)**

Começaram todos a discutir. **(3)**

A professora perguntou:

- O que sugere a presidente? **(4)**

Houve discussão novamente. A professora obrigou os dois alunos a levantarem-se para aquele que tinha ofendido a colega lhe pedir desculpa. Esse aluno A, não querendo obedecer, saiu da sala, sem pedir licença. A professora foi buscá-lo e este foi “obrigado” a pedir desculpa. **(5)**

- O que acontece depois de pedir desculpas? – Perguntou a professora. **(6)**

Discussão novamente. Continuou o diário de turma. **(7)**

“Não gostei que o João e o aluno C brigassem no meio da estrada. Assinado aluna B.” **(8)**

Novamente discussão. **(9)**

- João, tira a mão da boca e fala. – Disse a professora. **(10)**

Ele recusou-se a falar. Depois disse:

- Eu estava a brincar com o aluno D e depois o aluno C começou a bater-me. **(11)**

- O carro do meu pai estava na estrada e eles estavam no meio da estrada. – Disse a aluna E. **(12)**

- Pois, o meu pai também viu. – Disse o aluno F. **(13)**
- Este assunto não pode ser resolvido porque o outro participante, o aluno C não está cá. Terá que ser resolvido na Segunda-feira, quando ele cá estiver. – Disse a professora. **(14)**

“Não gostei que a aluna E, não me deixasse ir ao computador. Assinado João” **(15)**

- Esse assunto já está resolvido. Disse o João. **(16)**

Não havendo mais comentários, a presidente distribuiu as tarefas para a semana seguinte, com o consentimento de todos. **(17)**

- João o que queres ser? Tens arrumação, apagar o quadro, ficheiros, leite, sumário, TPC. **(18)**

O João escolheu apagar o quadro. **(19)**

Nesta altura veio uma auxiliar de acção educativa na tentativa de manter mais a ordem na sala de aula. **(20)**

Alguns alunos estavam a brincar com o telemóvel. A auxiliar de AE disse:

- Os telemóveis são para ficar em casa. **(21)**

A aluna com o papel de secretária foi cumprimentar a presidente. **(22)**

- Há alguma proposta a fazer? - Perguntou a professora. **(23)**
- O João e o aluno C não lutarem mais. – Disse o aluno F. **(24)**
- Principalmente no meio da estrada. – Disse a aluna B. **(25)**
- Depois havia carros a apitarem. – Disse outra aluna. **(26)**
- Mais alguma coisa? – Perguntou a professora. **(27)**

Falou-se de tudo menos nas propostas. **(28)**

A professora disse: - Eu tenho uma proposta. Temos piscina e um passeio de estudo. Os meninos que se portarem mal nas piscinas não vão ao passeio. Vocês concordam com esta proposta? **(29)**

- Sim. – Responderam alguns alunos. **(30)**

O aluno G esteve sempre a prometer bater neste e naquele aluno. A professora mandava-o calar constantemente. **(31)**

O João estava a falar com a aluna E. Não estava com atenção. **(32)**

- Meninos, estejam calados. Ordenou a auxiliar. **(33)**
- Alguém tem mais propostas? – Perguntou a presidente. **(34)**

- João tens alguma proposta? Ele não respondeu. **(35)**
- Para o fim do ano, ninguém tem alguma proposta especial? Perguntou a professora. **(36)**
- O que vamos fazer na festa do fim do ano? – Perguntou a aluna B. **(37)**
- Podíamos trazer todos, comida e depois as auxiliares punham a mesa. Disse uma aluna. **(38)**

O João chamou baleia à aluna B. **(39)**

- Careca! Respondeu esta. **(40)**
- Ó João, isso não se faz, já tínhamos falado nisso! Disse a professora, depois calou-se. **(41)**

Houve instantes de silêncio. A auxiliar disse:

- Vamos calar 5 minutos ou não? **(42)**
- Temos mais propostas a fazer? – Perguntou a professora. **(43)**
- Cantar e dançarmos a música dos “Morangos com açúcar”. Disse a aluna E. **(44)**
- Professora, o computador nas colunas estão mal ligadas. Disse uma aluna.
- Ó aluno D, coloca aí que não há mais propostas. **(45)**
- Estejam calados. – Disse a auxiliar. **(46)**

A professora afirmou: - Aluno D, continua. **(47)**

- Decidimos o seguinte: canções e danças para o fim do ano. – Disse a professora. E perguntou ainda:
- Alguém toca algum instrumento? **(48)**

O João começou a bater com a mão na mesa, provocando barulho. **(49)**

- O que é que decidimos? O que é que decidimos João? – Perguntou a professora. Ele não respondeu. **(50)**

Para o diário de turma, a sala estava disposta com as mesas todas de frente umas para as outras, para que todos os alunos se pudessem ver de frente. A presidente e o secretário ficaram à frente de todos. **(51)**

- Eu só estou a pensar como é que os alunos vão à piscina. – Disse a professora. – Quem se portar mal não vai à piscina. O vosso mau comportamento não vos leva a lado nenhum. – Continuou a professora. **(52)**

O João estava a brincar com uma capa de elásticos e a fazer “barulho” com a régua e continuava a falar com a colega do lado. Essa colega também lhe fazia muitas perguntas e ele ia respondendo. **(53)**

A presidente leu a conclusão do diário de turma. Durante esta leitura houve muitas interrupções. A presidente continuava a ler. O João deitou a tampa da esferográfica para o chão e a colega foi apanhá-la. **(54)**

A professora explicou que nesta semana tinha havido um feriado e a execução do trabalho para o dia da mãe, por isso houve pouco tempo para o PIT. **(55)**

A presidente começou a ler os PITs dos colegas. **(56)**

“ A aluna E fez uma expressão plástica, um texto. Trabalhei pouco”. Houve comentários. **(57)**

A presidente continuou com o PIT de outro aluno:

“O aluno D fez um ficheiro de língua portuguesa, uma expressão plástica, um texto livre. Trabalhei bem”. **(58)**

- Porquê? Perguntou a presidente.

- Porque fiz quase tudo que me tinha proposto fazer. Respondeu ele. **(59)**

“ O aluno F fez 2 leituras, uma pesquisa, um texto livre. Trabalhei pouco porque tive pouco tempo.” – Leu a presidente. **(60)**

Havia alguma confusão na sala de aula. O João era um dos que estava distraído e a perturbar a aula. **(61)**

- Acham-se muito engraçadinhos, uns a rir, outros a falar, outros a fazer barulho, parece uma festa! Disse a professora. E continuou: - Quem não entregou o PIT, levante a mão. Ó João, porque não entregaste o PIT? **(62)**

- Deixei em casa. Respondeu ele. **(63)**

- Pois como não fizeste dizes que deixaste em casa. Fazes sempre o mesmo. – Disse a professora. Ela quis saber quem não tinha entregue o PIT e quais as razões. **(64)**

- Ó João, cadê o PIT? No início da aula você disse que estava no armário. Você não fez nada? Perguntou a professora. **(65)**

Ele foi ao armário buscar o PIT que estava por fazer. **(66)**

- Então a tua mãe não se interessa com os trabalhos em casa? Como é que ela quer que tu faças alguma coisa, se ela não se preocupa contigo? Perguntou a professora. (67)

O João quase nem ligou a este comentário, mantendo-se a brincar com a tampa da esferográfica, atirando-a para longe e indo-a buscar. (68)

Alguns alunos entregaram os PITs e a presidente recomeçou a lê-los, perguntando no fim porque é que trabalharam bem, mal ou mais ou menos. As discussões estavam sempre a acontecer. A professora queria prosseguir a aula, mas não conseguia. Ninguém se calava. (69)

- Que se passa aqui? – Perguntou a professora. (70)
- Então ele chamou-me filho da "puta" (sic). – Disse um aluno. (71)
- Vamos continuar a aula. – Disse a professora. (72)
- Então a professora admite que ele chamou filho da "puta" (sic) e não quer que eu diga nada? Perguntou o mesmo aluno irritado. Mais uma vez discussão, gritos e insultos entre os alunos. Leu-se mais um PIT e deu-se por finalizado o diário de turma. (73)
- Só o João é que não entregou o PIT. Segunda-feira sem falta tem que fazer! Disse a professora. (74)

O João fez uma birra com a professora.

- Parece que estão todos contra mim! Disse ele em voz alta. (75)
- Não, tu foste o único que não fizeste. Afirmou a professora. (76)

Uma professora responsável pela biblioteca veio perguntar quem tinha livros para trocar. Então a professora da turma deixou os alunos 3 a 3 irem trocar os livros à biblioteca. Uns foram trocar os livros, os outros faziam barulho, corriam pela sala de aula conversavam uns com os outros. O João ficou na sala a fazer barulho. (77)

Eram 14h55m.

### COMENTÁRIOS:

Nesta altura a professora aproveitou para me dizer que há uns tempos atrás os alunos só estavam bem a apalparem as alunas, a levantar-lhes as saias.

Comentou o despertar da sexualidade destes alunos que já têm 10/11 anos. Uma aluna por exemplo já é menstruada, sendo também hiper tensa e tudo isso mexe com a personalidade deles. Então para acabar com o tabu sexo, pôs os alunos a fazerem trabalhos de grupo com os temas: gravidez indesejada, as doenças sexualmente transmitidas: sida, hepatite C, síflis e gonorreia. A professora contou que o comportamento deles melhorou bastante desde então.

A professora disse-me também que tinha falado com a mãe e o padrasto do João e que a mãe disse que já sabia que ele iria repetir o ano, porque se recusa a trabalhar.

Às **15h15m**, uma aluna foi ler um texto livre sobre as colegas e as suas características, segundo ela. Houve muitos comentários.

- Perguntas? – Perguntou o aluno secretário. **(78)**
- Sou o quê aluna E? – Perguntou a aluna em questão. **(79)**
- Um bocado refilona e sincera. – Respondeu a que estava a ler. **(80)**
- Críticas? – Perguntou o secretário.
- Devias falar um bocado mais alto. – Respondeu um. **(81)**
- Oh, é a minha voz. – Disse ela. **(82)**

O João durante este tempo esteve a beber o leite, mais alguns alunos também bebiam o leite. Depois foi deitar o pacote para o lixo e no trajecto implicou com um colega. **(83)**

- Quem mais fez o texto? Perguntou a professora. A maior parte não tinha feito. O João também não fez. **(84)**
- Quem não fez vai fazer no intervalo. – Disse a professora. **(85)**
- Eu posso ficar no intervalo, mas não faço. - Disse o aluno G. **(86)**
- Ó João o teu texto de casa? Perguntou a professora. **(87)**
- Deixei em casa. Respondeu ele. **(88)**
- Então no intervalo ficas a fazer! **(89)**

O texto tinha que conter as palavras: amor, mãe, filho, casa, trabalho e refeição.

Faltavam 5 minutos para o intervalo. Alguns alunos começaram a escrever o texto. O João também começou. **(90)**

- Ó professora eu só faço isto, não faço a aquelas coisas. Disse o João. **(91)**

- Eu só quero saber o que fazes, não é o que não fazes! Disse a professora.

**(92)**

Nesta altura, tocou para o intervalo e os alunos continuaram a trabalhar, com algum silêncio na sala de aula. **(93)**

A observação terminou às **15h30m.**

Notas: A professora comentou comigo, que antes de começarem a fazer o trabalho sobre sexualidade, os rapazes, nas suas brincadeiras, apalpavam as raparigas, levantavam-lhes as saias, etc. Agora, com este trabalho, as atitudes deles melhoraram. Já não fazem isso.

## ANEXO 27

### Protocolo da 6.ª Observação

**DATA:** 29-04-05: Sexta-feira

**HORA:** 16h15m

#### **Aula de Expressão Físico-Motora ao ar livre**

A professora reuniu os alunos em roda. Um deles não queria e a professora disse:

- É aqui ou na sala! Então ele preferiu a aula de expressão físico-motora. A professora mandou-os andar em bicos de pés. E todos obedeceram. **(1)**
- O bico dos pés para fora. – E eles fizeram, mas sempre a falar e a fazer barulho. **(2)**
- Andar em cima dos calcanhares. Agora de costas. Disse a professora. Começou a haver encontrões e confusão. O João sentou-se. Depois resolveu continuar os exercícios propostos. Alguns alunos começaram a correr, a imitar a pantera cor-de-rosa, inclusivamente o João. A professora puxou o João para ele fazer os exercícios e ele começou a gritar. O João e mais alguns alunos deitavam-se no chão e gritavam. **(3)**
- Agora andar com as mãos na cabeça. – Disse a professora. Quase todos obedeceram. **(4)**
- Todos sentados no chão! Disse a professora. Foi buscar o João e sentou-o no chão. **(5)**
- Metade dos alunos deitam-se, a outra metade não. Os que estão de pé vão saltar por cima dos que estão deitados! Mandou a professora. O João deitou-se no chão e gritava:
- Ah, professora. **(6)**

Depois trocaram de posições, os que estavam deitados, saltaram sobre os que tinham saltado. Nesta altura, o João começou a jogar ao berlinde sozinho. Os outros iam fazendo os exercícios mandados pela professora e o João quase nem ligava ao que a

professora dizia. O aluno B também não obedecia, sentou-se e começou a reclamar. O João começou a jogar “à bola” com uma garrafa de iogurte vazia, com outra aluna. A professora mandou formar 3 filas. O João continuava a jogar com a colega. Depois começou a implicar com um colega. Saltou para cima das costas dele. Os alunos faziam o exercício proposto, à exceção do João e outro aluno. Entretanto, o João foi pôr-se no lugar que lhe competia e resolveu participar no exercício. (7)

Deste exercício todos gostaram e todos participaram, pois apelava ao espírito de competição. Era um exercício feito por equipas do qual saía um grupo vencedor. Os vencedores gritavam vitória. Mais um novo exercício. Todos participaram. A professora tentava explicar o novo exercício, mas eles não estavam com atenção. O João e mais alguns alunos estavam muito distraídos. No fim do exercício, os perdedores começaram a dizer que os outros tinham feito batota. (8)

- Temos que saber ganhar e perder! Disse a professora. (9)

Mais um exercício. Houve novamente confusão. O João foi sentar-se. Entretanto começou a subir pela rede da cerca. (10)

A professora chamou o João para explicar o exercício seguinte. Neste todos participaram. (11)

O João encontrou uma amêndoa com casca e tentou abri-la partindo-a com uma pedra. (12)

A observação terminou às **17h05m**

#### COMENTÁRIOS:

A professora, no fim desta aula, queixou-se que se sentia muito cansada e que estas aulas a deixavam arrasada. Disse também que os alunos nunca se portavam bem, principalmente neste tipo de aulas ao ar livre.

## ANEXO 28

### Protocolo da 7ª observação

**DATA:** 11-05-05: Quarta-feira

**HORA:** 13h35m

No momento ler, contar e mostrar, um grupo foi ler o seu trabalho acerca dos animais. Os alunos que estavam no lugar interferiam constantemente. O aluno A estava fora do seu lugar. A professora mandou-o sentar várias vezes. Depois de alguma insistência ele sentou-se. O grupo continuou a sua leitura. Todos os alunos estavam dispostos em grupo. (1)

O João estava a olhar para os elementos do grupo que estava a apresentar o trabalho. Uma aluna deitou-se no chão e depois levantou-se. À medida que o elemento do grupo lia o trabalho, ia dizendo o nome dos elementos que contribuíram para esse texto. (2)

- Perguntas? Perguntou a aluna com o papel de “coordenadora”.

Ninguém respondeu.

- Críticas? Perguntou a mesma aluna. (3)
- Quando se faz um trabalho de grupo não se diz o nome dos elementos que fizeram as várias partes do trabalho. É tudo o mesmo trabalho de grupo. – Disse a professora. (4)

Depois, veio uma aluna apresentar o seu trabalho. Um texto intitulado “A Primavera e os animais da Terra”. O João estava a olhar para a professora e a morder a tampa da esferográfica. Depois, olhava para a aluna que apresentava o trabalho. (5)

- Perguntas? Perguntou a coordenadora.
- Calções pela canela. – Disse o aluno B. esta foi uma expressão usada no texto lido. (6)
- Meia canela. – Disse o aluno C. (7)
- Críticas? – Perguntou a coordenadora. (8)

- Mais algum grupo quer ler? – Perguntou a professora. E continuou: - Ó aluno C faz favor, faz pouco barulho. **(9)**

O aluno C bateu insistentemente com as chaves na mesa e a professora tirou-lhas. **(10)**

A aluna D apresentou o seu trabalho, sem ler, apenas falando. Mas ao mesmo tempo ria-se parecendo estar a brincar com a situação. O trabalho era sobre uma visita ao oceanário, durante as suas férias da Páscoa. **(11)**

- O que se está a passar contigo? – Perguntou a professora. **(12)**
- A aluna E está a fazer-me rir. – Respondeu a aluna que estava a apresentar o trabalho. **(13)**

O João estava ora distraído, ora com alguma atenção. **(14)**

- Perguntas? – Perguntou a coordenadora. **(15)**

Houve algumas perguntas. O João estava com o dedo no ar para fazer uma pergunta, mas não chegou a fazer nenhuma. A professora explicou como as piranhas reagem e atacam uma presa. **(16)**

- Críticas? Perguntou a coordenadora. **(17)**

Nesta altura, o João estava a conversar com o colega do lado. **(18)**

- Ó João não tens nenhuma pergunta? Perguntou a professora. **(19)**

- Eu tinha, mas já me esqueci. Respondeu ele. **(20)**

Depois destas apresentações os alunos continuaram dispostos em grupo para continuarem um trabalho já começado sobre sexualidade. Foram buscar o material para fazerem o trabalho. Faziam muito barulho. **(21)**

- Baixinho, baixinho, baixinho. Disse a professora. **(22)**

O grupo do João foi o último a ir buscar o material para trabalhar. Este trabalho fazia parte do projecto “Educação sexual na Escola”. Um elemento do grupo do João foi buscar o trabalho, mas demorou bastante, pois estava em cima do armário. O João estava descontraído e muito distraído, a falar com os colegas. **(23)**

Os alunos trabalhavam em grupo. **(24)**

O João, durante este tempo, limitava-se a olhar para os outros elementos do grupo que estavam a fazer uma pesquisa em livros. O tema do seu trabalho de grupo era “Sexo na adolescência”. Estavam todos a ver um livro sobre sexualidade e ao depararem com algumas imagens mais “chocantes” comentavam:

- Ai mãe!... - Dizia o João. **(25)**
- Olha aqui. – Afirmava outro. **(26)**
- Vês esta. – Dizia outro. **(27)**

O João não participava activamente no trabalho. Os outros elementos do grupo iam trabalhando, pesquisando. O João limitava-se a olhar para o livro que um colega folheava e fazia comentários muito admirados. Eles estavam a comparar o aparelho sexual do homem e da mulher. **(28)**

- Não tem um pénis, você? Perguntou a professora ao João. **(29)**
- Tenho. Respondeu ele. **(30)**
- Ainda bem, senão seria pior! Disse a professora. **(31)**

Começaram a contar os pêlos de uma vagina que estava exemplificada num livro.

- Onze pintelhos. Disse o João. **(32)**
- Hi. – Disseram admirados os outros. **(33)**
- Ainda não viram tudo? – Perguntou a professora. - Só dou mais cinco minutos. – Acrescentou. O aluno que estava com o livro irritou-se, deu um grito e fechou o livro. **(34)**

Depois, abriu-o novamente. Começaram a comentar uma imagem como o feto era alimentado. **(35)**

- O bebé não faz chichi na barriga da mãe? – Perguntou o João ao ver uma imagem de um bebé na barriga da mãe. Mas os outros não responderam. **(36)**
- Pouco barulho, pouco barulho. Pedia constantemente a professora. **(37)**
- Há pessoas que têm filhos e não os querem e depois põem-nos à porta das casas, tocam à campainha e fogem, eles não querem os filhos. É para os outros tratarem deles. – Disse o aluno F. **(38)**
- Não querem os filhos? Perguntou o João admirado. **(39)**
- Sim, quando os pais não querem os filhos fazem isso. – Respondeu o outro aluno. **(40)**

O João estava a olhar para o livro e disse:

- Eu sou este! **(41)**
- Eu sou este! Disse o aluno E. **(42)**

Uma aluna de outro grupo foi reclamar porque o grupo do João demorava a disponibilizar o livro. O elemento que estava com o livro, deitou-o para cima da mesa e gritou:

- Toma lá o livro, minha parva. (43)

Os elementos do grupo do João começaram a brincar e a implicar com uma aluna que estava a trabalhar no computador. Começaram a brincar com berlindes. O João pôs cola na sua própria cabeça. Outro começou a tirar a cola da cabeça dele. (44)

A professora mandou o João ao quarto de banho para ele tirar a cola. (45)

Um dos elementos do grupo do João que estava a trabalhar, aborreceu-se e disse:

- Ó professora, eles não me ajudam. (46)

- Então começa tu a trabalhar. – Disse a professora. (47)

Observação feita até às **14h45m.**

### **Comentários:**

Quando telefonei à professora para combinar esta observação, ao contrário do habitual, que sempre tinha sido uma pessoa simpática e aberta, ela mostrou-se muito irritada pelas observações, chegando a referir que o João estava pior por causa disso, tendo no início das observações afirmado que ele comigo na sala trabalhava melhor e que eu deveria lá estar todos os dias. Pediu-me para acabar com as observações porque elas estavam a perturbar o funcionamento das aulas, indo contra o que me dizia no princípio das observações, uma vez que eu antes ou depois de fazer a observação dava algum tempo de apoio ao aluno.

## ANEXO 29

<b>Ficha de síntese da 1.ª observação</b>
<p><b>Data:</b> 26-01-05: Quarta-feira</p> <p><b>Hora a que começou a observação:</b> 13h15m</p> <p><b>Descrição da situação:</b></p> <p>A professora já estava na sala de aula. Alguns alunos também estavam na sala de aula. Entretanto, cheguei eu e os outros alunos foram chegando pouco a pouco, descontraidamente. O João também chegou um pouco atrasado. Um aluno dirigiu-se ao quadro e escreveu a data e o plano do dia. Uma aluna, ao mesmo tempo, na outra metade do quadro, foi escrever o dia da semana e descrever como estava o tempo.</p> <p>Deve salientar-se que para além dos alunos da turma estavam também na sala de aula 5 alunos de uma outra professora que estava a faltar há alguns dias e que tinham sido distribuídos pelas diferentes turmas da escola. Este grupo, pareceu-me bem comportado, trabalhando sozinhos, sem precisarem da ajuda directa da professora.</p>
<p><b>Comportamento do aluno:</b></p> <p>(...) Quem fez os trabalhos de Língua Portuguesa que levante o braço. – Disse a professora. Alguns alunos levantaram. O João levantou, também.</p> <p>- João, repete o que o teu colega disse, pediu a professora., mas como ele estava distraído não respondeu.</p> <p>Havia algum reboliço na sala. Uns alunos falavam com os outros, uma aluna, que veio à escola, após vários dias de ausência, por doença, levantou-se e foi falar com o João. A professora chamou-a à atenção, mas ela ainda antes de ir para o lugar foi falar com outra aluna.</p> <p>Entretanto, o João virava-se algumas vezes para trás para falar com os colegas, por isso atrasou-se um pouco, em relação ao ritmo dos outros, na transcrição do plano do dia (actividades iniciais). A professora chamou-o à atenção algumas vezes.</p>
<p><b>Reacções/atitude da professora:</b></p> <p>A professora estava com tosse, tossia constantemente.</p>

O barulho continuava e a professora disse:

- Eu vou mandar embora os meninos que se portam mal! Mas mesmo assim continuavam as conversas transversais.

- Portem-se bem, não posso falar alto, senão fico doente e tenho que ficar em casa, pediu a professora.

A professora aconselhou alguns alunos a não causarem os problemas que tinham causado no dia anterior.

**Hora a que terminou a observação:** 14h15m

**Notas:** No princípio da aula, a professora desabafou comigo o péssimo comportamento da turma, inclusivamente do João.

No final da primeira parte da aula, antes do intervalo, a professora comentou comigo a sua admiração, pelo facto do João ter feito todos os trabalhos, coisa que raramente acontecia. De vez em quando, eu dava com o João a lançar rapidamente um olhar para mim continuando a trabalhar.

## ANEXO 30

<b>Ficha de síntese da 2.ª observação</b>
<p><b>Data:</b> 25-02-05: Sexta-feira</p> <p><b>Hora a que começou a observação:</b> 13h45m</p> <p><b>Descrição da situação:</b></p> <p>Na actividade «ler, contar e mostrar», uma aluna foi ler um texto. Quase ninguém ouviu. Estavam todos a fazer barulho. Outra aluna, a moderadora, no fim desta leitura, perguntou:</p> <p>- Perguntas?</p> <p>Não houve perguntas.</p> <p>- Críticas?</p> <p>Não houve críticas.</p> <p>A professora disse:</p> <p>- Pois, não houve porque ninguém ouviu.</p> <p>Passou-se para a «área de Estudo do Meio», onde trabalharam na continuação do projecto que tinham começado. Os alunos dispuseram-se em grupo. Havia muito barulho na sala de aula.</p> <p>Um aluno estava a brincar com os seus óculos de sol. Um outro tirou-lhos e o dono dos óculos correu pela sala atrás dele. Ninguém estava a trabalhar.</p>
<p><b>Comportamento do aluno:</b></p> <p>Havia muita confusão na sala. O João estava inserido no grupo a ver o que os outros faziam.</p> <p>- Ó João, você não trouxe nada deste tempo que esteve fora? Perguntou a professora.</p> <p>- Não. Respondeu ele.</p> <p>No grupo, o João não trabalhava. Só olhava para os colegas que já tinham o trabalho adiantado. O João estava apático, não participou.</p>
<p><b>Reacções/atitude da professora:</b></p> <p>A professora limitava-se a “tentar” dar umas orientações e principalmente a chamá-los à atenção devido ao seu comportamento e à sua falta de atenção.</p>
<p><b>Hora a que terminou a observação:</b> 15h 30m.</p> <p><b>Notas:</b> Os traços mais evidenciados pelo aluno foram a “apatia” e um pelo menos</p>

desinteresse, que se traduziu num deixar passar o tempo.

## ANEXO 31

<b>Ficha de síntese da 3.ª observação</b>
<p><b>Data:</b> 09-03-05: Quarta-feira</p> <p><b>Hora que a começou a observação:</b> 16 h.</p> <p><b>Descrição da situação:</b></p> <p>Antes do intervalo, houve trabalho de grupo na sala de aula. Eu estive a apoiar o grupo do João.</p> <p>Recomeçou a aula, depois do intervalo. Havia muito barulho na sala. Alguns alunos estavam a jogar no computador. O João estava a responder a um questionário.</p> <p>A professora escreveu no quadro.</p> <p>“Eu gosto de silêncio.”</p> <p>Uma aluna veio vender-me um jornal escolar. A professora batia com a mão no quadro e perguntava:</p> <p>- Podemos continuar?</p> <p>Um aluno olhou para o quadro e disse:</p> <p>- Eu não gosto de silêncio.</p>
<p><b>Comportamento do aluno:</b></p> <p>A professora pediu uma frase. O barulho era muito. Todos falavam, todos faziam barulho. Era uma confusão. Brincavam com telemóveis, batiam com os lápis nas mesas. A professora pediu ao João para ir ao quadro escrever uma frase.</p> <p>- Eu não sei escrever, professora! Respondeu ele.</p> <p>Ele foi ao quadro e parecia que estava a pensar.</p> <p>O João continuava a pensar.</p> <p>O João escreveu:</p> <p>“Eu gosto”</p> <p>O João apagou o que tinha escrito e escreveu:</p>

<p>“Eu corro”</p> <p>“Eu corro de tarde.” Escreveu ele.</p> <p>“Eu corro bem.” Escreveu ele.</p> <p>- Alguém tem dificuldade em escolher o tempo? Perguntou a professora. Os alunos não responderam. A professora começou a passar os trabalhos para casa, no quadro. O João começou a transcrever os trabalhos de casa. Chegou a D. Susana, que é uma auxiliar de acção educativa.</p> <p>O João foi buscar o PIT.</p>
<p><b>Reacções/atitude da professora:</b></p> <p>- É o João que está no quadro, é ele que vai escrever! Disse a professora.</p> <p>- Não vais escrever gosto, escreve outro verbo. Disse a professora.</p> <p>- Só isso? Perguntou a professora. Ele pensou novamente...</p> <p>- Eu corro de manhã. Disse o aluno A.</p> <p>- Escreve uma ideia tua, de manhã, não foi tua. Disse a professora.</p> <p>A professora corrigiu e ajudou:</p> <p>- Quem já passou pode começar o PIT (plano individual de trabalho). Disse a professora.</p> <p>Um aluno não deixou de jogar no computador, mesmo depois da professora lhe pedir directamente.</p>
<p><b>Hora a que terminou a observação:</b> 17h45m</p> <p><b>Notas:</b> O aluno parece evidenciar dificuldades na língua portuguesa, o que o levará a hesitar. A professora, por seu lado, aparenta falta de paciência para com o aluno.</p>

## ANEXO 32

<b>Ficha de síntese da 4.ª observação</b>
<p><b>Data:</b> 16-03-05: Quarta-feira</p> <p><b>Hora a que começou a observação:</b> 13h30m</p> <p><b>Descrição da situação:</b></p> <p>Depois de terminarem a ficha de avaliação, com muito barulho e sem respeito nenhum pela professora, foram fazer um trabalho de expressão plástica, a partir das 14.30h. Cada aluno foi buscar um pedaço de cartolina e um texto para pintar, recortar e colar.</p>
<p><b>Comportamento do aluno:</b></p> <p>O João foi buscar o material.</p> <p>O João recusou-se a terminar as fichas de avaliação. Teve um comportamento irreverente e mal-educado.</p> <p>- Não quero fazer. Já disse que não faço. Não quero saber desta porcaria! Disse o João.</p> <p>- Ó professora, professora! Chamou o João. E foi a pé-coxinho até à professora, para mostrar o trabalho. Os alunos continuam a falar entre si, fazendo barulho.</p> <p>- Não importa. Quero lá saber disto!... Respondeu o João.</p> <p>O João correu atrás da Sara pela sala de aula.</p>
<p><b>Reacções/atitude da professora:</b></p> <p>- Assim tu não passas de ano. – Disse a professora.</p> <p>A professora agarrou no braço do João e levou-o até ao lugar.</p> <p>Aleijaste-me, sabias? Disse o João.</p> <p>- Eu queria mesmo aleijar, isso são modos de estar na sala?! Disse a professora.</p>
<p><b>Hora a que terminou a observação:</b> 15h30m</p> <p><b>Notas:</b> O aluno evidencia comportamentos disruptivos, faltando ao respeito à professora. No entanto, a professora optou pelo reforço negativo, quando, a nosso ver, beneficiaria com a utilização do reforço positivo.</p>

## ANEXO 33

<b>Ficha de síntese da 5.ª observação</b>
<p><b>Data:</b> 29-04-05: Sexta-feira</p> <p><b>Hora a que começou a observação:</b> 13h35m</p> <p><b>Descrição da situação:</b></p> <p>Diário de turma</p> <p>No diário de turma todos os alunos vão registando, ao longo da semana, aquilo de que gostaram e do que não gostaram. No fim da semana, às sextas-feiras, fazem o diário de turma. A aluna que nessa semana desempenhava o papel de presidente, lê em voz alta o que todos escreveram.</p> <p>Às <b>15h15m</b>, uma aluna foi ler um texto livre sobre as colegas e as suas características, segundo ela. Houve muitos comentários.</p> <p>- Perguntas? Interrogou o aluno secretário.</p> <p>O texto tinha que conter as palavras: amor, mãe, filho, casa, trabalho e refeição.</p> <p>Faltavam 5 minutos para o intervalo. Alguns alunos começaram a escrever o texto. O João também começou.</p> <p>Nesta altura tocou para o intervalo e os alunos continuaram a trabalhar, com algum silêncio na sala de aula.</p>
<p><b>Comportamento do aluno:</b></p> <p>“Não gostei que o João e o aluno C brigassem no meio da estrada. Assinado aluna B.”</p> <p>Novamente discussão.</p> <p>Ele recusou-se a falar. Depois disse:</p> <p>- Eu estava a brincar com o aluno D e depois o aluno C começou a bater-me.</p> <p>- Esse assunto já está resolvido. Disse o João.</p> <p>- João o que queres ser? Tens arrumação, apagar o quadro, ficheiros, leite, sumário, TPC.</p> <p>O João escolheu apagar o quadro.</p> <p>O João chamou baleia à aluna B.</p> <p>- Careca! Respondeu esta.</p>

- Deixei em casa. Respondeu ele, quando questionado sobre o PIT.  
Ele foi ao armário buscar o PIT que estava por fazer.  
O João quase nem ligou a este comentário, mantendo-se a brincar com a tampa da esferográfica, atirando-a para longe e indo-a buscar.  
O João fez uma birra com a professora.  
Parece que estão todos contra mim! Disse ele em voz alta.  
Uma professora responsável pela biblioteca veio perguntar quem tinha livros para trocar. Então a professora da turma deixou os alunos, 3 a 3, irem trocar os livros à biblioteca. Uns foram trocar os livros, os outros faziam barulho, corriam pela sala de aula conversavam uns com os outros. O João ficou na sala a fazer barulho.  
- Quem mais fez o texto? Perguntou a professora. A maior parte não tinha feito. O João também não fez.  
- Deixei em casa. Respondeu ele.  
- Ó professora eu só faço isto, não faço aquelas coisas! Disse o João.

**Reacções/atitude da professora:**

- João, tira a mão da boca e fala. – Disse a professora.  
Ó João, isso não se faz, já tínhamos falado nisso. – Disse a professora, depois calou-se.  
- Acham-se muito engraçadinhos, uns a rir, outros a falar, outros a fazer barulho, parece uma festa! Disse a professora. E continuou: - Quem não entregou o PIT, levante a mão.  
Ó João, porque não entregaste o PIT?  
- Pois como não fizeste dizes que deixaste em casa. Fazes sempre o mesmo. – Disse a professora. Ela quis saber quem não tinha entregue o PIT e quais as razões.  
- Ó João, cadê o PIT? No início da aula você disse que estava no armário. Você não fez nada? – Perguntou a professora.  
- Então a tua mãe não se interessa com os trabalhos em casa? Como é que ela quer que tu faças alguma coisa, se ela não se preocupa contigo? Perguntou a professora.  
- Só o João é que não entregou o PIT. Segunda-feira sem falta tem que fazer. – Disse a professora.  
- Não, tu foste o único que não fizeste. – Afirmou a professora.  
- Ó João o teu texto de casa? – Perguntou a professora.  
- Então no intervalo ficas a fazer?!  
- Eu só quero saber o que fazes, não é o que não fazes! Disse a professora.

**Hora a que terminou a observação:** 15h30m.

**Notas:**

Eram 14h55m. Nesta altura a professora aproveitou para me dizer que há uns tempos atrás os alunos só estavam bem a apalparem as alunas, a levantar-lhes as saias. Comentou o despertar da sexualidade destes alunos que já têm 10/11 anos. Uma aluna, por exemplo, já é menstruada, sendo também hipertensa e tudo isso mexe com a personalidade deles. Então, para acabar com o tabu sexo, pôs os alunos a fazerem trabalhos de grupo com os temas: gravidez indesejada, as doenças sexualmente transmitidas: sida, hepatite C, sífilis e gonorreia. A professora contou que o comportamento deles melhorou bastante desde então.

A professora disse-me também que tinha falado com a mãe e o padrasto do João e que a mãe disse que já sabia que ele iria repetir o ano, porque se recusa a trabalhar.

## ANEXO 34

<b>Ficha de síntese da 6.ª observação</b>
<p><b>Data:</b> 29-04-05: Sexta-feira</p> <p><b>Hora a que começou a observação:</b> 16h15m</p> <p><b>Descrição da situação:</b></p> <p>Aula de Educação Física ao ar livre</p> <p>A professora reuniu os alunos em roda. Um deles não queria e a professora disse:</p> <p>- É aqui ou na sala! Então ele preferiu a aula de educação física. A professora mandou-os andar em bicos de pés. E todos obedeceram.</p>
<p><b>Comportamento do aluno:</b></p> <p>- Andar em cima dos calcanhares. Agora de costas. – Disse a professora. Começou a haver encontrões e confusão. O João sentou-se. Depois resolveu continuar os exercícios propostos. Alguns alunos começaram a correr, a imitar a pantera cor-de-rosa, inclusivamente o João. A professora puxou o João para ele fazer os exercícios e ele começou a gritar. O João e mais alguns alunos deitavam-se no chão e gritavam.</p> <p>- Metade dos alunos deitam-se, a outra metade não. Os que estão de pé vão saltar por cima dos que estão deitados! Mandou a professora. O João deitou-se no chão e gritava:</p> <p>- Ah, professora.</p> <p>Depois trocaram de posições, os que estavam deitados, saltaram sobre os que tinham saltado. Nesta altura, o João começou a jogar ao berlinde sozinho. Os outros iam fazendo os exercícios mandados pela professora e o João quase nem ligava ao que a professora dizia. O aluno B também não obedecia, sentou-se e começou a reclamar. O João começou a jogar “à bola” com uma garrafa de iogurte vazia, com outra aluna. A professora mandou formar 3 filas. O João continuava a jogar com a colega. Depois, começou a implicar com um colega. Saltou para cima das costas dele. Os alunos faziam o exercício proposto, à exceção do João e outro aluno. Entretanto, o João foi pôr-se no lugar que lhe competia e resolveu participar no exercício.</p> <p>Deste exercício todos gostaram e todos participaram, pois apelava ao espírito de competição. Era um exercício feito por equipas do qual saía um grupo vencedor. Os vencedores gritavam vitória. Mais um novo exercício. Todos participaram. A professora tentava explicar o novo exercício, mas eles não estavam com atenção. O João e mais</p>

alguns alunos estavam muito distraídos. No fim do exercício, os perdedores começaram a dizer que os outros tinham feito batota.

Mais um exercício. Houve novamente confusão. O João foi sentar-se. Entretanto, começou a subir pela rede da cerca.

O João encontrou uma amêndoa com casca e tentou abri-la partindo-a com uma pedra.

**Reacções/atitude da professora:**

- Todos sentados no chão! Disse a professora. Foi buscar o João e sentou-o no chão.

- Temos que saber ganhar e perder! Disse a professora.

A professora chamou o João para explicar o exercício seguinte. Neste todos participaram.

**Hora a que terminou a observação:** 17h05m

**Notas:**

A professora, no fim desta aula, queixou-se que se sentia muito cansada e que estas aulas a deixavam arrasada. Disse também que os alunos nunca se portavam bem, principalmente neste tipo de aulas ao ar livre.

## ANEXO 35

<b>Ficha de síntese da 7.ª observação</b>
<p><b>Data:</b> 11-05-05: Quarta-feira</p> <p><b>Hora a que começou a observação:</b> 13h35m</p> <p><b>Descrição da situação:</b></p> <p>No momento “ler, contar e mostrar”, um grupo foi ler o seu trabalho acerca dos animais. Os alunos que estavam no lugar interferiam constantemente. O aluno A estava fora do seu lugar. A professora mandou-o sentar várias vezes. Depois de alguma insistência ele sentou-se. O grupo continuou a sua leitura. Todos os alunos estavam dispostos em grupo.</p>
<p><b>Comportamento do aluno:</b></p> <p>O João estava a olhar para os elementos do grupo que estava a apresentar o trabalho. Uma aluna deitou-se no chão e depois levantou-se. À medida que o elemento do grupo lia o trabalho, ia dizendo o nome dos elementos que contribuíram para esse texto.</p> <p>Depois, veio uma aluna apresentar o seu trabalho. Um texto intitulado “A Primavera e os animais da Terra”. O João estava a olhar para a professora e a morder a tampa da esferográfica. Depois, olhava para a aluna que apresentava o trabalho.</p> <p>O João estava ora distraído, ora com alguma atenção.</p> <p>Houve algumas perguntas. O João estava com o dedo no ar para fazer uma pergunta, mas não chegou a fazer nenhuma. A professora explicou como as piranhas reagem e atacam uma presa.</p> <p>Nesta altura, o João estava a conversar com o colega do lado.</p> <p>- Eu tinha, mas já me esqueci. – Respondeu ele.</p> <p>O grupo do João foi o último a ir buscar o material para trabalhar. Este trabalho fazia parte do projecto “Educação sexual na Escola”. Um elemento do grupo do João foi buscar o trabalho, mas demorou bastante, pois estava em cima do armário. O João estava descontraído e muito distraído a falar com os colegas.</p> <p>O João, durante este tempo, limitava-se a olhar para os outros elementos do grupo que estavam a fazer uma pesquisa em livros. O tema do seu trabalho de grupo era “Sexo na</p>

adolescência”. Estavam todos a ver um livro sobre sexualidade e ao depararem com algumas imagens mais “chocantes” comentavam:

- Ai mãe! ... Dizia o João.

O João não participava activamente no trabalho. Os outros elementos do grupo iam trabalhando, pesquisando. O João limitava-se a olhar para o livro que um colega folheava e fazia comentários muito admirados. Eles estavam a comparar o aparelho sexual do homem e da mulher.

- Tenho. Respondeu ele.

Começaram a contar os pêlos de uma vagina que estava exemplificada num livro.

- Onze pintelhos. Disse o João.

- O bebé não faz chichi na barriga da mãe? – Perguntou o João ao ver uma imagem de um bebé na barriga da mãe. Mas os outros não responderam.

- Não querem os filhos? Perguntou o João admirado.

O João estava a olhar para o livro e disse:

- Eu sou este!

Os elementos do grupo do João começaram a brincar e a implicar com uma aluna que estava a trabalhar no computador. Começaram a brincar com berlindes. O João pôs cola na sua própria cabeça. Outro começou a tirar a cola da cabeça dele.

**Reacções/atitude da professora:**

- Ó João não tens nenhuma pergunta? Perguntou a professora.

- Não tem um pénis, você? Perguntou a professora ao João.

- Ainda bem, senão seria pior! Disse a professora.

- Pouco barulho, pouco barulho. Pedia constantemente a professora.

A professora mandou o João ao quarto de banho para ele tirar a cola.

**Hora a que terminou a observação:** 14h45m

**Notas:**

Quando telefonei à professora para combinar esta observação, ao contrário do habitual, que sempre tinha sido uma pessoa simpática e aberta, ela mostrou-se muito irritada pelas observações, chegando a referir que o João estava pior por causa disso, tendo no início das observações afirmado que ele comigo na sala trabalhava melhor e que eu deveria lá estar todos os dias. Pediu-me para acabar com as observações porque elas estavam a perturbar o funcionamento das aulas, indo contra o que me dizia no princípio

das observações, uma vez que eu antes ou depois de fazer a observação dava algum tempo de apoio ao aluno.

Quanto ao aluno, continua a evidenciar desinteresse pelas aprendizagens, parecendo querer provocar, quase em permanência, a professora, cujo comportamento sugere, por vezes, resposta idêntica.

**ANEXO 36**  
**GRELHA SÍNTESE DAS OSERVAÇÕES**  
**Comportamentos do Aluno**

Traços caracterizadores							
	1. <sup>a</sup> Obs.	2. <sup>a</sup> Obs.	3. <sup>a</sup> Obs.	4. <sup>a</sup> Obs.	5. <sup>a</sup> Obs.	6. <sup>a</sup> Obs.	7. <sup>a</sup> Obs.
Aluno distraído	X						X
O [...] estava inserido no grupo, a ver o que os outros faziam		X					
O [...] estava apático		X					X
O [...] começou a transcrever os trabalhos de casa.			X				
O [...] foi buscar o PIT			X				
O [...] foi buscar o material.				X			
O [...] correu atrás da [...] pela sala de aula.				X			
O [...] escolheu apagar o quadro					X		
O aluno questionado sobre o plano individual de trabalho (PIT), referiu que o tinha deixado em casa.					XX		
O [...] foi buscar o PIT, que estava por fazer, ao armário					X		
O aluno fez barulho					X		
O [...] não cumpre a indicação da professora e imita outros modelos						X	
O [...] começou a gritar						XX X	
O [...] começou a jogar ao berlinde sozinho						X	
O [...] subiu pela rede da cerca						X	

Morde a tampa da esferográfica							X
Ora distraído, ora com atenção							X
O [...] ao ver algumas imagens de um livro sobre sexualidade, exprimiu com admiração: “Ai mãe!”.							X
O [...] limitava-se a olhar para o livro e a fazer comentários, em vez de colaborar no trabalho com os colegas.							XX
O [...] contou onze “ <i>pintelhos</i> ” ( <i>sic</i> ).							X
E pronunciou: “O bebé não faz chichi na barriga da mãe?”							X
O [...] identifica-se com uma imagem do livro: “Eu sou este”.							X
O [...] pôs cola na sua própria cabeça							X

**Inferências:**

De acordo com o quadro comportamental do aluno, verifica-se que manifesta uma permanente instabilidade emocional que contribui para uma dificuldade em integrar-se activamente no grupo, revelando desconcentração, apatia, insegurança, desinteresse e alguma insubordinação. Por outro lado, revela curta reacção à frustração, não terminando, por isso, os trabalhos e desistindo com facilidade das tarefas que se encontra a produzir. Ainda procura iludir a professora afirmando que fez os trabalhos sem os ter feito. Pensamos, também, que uma carência afectiva de grau elevada condiciona o comportamento do aluno, pois, constantemente, ora procura chamar a atenção, ora se refugia em si mesmo. No contexto vivencial do aluno, é notória uma cultura de rua que, a nosso ver, poderia ser aproveitada pela professora, no sentido da valorização e do estímulo do aluno. Ainda podemos considerar que ele manifesta um sentimento de solidão contrariado pela sua excentricidade comportamental. Por vezes, consideramos nós, que este tipo de comportamento só poderá ser corrigido a partir do próprio comportamento e não pela negação do mesmo. No contexto vivencial do aluno é notória uma cultura de rua que, a nosso ver, poderia ser aproveitada pela professora, no sentido da valorização e do estímulo do aluno.

### Aspectos de aproveitamento

<b>Traços caracterizadores</b>							
	1. <sup>a</sup> Obs.	2. <sup>a</sup> Obs.	3. <sup>a</sup> Obs.	4. <sup>a</sup> Obs.	5. <sup>a</sup> Obs.	6. <sup>a</sup> Obs.	7. <sup>a</sup> Obs.
Trabalhos atrasados devido às suas conversas com colegas	X						X
O [...] não trabalhava, só olhava para os colegas		X					
O [...] disse que não sabia escrever.			X				
Ele foi ao quadro e parecia que estava a pensar.			X				
O [...] escreveu: “Eu gosto”			X				
O [...] apagou o que tinha escrito e escreveu: “Eu corro”			X				
“Eu corro de tarde”. Escreveu ele			X				
“Eu corro bem”. Escreveu ele			X				
O [...] recusou-se a terminar as fichas de avaliação.				X			
O aluno não fez o trabalho de casa					X		
O [...] resolveu participar no exercício						X	
O [...] está com o dedo no ar para fazer uma pergunta							X
<p><b>Inferências:</b></p> <p>Verifica-se que o aluno tem dificuldade em determinados trabalhos, devido à sua falta de concentração e falta de auto-motivação, situação que prejudica o seu aproveitamento. O aproveitamento do aluno, pensamos nós, é condicionado por factores intrínsecos à sua vivência de rua e sem o apoio essencial ao nível dos modelos familiares.</p> <p>Ainda se verificam indicadores de algum interesse evidenciado pelo aluno por actividades exteriores à escola. Neste sentido, pensamos que não houve a preocupação da professora em contextualizar a dinâmica de trabalho no âmbito de interesse do aluno.</p>							

### Atitudes para com a Professora

<b>Traços caracterizadores</b>							
	1. <sup>a</sup> Obs.	2. <sup>a</sup> Obs.	3. <sup>a</sup> Obs.	4. <sup>a</sup> Obs.	5. <sup>a</sup> Obs.	6. <sup>a</sup> Obs.	7. <sup>a</sup> Obs.
Teve um comportamento irreverente: “Já disse que não faço, não quero saber desta porcaria”.				XX			
Foi a pé coxinho até à professora para mostrar o trabalho.				X			
O [...] disse à professora que o tinha aleijado.				X			
O aluno fez uma birra com a professora, alegando que estavam todos contra ele					X		
O [...] não ligava ao que a professora dizia						X	
Conversa com a colega do lado enquanto a professora explica							XX
<p><b>Inferências:</b></p> <p>Há uma articulação conflitual entre o comportamento do aluno perante os colegas e face ao interesse pela escola e ao seu comportamento com a professora. Não se verificam atitudes de empatia entre ambos. A nosso ver, parece-nos que há respostas mútuas do comportamento “pagar com a mesma moeda”, situação que não beneficia nenhuma das partes. Ainda se verificam alguns indicadores que parecem indicar que o aluno gosta de se tornar vítima, procurando, deste modo, mais uma forma de chamar a atenção. Podemos considerar que a indiferença recíproca evidenciada pela professora e pelo aluno em relação ao processo educativo globalizador poderá, a nosso ver, condicionar o sucesso de ambas as partes.</p> <p>Deste modo, a nosso ver, o aluno revela uma “sintonia” comportamental em todas as dimensões observadas. Pensamos que, caso houvesse interesse por parte da professora em estimular o aluno para as aprendizagens, a partir do seu saber contextualizado, poderia ter contribuído para fomentar o interesse do mesmo pelas actividades escolares e, conseqüentemente, para o seu sucesso.</p>							

### Atitudes para com os colegas

<b>Traços caracterizadores</b>							
	1. <sup>a</sup> Obs.	2. <sup>a</sup> Obs.	3. <sup>a</sup> Obs.	4. <sup>a</sup> Obs.	5. <sup>a</sup> Obs.	6. <sup>a</sup> Obs.	7. <sup>a</sup> Obs.
O [...] disse que estava a brincar com o aluno D e depois o aluno C começou a bater-lhe.					X		
O [...] chamou “baleia” à colega					X		
O [...] começou a jogar “à bola” com uma garrafa de iogurte vazia, com outra colega						XX	
Implica com a colega						X	
<p><b>Inferências:</b></p> <p>Relativamente às atitudes do aluno para com os colegas, podemos considerar que se situam ao nível das atitudes para com a professora e no plano do seu interesse pela produção de aprendizagens. São relevantes expressões e comportamentos de “rua”, alguma agressão e provocação.</p> <p>Ainda podemos considerar que o aluno evidencia atitudes que irritam e destabilizam emocionalmente os colegas, gerando, por vezes, alguma agressividade recíproca. As suas energias, algo descontroladas e descompensadas, poderiam estabelecer um sistema cooperativo, a partir da valorização de algo positivo. A “implicância” permanente poderia deixar de fazer sentido, se ele assumisse posições de responsabilidade no grupo.</p>							